

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL - PPGDS

THAISA MARIA FONSECA ALMEIDA

***“EU SEMPRE QUIS APRENDER A LER E A ESCREVER, MAS MEU
LÁPIS FOI A ENXADA E MEU PAPEL A TERRA” :***
MEMÓRIAS DE VELHAS NO SERTÃO ROSEANO – RIBEIRINHO do
São Francisco.

MONTES CLAROS - MG
DEZEMBRO DE 2022

THAISA MARIA FONSECA ALMEIDA

***“EU SEMPRE QUIS APRENDER A LER E A ESCREVER, MAS MEU
LÁPIS FOI A ENXADA E MEU PAPEL A TERRA” :***
**MEMÓRIAS DE VELHAS NO SERTÃO ROSEANO – RIBEIRINHO do
São Francisco.**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Social junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

Orientadora: Dra. Andréa Maria Narciso Rocha de Paula.

MONTES CLAROS - MG

DEZEMBRO DE 2022

A447e Almeida, Thaisa Maria Fonseca.
“Eu sempre quis aprender a ler e a escrever, mas meu lápis foi a enxada e meu papel a terra” [manuscrito]: memórias de velhas no sertão Roseano-ribeirinho do São Francisco / Thaisa Maria Fonseca Almeida. – Montes Claros, 2022.
140 f. : il.

Bibliografia: f. 113-115.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2022.

Orientador: Profa. Dra. Andréa Maria Narciso Rocha de Paula.

1. Idosas - Narrativas pessoais. 2. Vida ribeirinha. 3. Rosa, João Guimarães, 1908-1967 - Crítica e interpretação. 4. Ponto Chique (MG). I. Paula, Andréa Maria Narciso Rocha de. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: memórias de velhas no sertão Roseano-ribeirinho do São Francisco.

THAISA MARIA FONSECA ALMEIDA

***“EU SEMPRE QUIS APRENDER A LER E A ESCREVER, MAS MEU
LÁPIS FOI A ENXADA E MEU PAPEL A TERRA” :***
**MEMÓRIAS DE VELHAS NO SERTÃO ROSEANO – RIBEIRINHO do
São Francisco.**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Social junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social / PPGDS da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.

MEMBROS DA BANCA:

Dra. Andréa Maria Narciso Rocha de Paula /PPGDS-Unimontes – Orientadora

Dra. Felisa Cançado Anaya /PPGDS-Unimontes

Dra. Joycelaine Aparecida De Oliveira /CEPAE-UFG

MONTES CLAROS - MG

DEZEMBRO DE 2022

Então, em fim de vencer e ganhar o passado no presente, o que ele se socorrera de aprender era a precisão de transformar o poder do sertão - em seu coração mesmo e entendimento. Assim na também existência real dele sertão, que obedece ao que se quer. - "Tomar para mim o que é meu..." Como o que seja, dia adiante, um rio, um mato? Mil, uma coisa, movida, diversa. Tanto se afastar: e mais ver os buritis no fundo do horizonte. (Buriti, JGROSA)

AGRADECIMENTOS

“Deram de encarcerar os rios. Rio é vivente bruto, é medida de tempo. Tempo às vezes avança, às vezes encalha. Rio dá voltas. Retrocede feito bicho. Urde rebojos. Trabalha funis enlouquecidos. Mergulha em noites sem termo. Mas rompe. Sempre sabe encontrar os desvãos, as fendas para seguir seu curso, como a vida” (Autor desconhecido).

À minha orientadora, Andrea, Deia, Dea. Que até o último tempo de escrita, mas também de angústia, esteve presente e está presente. Déa me orienta enquanto educadora, em como eu venho vendo e lendo o mundo, não me esqueço da maneira com que ela chama a atenção de ir para além da psicologia, de observar as paisagens e de deixar fluir. Muito do aperto, com a dureza da academia, foi possível com ela, ela *bem sabe*, pois, foi quem me apresentou o escritor do sertão que também guia este trabalho, e pessoas do sertão e de outros lugares do mundo, como seus outros orientandos.

A essas pessoas amigas que estiveram sempre presentes no possível de cada um, naquilo que a gente foi tecendo e trocando, sobre perdas e celebrações, que me mostraram *que o sertão está em toda parte*, desde os colegas e amizades do mestrado: à “dupla de três” – Nat e Y, ao grupo da fofoca e escrita - Mary, Mari, Dan, Calvin, Kika e Amanda, do cuidado holístico – Carine e Rô, e aos amigos reunidos por Dea, do Opará-Mútum – Clara, Duda, Ceci, Lá, Adinei, Ana e Pedro. E às amigas de outras vidas, de longa travessia, das terras do passado que ainda tem morada: Andreza (fina), Rafa, Jaque, Thi, Yara, as Ana’s (da escola e da faculdade) e Luisa.

À banca de qualificação e defesa que, mesmo em pleno fim de ano, nos últimos momentos, dentro de cada disponibilidade, aceitou o convite de ler este trabalho, nas considerações do que pode ser corrigido, melhorado, e com o que vou colher de aprendizado.

À minha família e a todas as velhas e velhos moradores, os novos, também, conterrâneos, de Ponto Chique, que me mostraram que o sertão é onde *o pensamento da gente é maior que o poder do lugar*. Em vários pontos do sertão que estive, me senti como em casa de alguma forma, a partir de uma fruta, comida, ou uma prosa. Aos meus pais, Jackson e Joyce, meus informantes do cotidiano, meus professores, também, na tessitura deste trabalho. E àqueles que fazem que as casas em que estive morando, nesses tempos de pandemia, tornassem lares: minhas tias Bartira e Japi, e vovó Ceição, meus irmãos Natalia e Tales, e aos moradores das cidades onde estive que me receberam: Mari, Gra, Lorena e Dona Lia, em Campo Azul, Pri, em Brasília de Minas, Deza, em Jequitaí, Dona Elmita e Miriam, em Chico Dumont.

Aos mestres e mestras da aprendizagem que foram minha consulta durante quase todo esse trabalho: Bosi, Brandão e Benjamin.

Ao rio São Francisco, para onde precisei retornar, e a todos que o protegem, convivem com ele, vivem dele, e contam sobre ele, às velhas ribeirinhas e, por isso, a todos os velhos e velhas que perdemos com a e na pandemia, mas que continuam nas nossas memórias. Àqueles que eu possa ter me esquecido aqui, mas que não possuem sua importância significada nos agradecimentos deste trabalho.

A todos nós, sobreviventes da pandemia. Que seja sempre possível encontrar coragem, o que *a vida requer*.

RESUMO

O objetivo neste trabalho foi analisar a função social das narrativas das mulheres velhas ribeirinhas, do município de Ponto Chique – MG, sobre a categoria lugar, sertão, e a relação com as narrativas sobre velhice presentes em personagens de novelas roseanas do Autor João Guimarães Rosa. Escolhemos como caminho metodológico a pesquisa qualitativa sob o enfoque da narrativa, com a utilização da fenomenologia, considerando o lugar da experiência como fonte de reflexão cultural. Utilizamos as seguintes técnicas metodológicas: autoetnografia, diários de Campo, figuras, diálogos com moradores da cidade, rodas de conversas, entrevistas abertas com velhas, análise de livros de escrituração de um velho da cidade. Guiamo-nos, principalmente, pelos estudos de Carlos Rodrigues Brandão e Eclea Bósi sobre velhice no rural e urbano. Elencamos a categoria “sertão” e “narrativa” por uma escolha política: “sertão”, dentro da tradição Roseana, no que inscreve à gente sertaneja, e, “narrativa”, pela contribuição de Walter Benjamin de pensar o lugar da narrativa na história. Valemo-nos da categoria “velhice”, dentro de uma perspectiva sociológica, como considerado por Marilena Chauí. Consideramos que as narrativas revelam escutas silenciadas, como formas de pensar a relação entre global/local, e, na função social da velhice nos sertões, funcionam como “guardiãs” da memória.

Palavras-chave: Narrativa; Sertão; Velhice; Ponto Chique; Buriti; Norte de Minas Gerais.

ABSTRACT

The objective of this work was to analyze the social function of the narratives of the old riverside women of the municipality of Ponto Chique - MG, on the category place, “sertão” and the relation with the narratives about old age present in characters of Roseana novels by the Author João Guimarães Rosa. As a methodological path, we chose qualitative research from a narrative perspective, with the use of phenomenology, considering the place of experience as a source of cultural reflection. We used the following methodological techniques: autoethnography, field diaries, figures, dialogues with city residents, conversation circles, open interviews with old women, analysis of bookkeeping by an old man in the city. We are mainly guided by the studies of Carlos Rodrigues Brandão and Eclea Bósi on old age in rural and urban areas. We listed the category “sertão” and “narrative” due to a political choice: “sertão” within the Roseana tradition in which the “sertaneja” people are included, and “narrative” due to Walter Benjamin’s contribution to thinking about the place of narrative in history. We use the category “old age” within a sociological perspective, as considered by Marilena Chauí. We believe that the narratives reveal silenced listening, as ways of thinking about the relationship between global/local, and the social function of old age in the “sertões”, functioning as “guardians” of memory.

Key words: Narrative; Hinterland; Old age; Chic Point; Buriti; North of Minas Gerais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PONTO CHIQUE.....	32
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: BARCO NO RIO SÃO FRANCISCO, EM PONTO CHIQUE.....	14
Figura 2 e 3: LIA E ALÊIXO, CASAMENTO EM 1952 E EM 2014	18
Figura 4: REGISTRO DE RODA DE TCI	26
Figura 5: GRUPO FOCAL.....	27
Figura 6: PORTO DE PONTO CHIQUE NA AVENIDA SÃO FRANCISCO	31
Figura 7: MARIA DA CONCEIÇÃO	33
Figura 8 e 9: CORETO DE PONTO CHIQUE.....	35
Figura 10: CHEIA DO RIO SÃO FRANCISCO NA AVENIDA SÃO FRANCISCO EM 1982	35
Figura 11: MERCANTIL PONTO CHIQUE EM 1998.....	36
Figura 12 e 13: ALÊIXO E LIA E SEUS 11 FILHOS, NA FAZENDA DA COSTANEIRA EM 1961 E EM PONTO CHIQUE EM 1992	37
Figura 14 e 15: MERCANTIL PONTO CHIQUE E CASA DE LIA E ALÊIXO, EM 2022 E EM 1992	39
Figura 16: CONCEIÇÃO, LIA E ALÊIXO EM 1995	40

Figura 17 e 18: IGREJA DE SANT'ANA, EM 2012 E EM 2022.....	47
Figura 19: BATUQUE DA CAPINA	48
Figura 20: FOLIÃO NA CASA DE UM MORADOR	49
Figura 21: MARIA RODRIGUES (LIA) LAVANDO ROUPA NA BEIRA DO RIO	56
Figura 22 e 23: LIA SAINDO DO QUARTO DOS BISCOITOS EM 1998 E FAZENDO TRICÔ EM 2022	59
Figura 24: REGISTROS DAS RODAS, NO PREPARO DO CONTAR	62
Figura 25: DESENHO DE UMA CASA POR OUTRA LIA	64
Figura 26: AS MULHERES E AS IMAGENS NAS PAREDES	65
Figura 27: REGISTRO DAS RODAS, NO CANTAR	66
Figura 28: ESTÁTUA NO MUSEU DA INDONÉSIA: BEHÚ IAWÓLÕ	70
Figura 29: MAURITIA FLEXUOSA, O BURITI	74
Figura 30 e 31: FAIXADA CENTRO DE CONVIVÊNCIA E QUINTAL DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA	75
Figura 32: PLACA COM FRASE DE JGROSA SOBRE SER FABULISTA	84
Figura 33: VIVENTES DO BURITI: COLAGEM VIRTUAL DE GRAVURAS	86
Figura 34: MULHER VELHA NA FAZENDA DA COSTÂNERA.....	89
Figura 35: CHEIA DO RIO SÃO FRANCISCO EM PONTO CHIQUE	91
Figura 36 e 37: PINTURA A VIRGEM E O MENINO COM SANTA ANA	98

LISTA DE MAPEAMENTOS

Mapeamento 1: Livros de Escrituração de Alêixo

Mapeamento 2: Narrativas Buriti

LISTA DE SIGLAS

JGROSA – João Guimarães Rosa

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

TCI – Terapia Comunitária Integrativa

SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
O lugar de Ponto Chique na pesquisa sobre narrativa de velhas.....	16
Objetivos e o lugar da literatura roseana.....	22
A fenomenologia na pesquisa sobre narrativa.....	23
Percurso da pesquisa.....	25
Estrutura da dissertação.....	29
CAPÍTULO 1 – APORTANDO EM PONTO CHIQUE	31
1.1 – Nas margens da narrativa e da memória.....	40
1.2 – No curso da história de Ponto Chique	45
CAPÍTULO 2 – ENTRE MARGENS: AS VELHAS DE PONTO CHIQUE E A VELHICE EM BURITI	56
2.1 – Sertões: seco, molhado e feminino	57
2.1.1 – Nas margens da história e da narrativa.....	59
2.1.2 – Nas margens das narrativas do Campo.....	62
2.1.3 – Nas margens das narrativas de Buriti	66
2.2 – No curso das narrativas do Campo	74
CAPÍTULO 3 – O CURSO DAS NARRATIVAS DAS VELHAS NOS SERTÕES	86
3.1 – Na literatura roseana e em Ponto Chique: no curso dos tempos da história.....	88
3.1.1 – O Buriti, símbolo da morte e da vida: primeiras narrativas.....	94
3.1.2 – O Buriti, símbolo da cultura feminina no sertão: narrativas das primeiras memórias	98
3.1.3 – O Buriti, símbolo da história: narrativas sobre a roça e a fazenda nos tempos de ser escravo.....	102
3.2 – O curso das narrativas de ter sido vivente de outro tempo: a função social da memória de velhas sertanejas.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109

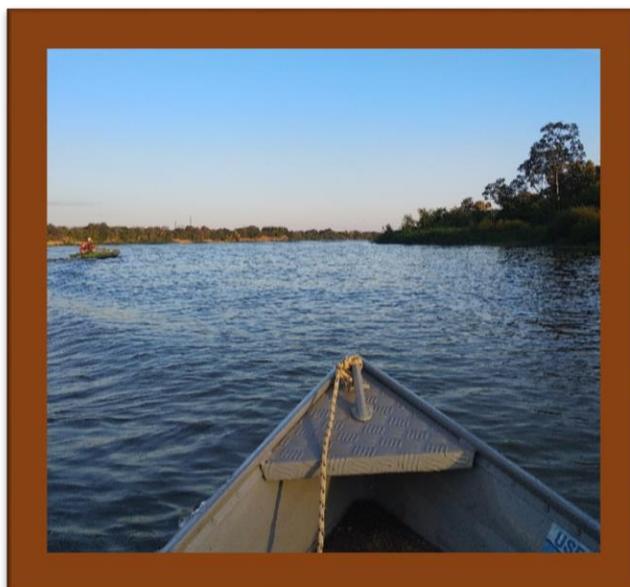
REFERÊNCIAS 112

APÊNDICES 115

INTRODUÇÃO

nós, (...) do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narra estórias que corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens.(JGROSA, 1965)¹

Figura 1: Barco no Rio São Francisco, em Ponto Chique



Fonte: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2021.

Em uma das muitas estórias narradas pelo escritor João Guimaraes Rosa, existia uma criança em um ponto do sertão que encontrava beleza no lugar onde cresceu, seu nome era Miguilim. O menino Miguilim teve que lidar com as questões da família, do trabalho e com a morte desde muito cedo. Nomeava as pessoas, os bichos, os lugares, estabelecendo relações com a lua, o mato e o mar (que não conhecia). Miguilim não entendia porque sua mãe Nhanina não enxergava aquele lugar como ele, porque seu pai trabalhava tanto para conseguir sobreviver, e nem como que a vovó Izidra tinha tanto poder sobre todos: “E tanto, até o pai parecia ter medo de Vovó Izidra” (JGROSA, 1984, p. 18). O mundo de Miguilim é narrado: seu mundo no sertão, o Mútum, como seu universo particular. São dramas familiares e com o lugar no que ele procurava uma narrativa que visse aquele lugar como se fosse para confirmar

¹ Em entrevista cedida à LORENZ, no “Congresso de Escritores Latino-Americanos”. Disponível em: <https://blog.clippingcadc.com.br/cacd/entrevista-com-guimaraes-rosa/>. Acesso em: nov. 2021.

alguma coisa: "... alguém que já estivera no Mutum, tinha dito: - É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre..." (JGROSA², 1984: 13).

Quando, um dia, chega um médico e coloca um óculos de grau em Miguilim. Mas não era daquilo que ele carecia para ver beleza ali, e antes de ir para a cidade para estudar, Miguilim parece pedir permissão para sua mãe, a mulher que, por ela, se via mais na cidade, para onde seu filho estava partindo: "-Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve o poder para te dar. Vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram..." (Ibidem: 140).

Miguilim é o personagem da narrativa Roseana intitulada "Campo Geral", presente no livro "Manuelzão e Miguilim". Obra publicada pela primeira vez em 1956, no livro "Corpo de Baile", sendo a primeira novela a aparecer em uma coletânea de narrativas, por isso, é considerada uma novela solar³. A última novela do livro "Corpo de Baile" (1956) é "Buriti", considerada uma novela lunar: "o sertão é de noite" (JGROSA, 1988, p. 2), é a história de Miguilim já adulto, agora Miguel, que em diversos momentos do livro rememora sua mãe. À maneira como a natureza atravessa a trama se presentifica no modo de lembrar de Miguel, ao associar o jeito de sua mãe com a personagem Maria Behú, uma das duas filhas do fazendeiro Iô Liodoro: "Tinha-se de aceitar, sonso verdezinho capim, medrando grau em grão, um diferente amor por Maria Behú, uma precisão de demorar amiúde perto dela, que punha bom-olhado. O que nos olhos envelhece. Seu olhar envelhecia as coisas?" (JGROSA, 1981, p. 45).

Entre "Campo Geral" e "Buriti", novelas sensoriais, o tempo nos marca na relação com os lugares, como os nomeamos, quais lembranças esses nomes guardam, e o que esses lugares dizem de suas gentes. A trama natureza/narrativa apresenta a tentativa de apreender como as gentes sertanejas narram o sertão. Como o sertão é narrado?

Se "Campo Geral" possui a centralidade da narrativa no personagem Miguilim, em "Buriti", encontramos-nos com Miguel, na primeira e terceira partes da trama, e com Leandra – uma mulher que veio da cidade, na segunda e maior parte da trama. O livro "Corpo de Baile" foi dividido em três livros, enquanto "Campo Geral" fez parte de "Manuelzão e Miguilim", "Buriti" fez/faz parte de "Noites do sertão". Nesses diferentes lugares, do sertão, que são

² JGROSA: João Guimarães Rosa

³ Solar e lunar são apologias ao sol e à lua como metáforas da vida, como do começo e do fim – o sol como representação do começo da vida assim como é o começo do dia, e a lua como representação do final da vida assim como é o final do dia. Esses elementos, do começo e do fim, surgem também nas tramas das narrativas.

narrados, encontramos-nos com o sertão por quem é olhado, como na novela solar: “Vovó Izidra quase vez nenhuma abria a janela, ela enxergava no escuro” (JGROSA, 1987, p. 18).

Na novela lunar, encontramos a Vovó Maurícia, que surge na lembrança da família e nos ritos: “esse rito final do fôgo sempre pertencia de direito à Vovó Maurícia... - "Minha mãe-que Deus lhe ponha mais saúde-... conforme que está la, nos nossos Gerais...". Assim a festa findara” (JGROSA, 2013, p. 41). Maurícia, que é sempre lembrada, possui no seu nome já a associação com a palmeira de Buriti, que tem como um dos seus nomes científicos *Mauritia*. Maurícia é a velha que é sempre lembrada por todos, em momentos importantes para a família e para a comunidade, como o esboçado nos trechos transcritos. Assim, Maurícia aparece na trama quase como uma entidade, pois, de maneira presencial, a velha nunca se mostrou presente na narrativa, apenas nas memórias dos personagens que a possuem como uma referência. Observamos a presença das duas velhas – Izidra e Maurícia, nas duas novelas, na dimensão afetiva e social na relação com a família, mas, também, encontramos a velhice e outras velhas, de outros modos.

“As pessôas mais velhas conversavam, do que havia entre o mato e o campo... O mato do Mútum é um enorme mundo preto, que nasce dos buracões e sobe a terra..” (JGROSA, 2013, p. 12). Encontramos velhas que surgem desse mato, velhas em pontos diferentes do sertão, e velhas que surgem nas memórias dos que contam: nos esbarramos de formas diferentes na relação da velhice com os sertões e a relação com o lugar e as marcas dessa simbiose. Como a velhice torna significativa na passagem do tempo? Embarcamos nessa descoberta com as velhas de Ponto Chique, na medida que suas histórias se aproximam da literatura roseana e da minha enquanto moradora e neta de velhos que cresceram e vivem em lugares do sertão norte-mineiro.

Essas velhas estiveram presentes com a gente em rodas, no grupo focal, e no cotidiano na minha relação enquanto moradora de Ponto Chique. Presentes na minha história, como a que protagoniza a fala do título desse trabalho. Embarcamos e navegamos pelas águas dessas temporalidades. Com elas, velhas que na relação com o sertão vivido e vivo, e ribeirinho, contam o que viveram nos *tempos da escravidão* e nos tempos da pandemia.

Velhas que residem em Ponto Chique, município do Norte de Minas Gerais, que têm como marcador identitário a cultura sertaneja. Pois, se JGROSA escreve o sertão, e podemos ler sobre ele na sua literatura, é porque também foi vivente nele - assim como as velhas que vivem nesse ponto do sertão norte mineiro e acessam outras temporalidades ao narrarem suas memórias com esses lugares, nas roças, nas fazendas, entre as cheias do rio, e no mato.

O sertão vivido por elas se encontra, então, no que elas acessam nas suas memórias do sertão vivo, dos tempos de antes, e o que daqueles tempos as marca no agora. Tempos que não podiam estudar, devido à necessidade imposta pelo trabalho, e que, por isso, encontraram outras maneiras de registrar seu passado, como nos contando.

O Lugar de Ponto Chique na voz de suas velhas

No começo da escrita do projeto de dissertação do mestrado, eu tinha o desejo de aprender a costurar. Acredito que essa manifestação se desdobrou na própria relação com a pesquisa, diante das modificações que tiveram que ser realizadas a partir de intempéries, como a pandemia⁴. Foi na costura dos acontecimentos, na experiência com a pesquisa, que o possível foi confeccionado, similar ao defendido por C.W. Mills (2009) sobre artesanato intelectual, nas tentativas de levar a experiência ao nível da reflexão, nesse esforço contínuo do trabalho intelectual com a experiência de vida, naquilo que esse resultado e o percurso deste trabalho pode também transformar o sujeito que escreve.

As novelas que compõem a obra “Corpo de Baile”: “Campo Geral” e “Buriti”, foram escritas pelo escritor sertanejo João Guimarães Rosa. Desde criança, de acordo com seu tio Vicente Guimarães (2006), Joãozito (como era chamado) se interessava pelas histórias das gentes do lugar onde morava: Cordisburgo/MG. A paixão dele pela linguagem já era sinalizada aí: ele anotava as palavras, os dialetos daquelas gentes que ele também se identificava.

João Guimarães Rosa escreveu sobre o “sertão” de um tempo que eu não vivi, das décadas de 60 à 70 do século XX, mas onde meus avós cresceram. Minhas avós materna e paterna. Duas Marias, que cresceram em pontos diferentes do sertão norte mineiro: uma no Vilarejo da Pitinha (atual município de São João da Lagoa/MG) e a outra no município de Campo Belo (atual município de Campo Azul/MG). As duas saíram de seus lugares por motivos diferentes. E, nessas diversas mobilidades, constituíram a família sertaneja que pertencço.

Para Paula e Brandão (2007), a saída de Miguilim, para estudar na cidade, representa a realidade de muitos migrantes da região do Norte de Minas Gerais, a busca por sobrevivência, como uma necessidade, onde a cidade se torna o lugar de possibilidade. Mas o sentimento de pertencimento a um lugar continua naquilo que se lembra sobre ele, naquilo que o marcou. Assim como o personagem roseano de Miguilim, observo que o lugar em que eu cresci foi

⁴ A pandemia, como apontaremos de forma mais contextualizada adiante, impôs algumas modificações que tivemos que tomar, como adiamento de prazos em decorrência de nossos sujeitos de pesquisam comporem parte do grupo de risco.

Ponto Chique, para onde uma das Marias mencionadas por mim levou sua família, e lugar onde conheci o Rio São Francisco. “O lugar é a casa, as relações de família, a terra, o município de origem, as raízes, enquanto o espaço, as idas e vindas, significam o mundo, o trabalho temporário, a possibilidade, a expectativa, à vontade de retornar sempre para o lugar da casa” (PAULA e BRANDÃO, 2007, p. 18).

Ponto Chique foi o meu primeiro lugar no mundo, onde me encontrei não somente nas minhas lembranças, mas naquilo que as duas Marias narravam sobre este lugar, e naquilo que JGROSA escrevia. Fomos para Ponto Chique no ano do meu nascimento (1996), poucos meses depois da emancipação do município. Dois anos depois (1998), foi proclamada a *lei que aprovou a gratuidade dos serviços de registro de nascimento*, fato que consta nas anotações dos Livros de Escrituração de Sêu Alêixo⁵, meu avô e meu interlocutor nessa pesquisa. Morador de Ponto Chique desde a década de 80, Seu Alêixo registrou acontecimentos diversos sobre a cidade e sobre o mundo: *Calendário de Ocorridos, Dólar Controle, Chuvas, Doenças das pessoas que procuram remédios, Gado vendido, Preços – do Tempo do Congelamento, Preços de Remédios, Notícias de Rádio e Televisão...* Nos livros de escrituração, como ele chama, ele foi registrando acontecimentos do lugar e acontecimento da região, do país e do mundo. Seu Alêixo, meu avô, foi minha primeira fonte de conhecer o mundo.

⁵ Os livros eram como Alêixo nomeava os cadernos que ele escrevia e descrevia eventos e assuntos diversos, como mencionaremos no trabalho e como pode ser observado em um dos Anexos. O termo “escrituração” foi utilizado aqui, pois envolvia um movimento dele de observar os acontecimentos e registrar de forma meticulosa, já que cada caderno, de acordo com seu objetivo estava organizado de uma maneira (ex.: os registros das chuvas continham tabelas, os registros da escolaridade dos filhos continham atividades de alfabetização) . Cada caderno contém uma capa com o título e a numeração, já que cada um possuía suas sequências (ex: Livro I Medicamentos, Livro II Medicamentos). Os cadernos também eram datados no momento de sua abertura, presente na contracapa (ex: Este livro foi aberto no dia X e é continuação do livro X). Todos os registros, além do presente na contracapa, foram datados. Os cadernos foram encontrados em um local da casa, em Ponto Chique, onde viveu até a data do seu falecimento.

Figura 2 e 3: Lia e Alêixo, casamento em 1952, e no ano de 2014.



Fonte: Redes Sociais da família Almeida, 2022.

Assim, eu comecei a acessar a história, na relação com o global, e o local sobre Ponto Chique. Comecei a compreender o município ribeirinho de Ponto Chique como um lugar de gente que relacionava com outros mundos de “fora”, a partir das mobilidades das gentes, e na maneira com que diferentes narrativas circulavam. Se na década de 70, nessa região do Norte de MG, as matas começaram a serem exploradas em detrimento de incentivos governamentais, em 1990, encontramos um projeto de modernização, repercutindo na atividade agropecuária da região. Nos Livros de Escrituração de Alêixo, encontramos o surgimento de Livros que descrevem relações de compra de gado (nos anos de 1980 e 1994) e fenômenos de desenvolvimento da cidade como: a *chegada da primeira remessa de telefones ligados* em janeiro de 1999, e do *dono da firma do asfalto* no mesmo ano.

Em 2020, Ponto Chique e o mundo enfrentaram a pandemia: de Covid-19. Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) identificava alguns casos dessa doença, quando em janeiro de 2020 foi declarado situação de emergência de saúde pública internacional. “Para que se tenha uma ideia da velocidade de contaminação e da gravidade desse vírus, no mundo, em 31 de março de 2020 existiam (...) 40.842 mortes, havendo um aumento, após seis meses, em 27 de setembro de 2020, para (...) 995.352 mortes” (SOUZA et al, p. 548, 2021). Sabíamos sobre quem eram as perdas em Ponto Chique toda vez que o sino da igreja Sant’Ana, a igreja localizada na praça central da cidade, tocava, sempre que há algum falecimento, o sino é tocado.

Em junho de 2020, foi instituído no município um Plano de Flexibilização de Atividades Comerciais e Medidas de Proteção à Coletividade. Em 2022, vimos a Pandemia chegando ao seu “fim”, já que ao certo, não podemos dizer ainda que “acabou”, já que a dimensão

espaço/tempo não pode ser mensurada, nos seus efeitos sobre a subjetividade, como fatos históricos os são – ainda estamos na fase de elaboração do que foi esse período... Mas se é falando, escrevendo, que se elabora, encontramos na velhice não somente um dos grupos mais fragilizados e afetados pela pandemia, como também vemos nas suas narrativas possibilidade de trabalhar com a história na sua materialidade dialética.

Na Pandemia, assistimos narrativas sobre a morte, sobre o trabalho e sobre o adoecimento, vimos a ciência ser questionada, confrontada. A ciência enquanto discurso, naquilo que não poderia fornecer resposta para tudo, e cientistas em busca de respostas para salvar vidas, na disputa de narrativas com o governo Bolsonaro (2019-2022): “No primeiro momento da crise sanitária, o presidente defendia a narrativa de que o vírus COVID-19 era uma mera “gripezinha””. (SILVA, p. 1484, 2020)

As dúvidas e incertezas, diante do que somos e não somos na relação com a natureza, diante de um vírus que escancarava que o homem não tinha resposta para tudo. O homem da razão que encontra na astúcia a solução. Nessa relação, Adorno (1985) compreende Ulisses como o protótipo de homem burguês, o sujeito do Iluminismo, naquilo que enfrenta os deuses – metáfora da natureza, e encontra na razão/logos a saída para seus conflitos. Ulisses é visto como o símbolo do sujeito moderno, no que é anunciada a supremacia da razão diante da magia.

A crise do sujeito da ciência, da racionalidade, foi apresentada a partir de tematizações da primeira geração da Escola de Frankfurt, tendo Adorno e Horkheimer (2002) como suas representações. Eles localizaram o nascimento do conceito de subjetividade ou do sujeito moderno com o surgimento da propriedade privada e inauguram a perspectiva crítica no saber científico como forma de pensar a sociedade, considerando tanto a dimensão subjetiva da realidade quanto a dimensão objetiva da subjetividade. Ilustra essa relação subjetividade/objetividade, homem/natureza, mito/razão, na maneira que esse herói da mitologia grega supracitado, encontra na astúcia (razão), soluções para as intempéries que se apresentam.

Na cisão homem/natureza, Krenak (1992; 2021) aponta para a maneira com que a Pandemia (2020) pode mostrar as expectativas e o poder em torno do discurso científico, na maneira com que ele é usado como ferramenta, já que a Pandemia (2020) não afetou os animais ou as plantas. A pandemia foi e tem sido momento de reflexão nas mais diversas dimensões da vida coletiva e individual, no fazer da pesquisa, como ao dialogarmos com velhos em um pequeno município de beira rio, em que foi possível vivenciar junto e com eles e elas, os dramas e tramas impostos pelo isolamento social.

Nossa pesquisa dialoga com velhos do lugar, com personagens sertanejos de JGROSA e nessa perspectiva refletimos sobre o sertão e a narrativa.

No seu último livro publicado, depois de falecido, Castoriadis (2004) compreende o sistema capitalista enquanto primeiro sistema totalizante e totalizador na dimensão do controle subjetivo, enquanto primeiro sistema “racional”: “ser racional (e não consagrado pela experiência ou pela tradição, dado pelos heróis ou pelos deuses etc.), foi propriamente instituído pelo capitalismo” (p. 91). Vimos isso na maneira com que o “sertão” e o “sertanejo” foi representado, nas suas múltiplas narrativas, na literatura e no discurso científico. O “sertão” interpretado como o lugar do arcaico, desde a Primeira República, quando as cidades se modernizavam de forma acelerada. O Estado-nação em antagonia a uma matriz tribal do Brasil, naquilo que Euclides da Cunha escrevia, na dimensão de uma geografia determinista (SENA, 1988).

É por isso que menos que um lugar geográfico, uma forma de organização social, uma percepção da diferença como função do espaço ou do tempo, o sertão é uma forma de ser, é aquilo, que, dentro de nós, nos distingue, ontem e permanentemente, como brasileiros. (SENA, 1998, p. 24)

Encontramos narrativas diferentes sobre o sertão e o sertanejo disputadas em espaços e tempos diferentes. Se pensarmos em uma distância temporal, nos aproximamos de uma narrativa global sobre o sertão, como descrito na literatura de Cunha (1902) - em “Os Sertões”, e de JGROSA (1956) – em “Grande Sertão: Veredas”. Mas se pensamos em uma distância espacial, encontramos sertões, afetados por um imaginário sobre o “sertão” desde a época do Brasil Imperial. Vemos como que a história, diante de quem a escreveu, funciona na maneira com que agencia narrativas sobre o local, mas é em decorrência do ser vivente que encontramos no ordinário a densidade para questionar o discurso. Aqui, compreendemos o “discurso” situado no mundo social, como aquilo apreendido pelas teorias críticas, na relação entre linguagem e poder, na maneira com que significantes marcam o sujeito, mas que podem ser contestados por ele, e na maneira com que um discurso pode ser usado por instituições sociais, na produção de subjetividades (LIMA e BASTOS, 2020).

Enquanto que adotamos a “narrativa” no lugar da experiência, de recapitulação de experiências passadas e como ponte de interlocução com o ser vivente, e possibilidade de adentrar na história a partir de um outro lugar, de uma outra perspectiva, suspender aquilo que se pensa que sabe da história. Benjamin (2008), na elaboração de uma teoria da história ou fenomenologia da memória, aponta para uma crítica da morte da experiência e da arte do narrar.

O autor faz uma defesa do narrar pelo prisma do fenômeno a partir do lugar de quem narra como uma ação reflexiva. Na escuta de quem narra, estão presentes todo um manancial de expectativas do não realizável do passado, e, portanto, um elo para a construção de algo no presente, de um possível, mas não pairado em um tempo amorfo, mas vinculado à histórias repletas de elementos e sentidos.

Nós (...) conhecemos algo que nenhuma experiência pode nos proporcionar ou tirar: sabemos que existe a verdade, ainda que tudo o que foi pensado até agora seja equivocado; sabemos que a fidelidade precisa ser sustentada, ainda que ninguém a sustentou até agora. Nenhuma experiência pode nos privar dessa vontade. Mas será que em um ponto os pais teriam razão com seus gestos cansados e sua desesperança arrogante? É necessário que o objeto da nossa experiência seja sempre triste? Não podemos fundar a coragem e o sentido senão naquilo que não pode ser experimentado por nós? (p.24)

Se a história oficial aciona e sustenta toda a dinâmica entre verdade, ideologia e poder, encontramos a função social da narrativa na velhice a partir do elo com a lembrança, e também para refletir sobre o discurso, na disputa pelo passado e pelo futuro: lembrar é trabalhar, re-fazer... Tanto na literatura Roseana como nas figurações sociais e nas gentes marcadas pela espoliação, pelo trabalho análogo à escravidão, existe o reconhecimento do que se viveu pelas gentes do sertão vivido.

Assim, adotamos a categoria “narrativa” por uma opção marcadamente política, a partir de um projeto defendido por Benjamin (2008), compreendendo o “desenvolvimento” na perspectiva crítica, considerando a narrativa dos que vivem e fazem o lugar como forma de construção da história viva e vivida. Optamos por escutar as narrativas que foram silenciadas das velhas moradoras e velho morador que demonstram a história do município de Ponto Chique. O silenciamento foi considerado dentro de marcos históricos que consideram a voz de um sujeito determinante, em detrimento do apagamento de outros sujeitos que também fazem parte da história, mas que não tiveram suas versões registradas. ⁶

O lugar da literatura roseana na pesquisa

A pesquisa teve como objetivo geral analisar as narrativas das mulheres velhas ribeirinhas sobre a categoria lugar e sua relação com as memórias presentes na literatura

⁶ Apesar de não ser o enfoque deste trabalho, temos como referência a discussão sobre silenciamento da autora Grada Kilomba. Em: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

Roseana. Nosso universo da pesquisa foram as “gentes sertanejas” de um município beira rio localizado no Norte de Minas Gerais – Ponto Chique, onde “colhemos narrativas” de velhas – no período de 2021 e até setembro de 2022, parafreseando Bosi (1994; 2003), e mapeamos narrativas sobre o envelhecer presentes nas novelas escritas por JGROSA, intituladas: Buriti (1988) e Campo Geral (2001). São as formas de narrar o sertão na sua materialidade e na sua poética: a partir das narrativas das mulheres velhas de Ponto Chique e das mulheres da obra de JGROSA. Nas análises dessas narrativas, nos valem das histórias e estórias que proporcionam um diálogo interdisciplinar e a compreensão do lugar através dos seus habitantes e da literatura, em campos distintos da sociologia, psicologia social, fenomenologia, geografia humanista e linguística.

No preparo da revisão sistemática da bibliografia sobre sertão, narrativa, memória, rural, literatura e ciência, embarcamos com autores e autoras que escreveram sobre o sertão do Norte de Minas Gerais, entre eles, Carlos Rodrigues Brandão, e sobre a velhice, com a autora Eclea Bósi. Bosi (1994; 2003), na sua pesquisa sobre memória social e coletiva, na “colheita” de memórias de velhos do urbano, enquanto que Brandão (1998) decide “colher” as memórias de velhos do rural. Como esses autores, compreendemos a velhice dentro de uma perspectiva sociológica. Para Bosi, os velhos são os grupos mais invisibilizados pela sociedade capitalista, pois não produz para esse sistema que privilegia o lucro gerado pelo trabalho braçal – logo, existe uma responsabilidade social para com a velhice: “nós temos que lutar por eles”, ao que diria também: “com eles” (p. 81).

Brandão (1998), a partir dos seus estudos sobre a literatura Roseana na relação com a sua pesquisa na escuta de gentes norte-mineiras, adotamos a categoria “sertão”, como naquilo que JGROSA contribui para a construção da mesma enquanto categoria epistemológica. Assim, se pensamos o “sertão” dentro do conhecimento científico enquanto discussão categórica, o descrevemos no local de Ponto Chique – o “sertão ribeirinho”, a partir das narrativas de velhas.

Eu me apoiei nesses estudos, que me auxiliaram a compreender melhor a escuta, enquanto psicóloga social e comunitária. Já havia desenvolvido alguns trabalhos na cidade de Ponto Chique, mas, ao retornar, em decorrência da pandemia de Covid-19, para a casa dos meus pais, eu me deparo com histórias desse lugar onde cresci. O fato de retornar, depois de mais de dez anos, para residir, me fez querer olhar para esse município de outra maneira: não somente como alguém do lugar, mas como pesquisadora.

Já morando em Ponto Chique, começo a leitura de Joao Guimarães Rosa e me deparo com duas novelas que narram acontecimentos subsequentes de vida de um mesmo personagem: “Campo Geral” e “Buriti”. Miguilim é o protagonista da primeira novela, que na sua meninice,

brinca no sertão do ‘Mútum’, e também observa os dilemas existentes no lugar: do trabalho análogo à escravidão e das relações de gênero. Começo a perceber o sertão a minha volta de outras formas, mas com semelhanças com o personagem. Assim como Miguilim, cresci no sertão, também retorno a trabalho para Ponto Chique, para desenvolvimento da pesquisa e nas oportunidades que surgiram dentro da minha profissão enquanto psicóloga.

Optamos por centrar em “Buriti” (1988), pela maneira com que outras narrativas aparecem, como também a velhice. Em “Buriti” (1988), as velhas aparecem do mato, da cozinha, da lembrança da mocidade. “Campo Geral” guiada pelo olhar de uma criança, e então prossegue em “Buriti” (1988), como continuidade de uma história de uma criança que retorna para o seu lugar depois de formado, na trama das relações sociais com os lugares existentes naquele lugar – para além da sua casa – espaço onde a novela primeiramente acontece.

Não pretendemos analisar a literatura Roseana, mas correlacionar suas narrativas com a das velhas com quem estivemos, sobre o viver no sertão. Importante destacar o valor da narrativa na literatura tanto para Cândido⁷, no que considera sua densidade em compreender a cultura, quanto para Barthes (1978), como maneira de debruçar-se de forma menos rígida sobre o saber de algo.

A Fenomenologia na pesquisa sobre narrativa

Para Martins (2004), fazer ciência dentro da metodologia qualitativa nas ciências sociais, reverbera nas identidades do pesquisador, a partir de um jogo de cintura com os diversos conhecimentos que se apresentam imbrincados no conhecimento científico. A autora nos leva a pensar sobre a nossa relação com o saber, quando situa o caráter político e social da ciência, e portanto, isenta de neutralidade, o que inclui a relação entre pesquisador e sujeito pesquisado.

Pensando a relação da experiência do pesquisar, com o objeto de estudo, Chauí (1979) observa a estética do discurso presente nas narrativas, na forma como o pessoal e o ideológico enquanto marcas culturais surgem. Chauí (1979) considera que o interesse e o lugar da narrativa residem em aceitar, que mil versões de histórias de vida de nada substituem uma teoria da história. Não é por meio das narrativas que se é possível deduzir uma teoria total que explique fenômenos econômicos ou políticos estruturais, mas é por meio delas que pode-se observar o quanto que o global também se manifesta em cada local.

Optamos pela fenomenologia, pelas surpresas recorrentes na quantidade de elementos

⁷ Citado por Sena (1998).

desconhecidas e reconhecidas na apreensão das histórias presentes nos territórios. O território vivo, no que toca na imensidão do que pode surpreender sempre. Pensemos na infinidade de trocas que acontecem a todo o momento em um lugar determinado, de símbolos, objetos, palavras. Tudo isso constitui um território: como as pessoas realizam suas trocas, entre si, com os lugares, como se modificam, como são modificadas, o que afeta e é afetado e como tudo isso é nomeado. As nomeações aparecem em cada universo de significação, em cada localidade que é também como um universo. Assim, Ponto Chique é nosso lócus para compreender como que cada velha nomeia essa cidade e como seus lugares fazem a descrição da cidade.

Escolhemos a fenomenologia enquanto ferramenta de pesquisa nas ciências sociais, por considerar a vivência como fenômeno e centrada na experiência. Nas variações do método fenomenológico, com apresentado por Spiegleberg (1982), encontramos desde a descrição e análise do fenômeno dentro de uma visão crítica, na investigação de suas essências gerais na utilização do imaginativo, nessa percepção, na captação da relação entre esse descritivo e do imaginativo, da suspensão das crenças anteriores sobre o fenômeno, e na interpretação de significados ocultos que ainda não apareceram. São os dados postos a priori sobre um fenômeno que é colocado em suspensão na apreensão desse mesmo. Apesar dessas várias possibilidades da investigação fenomenológica, a suspensão do avaliar e do juízo de valor e a interpretação das significações ocultas são normalmente adotadas pela fenomenologia hermenêutica, que considera que toda experiência humana é interpretativa.

Em decorrência disso, eu me apoiei, também, na Autoetnografia, que, dentro da tradição interacionista da Escola de Chicago, considera o lugar da experiência pessoal como fonte de reflexão cultural, a que começo traçando as histórias a partir das histórias dos meus avós: Maria da Conceição, Lia e Alêixo. Autoetnografia, enquanto recurso estratégico, exige reflexão constante do próprio eu em relação ao campo da pesquisa, pois não é um trabalho biográfico, e nem etnográfico. Na intercessão de elementos, sustenta-se em uma tríade: 1) de orientação metodológica de base analítica; 2) de orientação cultural de base interpretativa de elementos do vivido/memória, da relação pesquisador/objeto e de fenômenos sociais; e, 3) de orientação do conteúdo de base reflexiva. Recorremos, por esse viés, em decorrência da própria travessia com os objetivos e metodologias dessa pesquisa: de pesquisadora desse lugar (SANTOS, 2017).

Percurso da pesquisa

Desde que me formei em psicologia e enquanto estudante, a partir do ano de 2016,

comecei a realizar trabalhos por meio de um grupo de pesquisa (Grupo de Trabalho, Estudos e Pesquisa de Psicologia na Assistência Social/GTEPAS) em Ponto Chique. Ao retornar, no contexto de início do mestrado em Desenvolvimento Social, e da Pandemia de Covid-19 (2020), começo a realizar o Campo (2020) da pesquisa com narrativas e memória de velhos e velhas. O Campo aconteceu por meio de um projeto de escuta comunitária para atender um grupo de velhos e velhas acompanhados pelo Centro de Referência de Assistência Social/CRAS da cidade. O grupo em questão foi o Geracional, do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, que apesar de ser composto também por adultos, têm como maioria velhos e velhas.

Na construção desse projeto de escuta comunitária, utilizei da metodologia das Rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI)⁸. Fiz a formação em TCI (2018), ferramenta reconhecida dentro das Práticas Integrativas e Complementares- PIC'S do Sistema Único de Saúde – SUS, no Vale do Jequitinhonha. Apesar de ter surgido dentro do âmbito da saúde coletiva, a TCI é amplamente utilizada em vários equipamentos e instituições sociais como nos grupos do SCFV e em escolas. As Rodas foram realizadas no SCFV no ano de 2020, e dois anos depois, realizamos um Grupo Focal, no ano de 2022, com integrantes das rodas realizadas em 2020. O mapeamento e escolha das velhas foram realizadas em parceria com as trabalhadoras da Assistência Social que estiveram presentes comigo.

Outras metodologias grupais utilizadas foram acionadas, e por causa disso, utilizaremos a nomenclatura *Rodas de Conversa* para se referir ao primeiro momento da experiência com o Campo. Com relação às mulheres ribeirinhas, apesar do nosso recorte temporal se situar no momento pandêmico, no ano em que a pesquisa foi realizada – 2020 e 2022, seguimos o que Bosi (2004) e Thompson (1992) consideram na escuta de histórias, a de que o narrar segue seu próprio rumo, e por conta disso que a categoria memória é intrincada nesse narrar.

⁸ BARRETO, Adalberto. *Terapia Comunitaria Integrativa passo a passo*. Fortaleza: Gráfica, 2015.

Figura 4: Registro de Roda de TCI



Fonte: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2020.

Foram cinco Rodas de Terapia Comunitária, com um grupo de 30 velhos e velhas, sendo maioria velhas, em que tivemos temas geradores sobre o que o grupo foi propondo, variando entre infância, os tempos de antes e de agora, e a morte e o morrer; esses temas também vieram de inspiração de conteúdos que aparecem na literatura Roseana de “Campo Geral” no preparo da condução dos momentos em grupo. Essa novela foi utilizada por ter sido a minha leitura com JGROSA naquele momento, e surgiu como uma possibilidade de inserir a literatura Roseana nos momentos grupais. Quatro homens estiveram presentes nas Rodas, sendo três deles companheiros de velhas. As Rodas também contaram com a preparação do espaço naquilo que elementos puderam auxiliar na evocação da memória e acolhimento do grupo, como trechos da literatura roseana, músicas e figuras.

Após as Rodas, tivemos um amigo oculto artesanal como momento de confraternização, assinamos os Termos da pesquisa (TCLE), tiramos dúvidas e conversamos sobre o retorno da pesquisa e dos momentos em grupo. Tivemos que aguardar um momento, devido ao aumento do número de casos na pandemia, esperamos durante todo o ano de 2021. Retornamos no ano de 2022 com o Grupo Focal com o foco nos objetivos da pesquisa, e depois das considerações realizadas na qualificação da dissertação. Um grupo focal foi realizado com cinco das velhas presentes nas Rodas, considerando as contingências que tornaram possível o acontecimento do momento. De acordo com Gatti (2005), o Grupo Focal é uma proposta metodológica de trabalho em grupo visando a discussão de um tema específico; assim, diante de um roteiro semi-estruturado, o grupo focal contém perguntas giratórias, para que aquele assunto, dentro do grupo, possa ser observado, na maneira com que ele é compartilhado pelo mesmo.

Algumas recomendações para o Grupo Focal foram difíceis de serem seguidas, como a

escolha de integrantes que menos se conhecessem, já que é característico de município pequeno os moradores terem um grau de proximidade maior. Mas anterior à realização do grupo, conversei com as trabalhadoras do CRAS que estiveram comigo nas Rodas na indicação das velhas por histórias distintas, no desejo de quais pudessem querer continuar, na possibilidade da presença, e da comunicação. Esses foram os critérios de inclusão. Foi elaborado um convite e orientações às trabalhadoras que chamaram elas para a continuidade da pesquisa – mantive o contato por meio do CRAS pelo vínculo já construído com e entre o grupo. A orientação fornecida foi de que elas levassem figuras, com objetivos de auxílio na evocação da memória.

Figura 5: Grupo Focal



Fonte: OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, 2022.

O tema do grupo focal foi: história e memória. Assim, no primeiro momento, elas se apresentaram, falaram de onde vieram antes de Ponto Chique, há quanto tempo residem no município, e começaram narrando suas primeiras memórias. O segundo momento do grupo focal foi sobre a história da cidade, onde elas puderam dizer da relação delas com a cidade e seus lugares. Como apenas uma levou as figuras, mantivemos o foco nas narrativas. Nesse momento do Grupo Focal, tive o apoio de duas integrantes do Opará-Mútum⁹, duas Marias

⁹ Conforme o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (link espelho do grupo: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4421907621163503): O Grupo de Pesquisa Opará tem como objetivo principal analisar as culturas patrimoniais e os seus modos de vida cotidianas, seus saberes, valores e práticas realizados como diferentes dimensões de patrimônios materiais e imateriais das comunidades tradicionais norte-mineiras situadas no entorno e nas ilhas do Rio São Francisco (...) Contando com uma equipe multidisciplinar composta por estudantes e professores de graduação, mestrado e doutorado.

também: Maria Clara e Maria Eduarda, estudantes do curso de Ciências Sociais, que auxiliaram com observação de campo, figuras e transcrição.

Trajetória da Pesquisa			
Campo Rodas de Conversa	Novembro de 2021	Rodas de Terapia Comunitária Integrativa com cerca de 30 velhos/velhas	Temas geradores: literatura Roseana, tempo
Campo Grupo Focal	Agosto de 2022	Grupo Focal com 5 velhas e Diálogos com duas	Temas geradores: história, lugar e lembrança
Apêndices	No entremeio	Diálogos com moradoras, figuras, livros de escrituração, diálogos com trabalhadores da Assistência Social	Temas geradores: registros
Quadro Metodologias Utilizadas na Pesquisa Fenomenológica			
DE PESQUISA	DE REGISTRO		CRIATIVA
<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro contato com o campo: Rodas de TCI • Segundo contato com o campo: grupo focal • Apêndices: diálogos com moradores e velhas 	<ul style="list-style-type: none"> • Diários de Campo • Figuras 		<ul style="list-style-type: none"> • Autoetnografia – autorreflexão • Literatura • Figuras

Como alguns acontecimentos que elas narraram são delicados de serem escritos, da história de vida das velhas sujeitas dessa pesquisa, nos tempos de hoje, na relação com suas famílias, adotamos pseudônimos quando formos apresentar as cinco velhas com quem estivemos no grupo focal. Sobre o conteúdo das rodas, apesar de ter sido um projeto de caráter público, comunitário, registrado pela equipe da assistência social, e combinado com os participantes – nem todo o conteúdo será escrito, já que enquanto projeto terapêutico, envolveu conteúdo privado.

Após o Grupo Focal, conseguimos visitar uma das velhas. Com relação às figuras solicitadas, apenas uma delas se lembrou de estar levando, o que fez com que a gente centrasse nosso enfoque nas histórias e memórias de vida delas, do que nas figuras.

Além das metodologias mencionadas, contamos com os seguintes recursos de registro e de cuidado: gravador de voz – para escuta e transcrição dos encontros de Grupo Focal;

cadernos e canetas para escrita dos Diários de Campo e equipamentos de proteção como álcool em gel, máscara e capa.

Após o Grupo Focal e a entrevista no dia posterior, começamos os mapeamentos: das narrativas das velhas e sobre velhice na novela “Buriti” (1988). Em “Buriti” (1988), primeiro mapeamos as personagens femininas, na maneira com que são vistas e se relacionam com os lugares, para apreensão dos dramas e da trama na narrativa de forma geral. Também mapeamos palavras desconhecidas por mim, enquanto leitora, e trechos que descrevem como as gentes sertanejas se relacionam com o viver no sertão.

Os mapeamentos nas narrativas das velhas se deu na identificação dos lugares que elas nomeiam, na relação com as suas histórias de vida e das primeiras lembranças surgidas. Optamos por identificarmos nossos interlocutores de pesquisa, exceto Lia, Conceição e Alêixo, pela questão do sigilo. Apresentaremos os sujeitos na relação com as personagens femininas da novela supracitada. A partir desses mapeamentos, foram identificados pontos em comum e produzidas observações de análise para discussão dos dados.

Estrutura da Dissertação

A dissertação está estruturada em três capítulos. No **Capítulo 1 Aportando em Ponto Chique**, apresentamos as categorias centrais como narrativa, memória e ruralidade. Começamos a apresentar nossos sujeitos de pesquisa e suas narrativas por meio das duas Marias mencionadas: Conceição e Lia, tendo como bússola temporal os Livros de Escrituração de Alêixo. Também nos valem das narrativas das Rodas de Conversa, a fim de responder o primeiro objetivo específico: 1) descrever a história de Ponto Chique a partir de velhos e velhas moradores de Ponto Chique. Apresentaremos essa cidade ribeirinha a partir das estórias e histórias dessas gentes com quem estivemos durante toda a pesquisa e nas minhas memórias enquanto moradora.

No **Capítulo 2 Entre margens: as velhas de Ponto Chique e a velhice em Buriti**, com a pretensão de responder ao objetivo: 2) Descrever lugar, sertão e pertencimento nas narrativas roseanas e das velhas ribeirinhas, apresentamos o que de comum apareceram nas narrativas das velhas de Ponto Chique com a velhice nessa novela. Nos centramos em como que as velhas nomeiam os lugares que surgem nas suas histórias, e o quê dessas histórias se encontram com as estórias das narrativas roseanas.

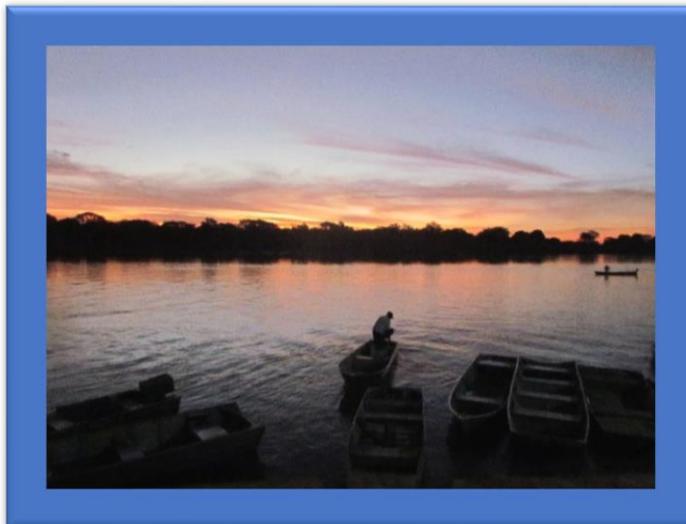
E no **Capítulo 3 O curso das narrativas das velhas nos sertões**, respondemos nosso

último objetivo específico: 3) Traçar as relações entre as histórias de vida dessas mulheres com os territórios e os lugares de Ponto Chique e com os sertões, já com a análise das narrativas apresentadas no capítulo anterior na relação no que os sertões marcam as gentes e as personagens. Fazemos isso, a partir das nossas observações de análise, na maneira com que as velhas se relacionam com os lugares e o quê da relação tempo/espaço e narrativa/lugar aparece no sertão escrito por JGROSA em “Buriti” (1988). Pretendemos analisar a importância das narrativas para a construção da história do lugar.

CAPITULO 1: APORTANDO EM PONTO CHIQUE

Os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma idéia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo (BENJAMIN, p. 12, 1940).

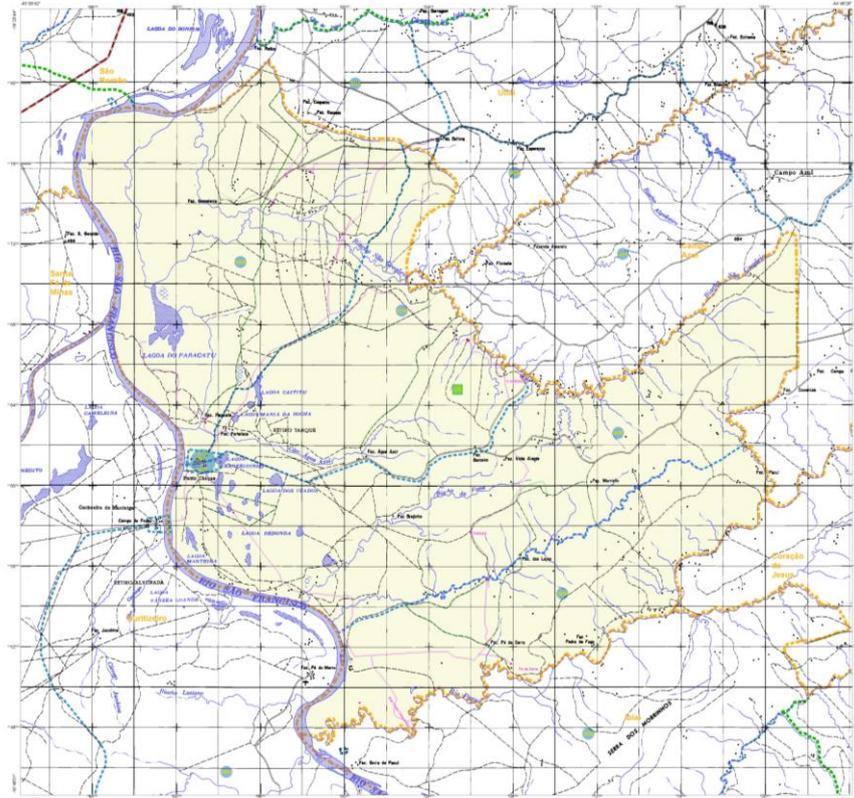
Figura 6: Porto de Ponto Chique na Avenida São Francisco



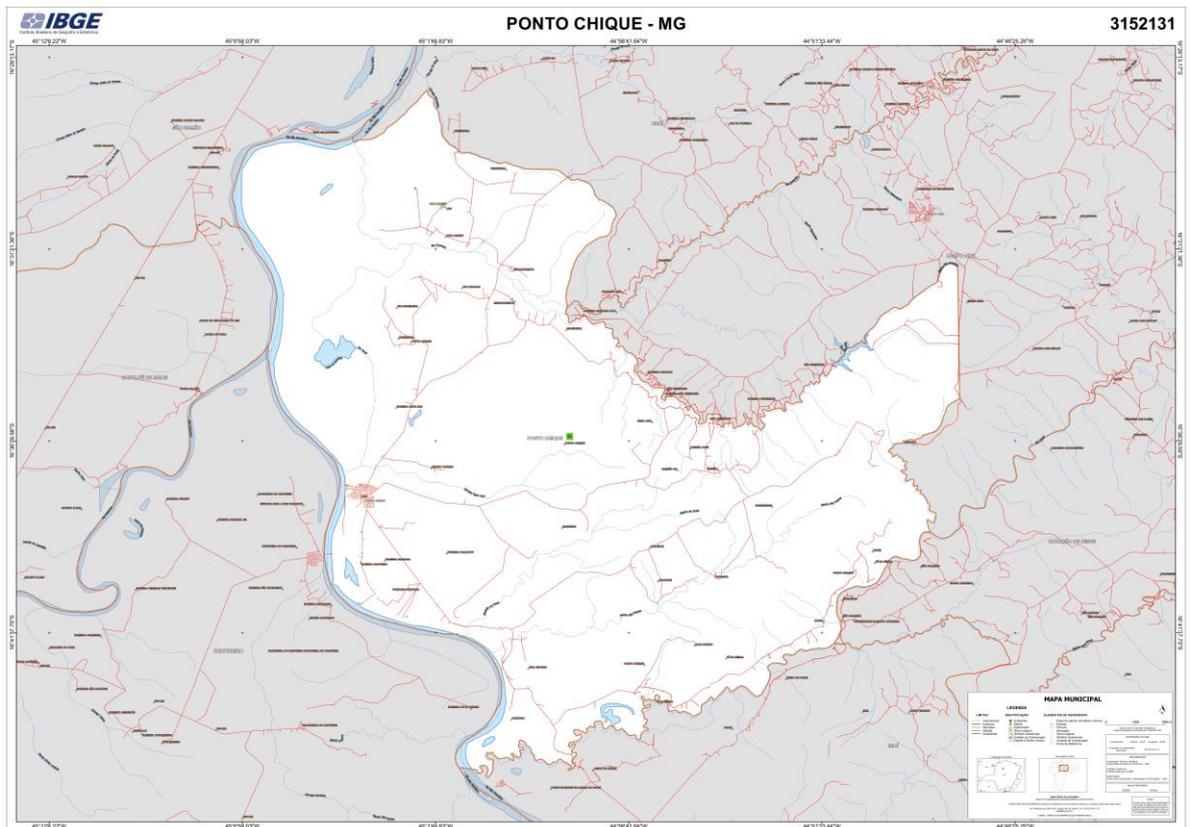
Fonte: OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, 2022.

Neste capítulo, aportaremos na cidade de Ponto Chique – MG, município no norte de Minas Gerais, às margens do rio São Francisco que faz limite com os municípios de Ubaí, Ibiaí, Campo Azul, Buritizeiro, Coração de Jesus, Santa Fé de Minas e São Romão. Com o objetivo de narrar sua história, trazemos narrativas de muitos lugares, que encontram vãos, se cruzam, mas é fonte de um mesmo rio: o tempo. Nas falas, no contar dos fatos, raramente encontramos uma cronologia datada, característica apresentada por Brandão (1998), sobre a dimensão de tempo de velhos e velhas no rural – pois se referem a um tempo mitológico e não cronológico, conhecido como: “naquele tempo”. Nessas temporalidades, alguns acontecimentos foram datados, no Livro de Escrituração de um dos velhos que residiu em Ponto Chique: o Sr. Alêixo Gonçalves Pereira (1925-2014), que foi comerciante e *médico por experiência* (conforme os relatos dos moradores).

Mapas 1 e 2: Município de Ponto Chique



Fonte: IBGE, 04/2021.



Ponto Chique se encontra na margem do Rio São Francisco - do rio: que em muitas dessas narrativas é nomeado a partir de lugares diferentes, o rio do brincar, o rio do fascínio com o encontro com o sol, o rio como estrada, o rio como travessia... Maria da Conceição, 81 anos de idade, reside atualmente em Montes Claros-MG, relata com encanto sobre o encontro das águas dos rios, na época que seu companheiro trabalhava emitindo Título de Eleitor – eles iam de barco pelas cidades ribeirinhas, tendo como um dos pontos de descanso o município de Ibiaí, há 35km. de Ponto Chique. Foi lá que ela conheceu o rio São Francisco pela primeira vez, e o maior peixe que já viu na sua vida.

Conceição foi servente de escola e costureira, sempre gostou de livros e do teatro, com ela, minha avó, aprendi a amar a arte enquanto possibilidade de me enxergar. E com ela, escutava as histórias da sua infância, de como ela gostava de apresentar peças teatrais para os vizinhos e declamar poesias nas apresentações da escola, e escutava sobre a propriedade de cada erva que ela plantou ou plantava no quintal: *erva para problemas de estômago é o chá de boldo, para problema de intestino, o melhor é o chá verde, para imunidade, tomar o suco de uva feito com a fruta none*, suco que ela preparava, enquanto fazia orações. Aprendi a gostar das histórias, de ter curiosidade sobre quem seriam aquelas pessoas e seus saberes.

Figura 7: Maria da Conceição



Fonte: OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, 2022, 81 anos de idade, aposentada.

Dona Maria da Conceição cresceu em um vilarejo chamado Pitinha, atual município de São João da Lagoa, na Fazenda do Sanharó. Gostava de passear na Fazenda da Onça, mas aos 04 anos de idade, depois do falecimento do pai em decorrência da doença de chagas, se mudou para a cidade de Coração de Jesus. Na mesma época, pela primeira vez *viu a marujada subindo*

a rua, em uma das vezes que foi para a cidade de Montes Claros. As fitas colorem Montes Claros nessa data que aparecem a marujada, no mês de agosto: as festas de agosto ou conhecida também como Catopês, tem os marujos, caboclinhos e catopês desfilando nas ruas com suas vestimentas coloridas em homenagem aos santos São Benedito, Divino e Nossa Senhora.

Conceição se muda para Montes Claros, em 1964, para a Chácara Taba Maú, quando seu companheiro vai trabalhar no Diário Montes Claros. Foi com ela que residi os primeiros anos nessa cidade, quando me mudo de Ponto Chique, em 2004. Um dos meus pontos de referência e encantamento com Montes Claros, nas minhas memórias eram as *luzes da cidade*, que enxergava quando estávamos quase chegando, ainda na estrada, aqueles pontos brilhantes e coloridos no meio da noite. E quando chegava, a minha mãe sempre mencionava a Unimontes, dizia que *a Universidade era tão grande que parecia até uma cidade*, e foi o primeiro lugar que ela me apresentou em Montes Claros, junto com o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez.

Ainda hoje, no ano de 2022, ainda não temos transporte público direto entre as cidades de Ponto Chique para Montes Claros, mas as condições de transporte eram mais dificultosas: pegávamos carona na ambulância de Ponto Chique, pela estrada de terra, não havia asfalto. Ou então tínhamos que pegar carona até a cidade de Ibiaí, onde havia ônibus, ou uma van administrada por um homem, que conhecíamos como *Tone da Égua*.

Quando estávamos próximos de Ponto Chique, avistamos a placa: Bem-vindo à Ponto Chique, uma placa verde escura de tamanho pequeno, poderia passar despercebida. Assim que entramos em Ponto Chique, pela estrada de Ibiaí, vemos logo a Prefeitura Municipal, e a enorme Praça Central, onde se encontram o Coreto¹⁰.

Existem alguns bares ao redor da pracinha, onde as pessoas se encontram à noite para e aproveitar a brisa do rio, já que a pracinha fica localizada próximo da Avenida há poucos metros do rio. O coreto fica no final da praça, e atrás dele se localiza a Avenida São Francisco, onde se encontram os estabelecimentos comerciais que vendem produtos para pesca. Era nessa Avenida, nas épocas das cheias, quando o rio subia, que brincávamos.

¹⁰Para Barthel (2021): “Coreto é geralmente um pequeno pavilhão (...) construído ao ar livre, para concertos musicais ou um tipo de quiosque construído ao ar livre. As funções eram várias, mas principalmente os coretos serviam para embelezar e ornamentar praças públicas” (p. 2).

Figura 8 e 9: Coreto de Ponto Chique



Fonte: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2022.

Figura 10: Cheia do rio São Francisco na Avenida São Francisco, em 1982



Fonte: PEREIRA, Alêixo Gonçalves, 1982.

Ponto Chique para mim, naquela data dos anos 2000 quando me mudo para Montes Claros, foi se tornando como “a roça”. Sempre que íamos de Montes Claros para Ponto Chique, para os momentos em família, tomava Ponto Chique como aquele lugar onde não havia perigo, que se podia brincar descalça o dia inteiro, e nosso quintal era toda a cidade. Tínhamos espaços encantados no quintal também, como o pé de amora, a palmeira de coco e a casa de biscoitos de Lia, ou Maria Rodrigues, a minha outra avó, a paterna. Enquanto Montes Claros era como “A Vila, para Glorinha, era uma das janelinhas do mundo.” – Glorinha, personagem da novela Buriti (1981), que reside na fazenda do pai que era fazendeiro, e tem o lugar da Vila como esse descrito no trecho mencionado.

Enquanto Montes Claros ia se tornando o lugar de *ser alguém na vida*, estudar, trabalhar, como dizia a minha mãe, na importância que sempre deu para os estudos, Ponto Chique, enquanto terra-natal, foi sendo esse lugar de se encontrar com a família na casa de Lia e Alêixo,

na partilha de histórias e dos lugares de onde cada um vinha. Montes Claros tinha vistas do conhecimento, da faculdade, da possibilidade das aventuras pelos livros. Ponto Chique, cheiro e sabor de infância nos lugares que a gente se aventurava: a pracinha em frente à casa dos meus avós, o coreto na pracinha, as árvores da pracinha que viraram nossas casas, esconderijos e lugares de planejar as travessuras, as casas desabitadas antigas mal assombradas que íamos explorar, os desafios de entrar no cemitério à noite, e a venda de Vô para pegar balas e pipoca salgada.

Em Montes Claros, morava com a Conceição, em Ponto Chique me encontrava com *Lia de Alêixo*, como os moradores a chamavam. Seu nome em registro: Maria Rodrigues de Almeida, 85 anos, fazia biscoitos, enquanto seu companheiro Alêixo cuidava dos negócios – o Mercantil Ponto Chique. Uma mulher que eu tentava ler no seu silêncio, observadora, que sabia dizer a coisa certa na hora certa, ou contava histórias engraçadas da sua mocidade no meio de gargalhadas. Conhecida como “a mão dos biscoitos”, ela nos surpreendia, quando chegava na sala onde estávamos brincando, com uma lata de cerveja na mão, sentava no sofá e colocava as pernas esticadas em um banquinho de madeira. Conheci mais de sua história com essa pesquisa, bem como sobre sua terra natal, que não é Ponto Chique, como não imaginava.

Figura 11: Mercantil Ponto Chique, em 1998.



Fonte: PEREIRA, Alêixo Gonçalves, 1998.

Alêixo já era vendedor onde moravam antes, na Fazenda da Costaneira¹¹, terra que recebeu de outro comerciante, que também era fazendeiro, na troca pelo seu trabalho. Alêixo

¹¹ Não consegui a localização exata com nenhum dos filhos de Alêixo e Lia com quem tive em conversa, nem com Lia, mas situava-se próximo do município de Ubaí e Campo Azul.

também *tinha uma terra nas Chapadas* (tive dificuldade de saber a localização exata, já foi um lugar mencionado em uma entrevista com Lia, e ela estava sem o aparelho de surdez), mas quando foi para Ponto Chique, Lia conta que ele doou parte das terras da Costaneira para cinco famílias *agregadas*, e a outra parte ele vendeu para um fazendeiro da cidade de Ubaí.

A Fazenda da Costaneira era próxima de Campo Azul, fazia limite com as comunidades: Russão, Tabuleiro do Meio e Gerais Velho. Eram os habitantes desses lugares que compravam produtos diversos de Alêixo, desde o que necessitavam para o dia-a-dia, até medicações. Alêixo faria 95 anos de idade nesse ano, não tinha formação acadêmica, mas quem o conheceu dizia que ele era um *homem da ciência*. Na sua casa, encontramos livros de assuntos diversos, desde enciclopédias de psicologia da década de 70 (sec XX) até livros de aritmética aplicada. Tudo ele registrava e etiquetava, não somente as mercadorias que comprava, como também chaves, figuras, pesos dos filhos... Existem histórias diversas sobre sua meticulosidade com esses registros, como quando pesava os onze filhos sempre antes de subirem na parte de trás de uma caminhonete laranja – quem passasse do peso estipulado, não poderia ir.

Figura 12 e 13: Alêixo e Lia e seus 11 filhos, na Costaneira em 1961 e em Ponto Chique em 1992.



Fonte: PEREIRA, Alêixo Gonçalves, 19621 e 1991.

Quando se mudam para Ponto Chique, na década de 80, ele abriu o comércio, com o nome de Mercantil Ponto Chique. Foi tesoureiro da Igreja em Ponto Chique em 1994, e dois anos depois, Jackson, o meu pai, firmava contrato de negócios com ele para trabalhar no Mercantil. Depois de 1996, Jackson foi o filho que ficou e não saiu mais dessa cidade e quando concorreu à eleição municipal pela primeira vez, para vereador, era conhecido como *Jackson de Alêixo*. Atualmente o Mercantil é administrado por outro filho de Alêixo e irmão de Jackson – nesse ano de 2022, ele providenciou uma nova pintura com a seguinte placa: “Mercantil Ponto

Chique... É do SEU Alêixo!; Gestão Mais com Menos”. O que faz com que sejamos conhecidos a partir dele: filhos de Alêixo, neta de Alêixo, Lia de Alêixo... Mas e o Alêixo de Lia?

Quando ele foi diagnosticado com Alzheimer e começou a demenciar, Lia era chamada sempre por ele pela casa: *Ô Lia!* Mas essa busca iniciou na década de 50, entre os municípios de São Romão e Campo Azul, quando o pai de Lia a promete em casamento para ele. Das várias vezes que tentou fugir do casório, ela conta: *não sei como ele não desistiu de mim*. Eles se casam no ano de 1952, quando Lia tinha 15 anos de idade: no civil na cidade de Campo Azul e a cerimônia religiosa na igreja católica na cidade de São Romão.

Alêixo estudava as doenças e as propriedades das medicações também, ele atendia as pessoas que adoeciam, e vendia as medicações que ele prescrevia. Existem livros de escrituração que datam variações dos preços dos medicamentos, e registros dos atendimentos que ele realizava. A sua filha mais velha se formou em medicina, e uma vez ao mês, em 2022, começou a atender em Ponto Chique, na mesma época que eu também comecei a atender enquanto psicóloga clínica. Também iniciei meu trabalho na Atenção Primária do município de Campo Azul, há 37km. de Ponto Chique.

Nas travessias entre Montes Claros, Ponto Chique e Campo Azul, descubro que a família de Lia cresceu em Campo Azul, que já teve como nome Campo Belo, e me encontro com velhos e velhas que atendi no posto de saúde (ESF Estratégia Saúde da Família é o termo técnico) que conviviam com Lia na sua mocidade, e que Alêixo vendia seus produtos e atendia na sua medicina da experiência. Já que muitos dos moradores velhos de Campo Azul eram vizinhos de comunidades, roças e fazendas próximas da Costaneira. Enquanto Alêixo atendia os clientes e pacientes, Lia atendia com os biscoitos...

Havia outra habilidade pela qual ela era conhecida em Ponto Chique, que as famílias comentavam: o presépio no final do ano. Ele se situava em um canto da sala da entrada da casa, que sempre ficava com a porta aberta para a rua. A casa ficava grudada no comércio, o Mercantil, a *vendinha*, ou a *venda*. Eram duas construções, mas uma acessando a outra, por meio do quintal que ficava entre elas. Mas na casa, na sala que dava para a rua, tinha um quadro em uma parede, com a imagem de uma floresta e alguns animais – certo dia, descobrimos que em baixo desse quadro, havia uma janela que dava para a *vendinha*; nessa noite embarcamos na aventura de esperar todos dormirem para abrir a janela para pegar balas.

Era nessa sala do quadro e da janela que era montado o presépio todo mês de dezembro. Quem quisesse, poderia entrar e contemplar o presépio– assim como esse ritual aparece nas duas novelas de JGROSA que tomamos como ponto de observação neste trabalho, em “Campo

Geral”: “Todos os anos, o presépio era a coisa mais enriquecida, vinha gente estranha dos Gerais, para ver, de muitos redores” (JGROSA, 19, p. 45), e em “Buriti”. “Behú armava o grande presépio, no quarto-da-sala... Que ensinavam a beleza a confusos olhos”. (JGROSA, 19, p. 36).

Figura 14 e 15: Mercantil Ponto Chique e Casa de Lia e Alêixo, em 2022, e em 1992.



Fonte: Figura 12 ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2022. Figura 13, PEREIRA, Alêixo Gonçalves, 1992.

A gente se juntava na sala para ver as luzes do pisca-pisca e cada pecinha que compunha aquela cena, no aguardo dos parentes chegando de lugares diferentes para o único momento do ano em que a maioria dos familiares apareciam. Esses momentos aconteciam apenas no Natal e nos aniversários de Alêixo. São memórias de família, memórias de encontros de velhos na cidade, onde os moradores da cidade se juntavam, como quando havia enterro, folias e *festas na rua...*

A consolidação das políticas públicas, como a da assistência social, após a promulgação da Constituição de 1988, fez com que surgissem novos espaços de circulação comunitária, como os equipamentos sociais. Se antes, as pessoas se reuniam nas igrejas, praças, *barzinhos*, escolas... Após a consolidação do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), encontramos outros espaços de encontros, como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV. Apontaremos essa discussão nas narrativas das velhas, já que o espaço onde aconteceu as Rodas e o Grupo Focal foi em um equipamento da Assistência Social, e a forma com que elas compreendem esse lugar aparece nas narrativas.

A maior parte das velhas, da cidade de Ponto Chique, com quem estive, para realizar essa pesquisa, fazem parte de um grupo desse Serviço, o Grupo Geracional e conviveram com

meus avós, e meus interlocutores nessa pesquisa: Lia e Alêixo. A maioria delas viveram e trabalharam junto com os seus companheiros no lugar da manutenção da família, seja nas roças próximo à cidade e no entorno dela, seja em espaços comunitários da própria cidade. Assim como hoje vivem da aposentadoria, da terra e de programas e serviços governamentais, e compõem o grupo mais frequente da política do SUAS do município.

Se, atualmente, vivem dessa forma, encontramos nas histórias de vida a violência doméstica e o trabalho análogo ao escravo como marcas de um cotidiano, e apesar de não valermos dentro de uma discussão de opressões, compreendemos o lugar social da velhice e para tanto que essas marcas e imagens de espoliação também serão discutidas na linha da travessia sobre narrativa e território/ruralidade.

São velhas que vêm para Ponto Chique de lugares diferentes, em temporalidades diferentes e por motivos diferentes assim como Lia, Alêixo e Conceição: do meio rural dos municípios vizinhos de Campo Azul, São Romão e São João da Lagoa. Mas antes de adentrarmos no curso dessas narrativas, primeiro aportamos em Ponto Chique, para entender sua história, na descrição do que esse lugar é nas memórias e narrativas de seus moradores. À medida que nos aproximamos da história dessa cidade, sua cultura, seu modo de viver na relação com as águas do rio São Francisco, observamos as categorias presentes nessas margens do narrar: memória e ruralidade.

Figura 16: Conceição, Lia e Alêixo, em 1995.



Fonte: PEREIRA, Alêixo Gonçalves, 1995. Conceição, 81 anos, e Lia, 85 anos, aposentadas, Alêixo (1925/2014).

2.1 - Nas margens da narrativa e da memória

Ricoeur (2007), escreve uma obra importante sobre Tempo e Narrativa¹² – sob influência da fenomenologia, aponta o narrar como uma forma de conhecer, pela própria etimologia da palavra, que no grego, possui a mesma raiz da palavra gnose (gnarrare). O ato de narrar é a maneira mais antiga de transmitir alguma coisa, e assim toda forma de conhecer depende de alguma forma de narrativa. Experiência que envolve um outro, já que é a partir dele, que podemos olhar para as imagens que existem dentro de nós. Essas imagens são as memórias que marcam o nosso corpo, e que acessamos a partir do lembrar.

Para o autor, a lembrança de alguma coisa é uma lembrança de si, pois é olhando para dentro que encontramos essas imagens. Precisamos do outro para lembrar e é nesse encontro que temporalidades e lugares se presentificam. Lembramos e esquecemos, mas é por meio então da lembrança e do esquecimento que a memória se compõe, é a partir da relação com o lugar que ela se forma¹³. Se narramos para lembrar, quais variadas maneiras podemos narrar? Narramos ao cantar, contamos ao narrar, e registramos nossas experiências.

A defesa pela oralidade na intencionalidade do ensinar/transmitir é realizada por Benjamim (2008), quando qualifica os contadores e contadoras/narradoras. As histórias eram cantadas, foram os primeiros narradores presentes na história Greco-romana. O surgimento da escrita marca uma mudança nessa forma de narrar, juntamente com Heródoto, quando retoma a tarefa do poeta arcaico - mas não em forma de lira, já que ele conta, não canta – assim, ele marca a passagem do cantar para o contar. Mas na esteira dos acontecimentos e da história, encontramos narrativas, quando é que uma narrativa ganha o contorno de uma história?

Uma das mediações que Ricoeur (2006)¹⁴ vai pontuar na relação com as coisas é a História. A palavra história não aparece no vocabulário grego, de acordo com Smolka (2000), mas existe uma outra similar, ‘histor’ – aquele que viu, e remonta ao que Heródoto resgata no uso da história contada para lutar contra o esquecimento. Para Benjamin (2008), é preciso rememorar, já que existe um documento de barbárie por trás de todo documento de cultura. “É preciso narrar para que os mortos não sejam esquecidos mais uma vez. A opção não é marcadamente estética, mas fundamentalmente política: narra-se para interromper o tempo artificial da produção maquínica, para dedicar-se a uma leitura do tempo”.¹⁰

A linguagem marca o sujeito, assim como o território, e, a partir da relação com o

¹² RICOEUR, Paul et al. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

¹³ Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica (2018), de Juliana Maddalena Trifilio Dias.

¹⁴ Citado por REIS, José Carlos.

espaço é que as palavras ganham sentido, quanto as palavras simbolizam o lugar, quando nomeado; já que, se os signos marcam o espaço, é porque encontram na língua formas de nomear. O semiólogo, sociólogo e crítico literário Roland Barthes (1971), menciona que a narrativa para no discurso, assim como a linguística para na frase; ou seja, o discurso seria a menor unidade da narrativa. O autor ainda localiza a posição do ouvinte nessa relação, pois se é a linguagem que funda o sujeito, existe uma doação de signos na situação narracional; e, portanto para Barthes (1971), um bom autor não é quem domina histórias belas, mas quem domina o uso da partilha com quem ouve.

Barthes (1971) prossegue explicitando que, na narrativa, os signos se encontram fracionados, distantes um do outro, o que autor pontua sobre afastamentos na língua, que converge no que Benjamin aponta para a intencionalidade da narrativa: na sua força motriz de passar alguma coisa, uma tradição, mas não de maneira moral; assim, a narrativa envolve uma lição a ser preenchida pelo significante de quem ouve, e que por conseguinte também se torna narrador. É o que permite o que fica, permanece e é transmitido, mas que também se encontra no aberto de cada um conferir um sentido. Para alguns leitores e críticos, na obra literária e único romance do autor João Guimarães Rosa: “Grande Sertão: Veredas” (2019)¹⁵ a estória versa sobre o dilema do amor, para outros leitores é sobre a existência do diabo, ou seria de Deus? Mas entre as varias dimensões desse romance, a natureza sertaneja, nos Gerais mineiro, demonstra a natureza do ambiente e dos personagens: pássaros, matas, vaqueiros, feiticeiras, jagunços- mostram o sertão e os sertões.

Em outro conto Roseano, surge um pai que decide morar em uma terceira margem do rio: “Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.” (p. 1). As justificativas encontradas pelos personagens são diversas: entre a loucura e promessa de pagamento: “todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa” (p. 1). Assim como a interpretação sobre a ida desse pai é lida de formas diversas: entre um olhar sociológico e um olhar mitológico, de exemplificar o que pode existir entre duas margens, a ambivalência, o tempo, a morte, Deus...¹⁶

O narrar como valor histórico defendido por Benjamin (1973, p. 35) – “deixai-me lembrar, deixai-me narrar” é o subtítulo da segunda morada na casa da memória sertão de Brandão (1998), é o re-contado por uma gente, por encontrar valor na ressignificação e revisão

¹⁵ ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Editora Companhia das Letras, 2019.

¹⁶ ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. **Primeiras estórias**, v. 14, p. 32-37, 2001.

do passado. A narrativa enquanto fenômeno social com todos os seus sentidos é que confere lugar na relação dialética de quem escuta e pode vir a ser também contador – narrador e ouvinte, são transformados, naquilo sempre possível de ser refletido.

O lugar da narrativa na literatura como valor metafórico é relacionada nos estudos de Barthes (1973), quando aponta a dimensão do significante no sujeito, naquilo que a linguagem marca o ser na relação com o outro no espaço; não diferente do proposto por Benjamin (1985) com relação ao lugar do leitor, ou de quem ouve, pois esse outro na narrativa não se encontra solitário, mas sempre em companhia. Narrativa escrita e falada marcam na dimensão do sentido e do significante quem escuta a partir de um outro: na oralidade e na literatura.

Benjamin (1985) estabelece a diferença entre romance e narrativa, enquanto que no primeiro, o sentido da vida é o que interessa, no segundo é uma lição moral – não moralizante, e portanto, na narrativa, emerge o sujeito e como ele se relaciona com a palavra, com o falar, surge o sujeito na sua relação com a sociedade. O sujeito da fala possui um lugar comum tanto em Benjamin, quanto em Barthes, apesar das diferenças de onde partem: nas marcas que a linguagem deixa, do comum transmitido, e nas fissuras possíveis que se abrem sempre para um novo, no que é sempre passível de ressignificação.

Junto com os autores Benjamin e Barthes, temos Halbwachs (1979), que compreende a linguagem como elemento socializador e aponta dentro dessas dinâmicas, dados coletivos ou noções gerais que mediam nossa relação com o outro: de causa e consequência, de tempo e de espaço. Nessa relação com o outro, com o tempo, com o espaço e com o devir, HALBWACHS (1979) tece uma compreensão sobre a memória enquanto fato social, já que lembramos a partir dos outros que nos fazem lembrar, tendo esses outros como as instituições sociais: família, escola, trabalho... O autor questiona o estatuto psicológico da memória e dentro de uma perspectiva psicossocial, unifica a memória da pessoa com a memória de um grupo – ou seja, os espaços de formação das imagens na relação de um eu com o mundo são habitados por imagens já constituídas, já que já existia um mundo.

Bosi (1979) citando Halbwachs, reflete que a memória é a maior esfera da tradição, enquanto a memória coletiva de cada sociedade. Portanto lembrar é re-fazer e não reviver, naquilo que é encontrado de si a partir de outros, naquilo que na relação com as outras pessoas em um espaço e tempo, se leva também a possibilidade de voltar a essas imagens, enquanto símbolos já construídos como forma de refletir sobre eles. E é em grupo, com outros, que o acontecido é confrontado com o agora, o real e a fantasia são confrontados.

Se Halbwachs¹⁷ insere a memória na dimensão do social diante da presença dos outros, ou seja, estabelece o sentido social do lembrar¹⁸, já Bergson¹⁹ estabelece o nexo entre percepção e memória, dando legitimidade à memória no que ela tem de próprio e espontâneo. Enquanto Halbwachs (1979) confere esse status social, Bergson (1979) analisa a fenomenologia da memória, e portanto, dialogando filosofia e psicologia, é o de tratar do agora, em como que a relação de um corpo com o espaço em um tempo pode dizer quem sou. Traça então o nexo entre imagem do corpo e a ação, questiona sobre aquilo que eu percebo, mas que não respondo de forma instintiva, e delinea a diferença entre percepção atual e lembrança.

E é por isso que Bergson (1979) detém sua atenção no presente, já que é dele que a lembrança responde. No conto de João Guimarães Rosa: “A terceira margem do rio” (2001), diante da ausência do pai, no agora sem uma resposta, que o filho fica, mas continua com algo de quem o pai foi e por isso continua sendo: “Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria só com nosso pai me achava” (p. 3). O pai que decide ir, e o filho que parece que de alguma forma só se resolve com isso no artigo do adoecimento e da morte. Toda a família vai encontrando seu rumo em algum lugar, exceto o filho que fica. Quem fica, como é que lida, com quem partiu? Quais percepções do filho que não assume o lugar do pai na canoa? E do pai que nunca mais retorna a terra firme?

Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos ramos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio (JGROSA, p. 4)

Podemos compreender o cone da memória de Bergson (2012). Ele situa o agora na dimensão da percepção e situa a memória na relação entre as temporalidades do passado, do futuro e do presente, já que novas memórias só são possíveis de serem formadas no agora a partir de memórias já existentes. Assim, não é possível considerar uma linearidade do tempo e nem do espaço na memória, e nem nas narrativas. A literatura Roseana toca diante da dimensão metafísica. O rio como o não-lugar ou entre-lugar, o rio como a vida, ao que tudo é e não é, e vem a ser.²⁰

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Estamos falando de Wundt - considerado um dos divisores de águas entre uma psicologia social psicológica e uma psicologia social sociológica, pois ele borda ambas discussões, delineando as relações entre indivíduo e sociedade

¹⁹ Também citado por Bosi (1979).

²⁰ Ibidem.

JGROSA aborda essa dimensão, também, quando escreve sobre os personagens de suas novelas e contos, na maneira com que eles se relacionam e são transformados, ele reconstrói um lugar às gentes sertanejas que não se limita a um aspecto geográfico, mas também nos modos de existir. Rónai (1956), observa que no narrar dos acontecimentos de personagens com alma, adjectiva JGROSA como um escritor *inventor de abismos*: pois localiza as gentes sertanejas inseparáveis da natureza ambiente, e acessíveis ao mundo dos sonhos, das premonições, do oculto, ou seja, retoma as gentes dos sertões na nitidez do que são nesses lugares:

...são almas ainda não estereotipadas pela rotina, com receptividade para o extraordinário e para o milagre. O escritor enfrenta-as em geral num momento de crise, quando, acuadas, pelo amor, pela doença ou pela morte, procuram desesperadamente tomar consciência de si mesmas e buscam o sentido de sua vida. (RÓNAI, 2001, p. 13)²¹

No diálogo entre os estudos da narrativa e da memória com a literatura, encontramos novamente com Chauí (1979), que nas contribuições sobre a pesquisa de Bosi (2003), menciona o lugar do artista na recomposição da memória, pois: “Só os artistas podem remontar a trajetória e recompor o contorno borrado das imagens, devolvendo-as sua nitidez”. (p.53)

Se compreendemos a memória como trabalho e os narradores também como artistas capazes de devolver à história elementos não registrados, contamos agora a história de Ponto Chique por meio de seus velhos e velhas que nos narraram. De sua história fundacional no que aborda o mitológico, até nos recortes daquilo que viveram nos seus passados, nas décadas de 60 a 80 do século XX.

1.2 - No curso da história do município de Ponto Chique

Ponto Chique é uma cidade ribeirinha, no norte de Minas Gerais, situada no Médio Rio São Francisco, entre o Córrego da Gameleira e o Rio Pacuí – que desaguam no Rio São Francisco. Na economia, de acordo com seus moradores, se destaca pela criação de gado, pela cachaça, mas especialmente pela castanha de barú e pela pesca. Na bandeira da cidade existem esses dois elementos: a cabeça de um boi e um peixe. A maioria de seus moradores vivem e sobrevivem da terra e do rio, são produtores rurais e pescadores, residindo nas seguintes comunidades rurais, que se destacam pela produção de farinha, pequi e polpa de fruta: Mariana,

Manteiga, Bica Grande, Caraíbas, Pé da Serra, Pacuí, Côvancas, Russão, São Gregório, Água Azul, Repartimento, Bom Jardim, Lagoa Grande e Chiquinha.

Ponto Chique já foi um povoado que, informal e corriqueiramente, os habitantes chamavam e chamam de Paracatu. Nas margens do rio, é *tudo Fazenda Paracatu*, como velhos moradores contam, e que tiveram que mencionar esse nome para conseguir aposentadoria. E a história contada é a de que até 1940, existia um povoado chamado *Paracatu de Seis Dedos*. Esse nome era porque existia um homem naquela região que tinha seis dedos, que vivia na Fazenda de Paracatu. Paracatu é também o nome de um rio que cruza com o rio São Francisco e nas margens desses dois rios que existia essa comunidade. Certa vez perguntei um pescador se a Comunidade tinha esse nome em decorrência do rio, mas ele disse que não. Então, a primeira figura que surge na história de Ponto Chique é esse homem de seis dedos.

Até nessa referida data, com a cheia do rio, os moradores e moradoras tiveram que mudar de lugar, já que o povoado foi todo inundado, na cheia de 1945. Naquele tempo, havia duas lideranças comunitárias: Nestor Alves Clementino e Gonçalo Ramos. Gonçalo suspeitava que Nestor estivesse tendo um envolvimento com sua companheira. Isso gerou uma briga entre os dois que fez a comunidade se dividir: uma parte dos moradores escolheu ficar do lado de Gonçalo, e se mudou com ele para a outra margem do rio, onde hoje, se localiza o distrito de Buritizeiro: Cachoeira do Manteiga.

A outra parte dos habitantes de Paracatu de Seis Dedos foram na companhia de Nestor, na busca de outras terras na mesma margem que o povoado já era localizado. Foi quando um fazendeiro – Raimundo Campolino, que tinha suas terras batizadas em homenagem à Sant’Ana, fez a doção dessas terras para que aquelas pessoas morassem. Por ser um lugar muito bonito, seus habitantes chamaram a terra de Sant’Ana de: Ponto Chique. Em decorrência desse fato, Ponto Chique é devota de Nossa Senhora de Santa Ana, onde se localiza a igreja de Sant’Ana na praça no Centro da cidade.

Figura 17 e 18: Igreja de Sant’Ana, em 2012, e em 2022.



Fonte: Figura 15 Blog Jeguiando. Figura 16: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2022.

Em 1979, ocorre outra cheia do Rio São Francisco. Um ano depois, meus avós, Alêixo e Lia se mudam para Montes Claros, e ficam até o ano de 1983. Até a década de 80, de acordo com as narrativas colhidas, a maioria das velhas dessa pesquisa, assim como Lia, residiam em *roças e fazendas* no entorno de Ponto Chique, como *agregadas* ou como esposas de donos da terra. Por causa da proximidade com o rio e das cheias, os moradores se deslocavam com frequência. Assim, entre viver e sobreviver do rio e ainda à beira dele, os moradores e moradores existiam nos deslocamentos, no entendimento da natureza própria do rio São Francisco que enche e volta.

As velhas narram que existia uma imagem dessa Santa, que os moradores chamam de Santa *original*, e que Ponto Chique teve que providenciar outra imagem da Santa Ana, devido ao sumiço da Santa *original*. Em uma reportagem do Jornal O Globo (2015) sobre a seca do rio São Francisco, conta que a Santa Ana *original* ficou com Cachoeira do Manteiga. Um barqueiro responsável por levar as pessoas de uma margem até a outra foi entrevistado pelo jornal, está nesse ofício desde 1990, cinco anos antes da emancipação do município. O barqueiro Edmundo conta que Ponto Chique era conhecido por Ponto Chifre pelos moradores de Cachoeira do Manteiga, em decorrência da história do seu surgimento.²²

Fica o mistério de como que a Santa foi parar na outra margem do rio, já que cada recorte dessa história parte de narrativas de gentes diferentes.... Essa história fundacional, como um mito, foi apresentada com as peças das narrativas que encontrei dos velhos e velhas: as velhas não mencionam o conflito gerado pela desconfiança, os velhos e velhas não citam o homem de seis dedos – apenas um mencionou. Mas a cheia e o movimento do rio sempre aparece, como

²² <https://oglobo.globo.com/politica/rio-sao-francisco-sofre-com-seca-historica-17480813>

nessa fala de Agripina (74 anos, vazanteira e aposentada), que é uma das rainhas de um grupo da cidade, o Batuque da Capina: *Fiquemos morando na beira do rio que era a terra da Santa, mas lá não dava pra ficar, não dava para plantar lavoura. Mãe virou a cabeça para vir embora. Depois de feito o ranchinho, ela adoeceu e morreu. A gente mudava demais, era igual cigano. E eu tô por aí perambulando* (2016).

Figura 19: Batuque da Capina.



Fonte: RIBEIRO, Pâmilla Vilas Boas Costa, 2016.

O Batuque da Capina narram histórias através do que eles nomeiam de *representação*. É um grupo tradicional da cidade que comporta membros de religiosidades distintas, onde as mulheres dançam as histórias, os homens tocam, e ambos cantam e improvisam no cantar. As histórias cantadas e dançadas são acontecimentos do cotidiano que foi vivido pelos seus antepassados, e por isso ao invés da palavra apresentar, eles utilizam a palavra *representar*.

Vários dos velhos e velhas que narram o acontecer em Ponto Chique e que estiveram presentes na nossa pesquisa fazem parte desse grupo, como Seu Valú, 70 anos. Antes de fazer a escolha por escutar as velhas, estive também com os velhos e ele foi um deles. Conheci melhor Valú após as Rodas, e pude ter acesso a algumas de suas narrativas. Fiz algumas visitas também, para conhecer o que ele criava, instrumentos de música, como a viola caipira, e móveis de madeira, no aproveitar da própria estética da matéria prima.

Quando comecei o mestrado, os meus pais já haviam falado que eu *devia conhecer Valú*, diante do seu envolvimento com os movimentos de defesa do rio. No muro da sua casa se encontra pintado uma sereia, assim como encontramos outros objetos com essa figura mitológica, como em peças de madeira. A companheira de Valú, Dona Raimundinha, esteve presente tanto nas Rodas, quanto no grupo focal.

Na visita que aconteceu em setembro de 2020, Valú mostrava suas artes, o que ele

criava, contava dos encontros com as comunidades tradicionais, e do quanto achava importante quando viajavam à cavalo e paravam para acampar e contar as histórias dos seus antepassados que passaram por ali: *Tem muitas histórias, que ilustra muito. (...) tudo é história que a gente nasceu conhecendo, mas nunca viu o final dela. Não dá pra saber o final (Valú).*

Os pais de Valú fazem parte da segunda geração do Batuque. Durante o ano de 2010, uma estudante (Pâmilla Vilas Boas) que fazia parte do Projeto Cinema no Rio São Francisco se interessa pela história do Batuque, e realiza sua pesquisa de mestrado em Antropologia Social/UFMG sobre este grupo. A pesquisa foi realizada em 2015 e 2016, e desde então, Valú, como um dos representantes do grupo, conta com essa estudante como apoio para a participação do Batuque em editais de projetos culturais. Hoje (2022), eles possuem uma Associação, e é considerado patrimônio cultural da cidade, assim como os foliões. Os *foliões* aparecem mais nas narrativas das velhas antes do Batuque, nos encontros que aconteciam nas casas dos moradores mediante sorteio acontecido antes, em cada ano era uma casa sorteada.

Figura 20: Folião na casa de um morador (não encontrado).



Fonte: PEREIRA, Alêixo Gonçalves, 1998.

De acordo com RIBEIRO (2018), Valú relatou que durante muito tempo, foi o Batuque uma tradição herdada por seus pais e avós que trabalhavam na lavoura como pessoas escravizadas, era considerada *coisa de gente fraca*. E que isso muda quando um novo componente, de outro território, que participa do Movimento Negro, Zé dos Passos, começa a encabeçar as *representações* do Batuque em outros lugares, e é nessa virada que os batuqueiros e batuqueiras passam a se reconhecer e serem reconhecidos pela cidade, que antes também tinham muitos preconceitos com eles: *gente fraca também faz história*, comenta Valú²³ que nas

²³ Em: RIBEIRO, Pamilla Vilas Boas Costa. A vida é um remanso: performance, cultura e política no batuque de Ponto Chique (MG). 2017.

representações em lugares distantes de Ponto Chique, se orgulha de ter apresentado uma vez para o presidente (na época) Luis Inácio Lula da Silva no seu gabinete, na capital federal Brasília.

Na pesquisa sobre o Batuque, também surgem as velhas que protagonizam as gerações, como Dona Izabel, rainha do Batuque, mãe de Valú.²⁴ A rainha Izabel narra a história da sua mãe Maria Catenga, primeira geração do Batuque, que denuncia a violência que sofria dentro de casa: *Foi você João - Não foi não Maria (respondeu o marido) - Foi você João / Que me bateu no romper do dia*. Maria Vanila, outra integrante e sujeita dessa pesquisa, conta que o Batuque tem origem no trabalho das mulheres no tempo que eram escravos, que elas cantavam para não ouvir os filhos e maridos quando iam para o tronco apanhar. Era década de 80, uma época que Ponto Chique era ponto de encontro para as festas, quando as velhas ainda residiam em terras de fazendeiros.

Ponto Chique foi distrito de Ubaí até o ano de 1995, e se emancipou em dezembro do ano referido: *a data de emancipação foi 21/12/1995*. Seu Alêixo, meu avô, anotou no ano seguinte, em 1996, as intenções de voto da primeira eleição municipal. Em Ponto Chique, todos os prefeitos, desde sua emancipação, foram fazendeiros, com exceção do último. Nesse preambular, outras narrativas de acontecimentos políticos aparecem, como quando Zé dos Passos, que abriu uma rádio na cidade teve que sair em 2008 por questões políticas, e como em uma reunião ocorrida em 1998 escrita no Livro de Acontecimentos de Alêixo: *com o sargento local – para esclarecer e incentivar os comércios sobre o perigo dos saques que vem ocorrendo em outras cidades - e outros estados- por intermédio dos Sem Terra e dos povos com fome. Pediu segredo, para não comentar assunto – só ficar atentos*.

Os anos 1990 é quando mais encontramos registros sobre a chegada do “desenvolvimento” na cidade, como a vinda do dono da firma do asfalto em 1999 e a primeira farmácia no ano de 2000, quando o *Dolar 1,84 Inflação de dezembro de 99 0,8%, registrados no livro de Alêixo*. A primeira leva de telefones chegou também em 99. Foi o primeiro meio de comunicação, antes disso encontrei relatos de muitas trocas de cartas entre as famílias e amigos para dar notícias e dizer como estavam. Algumas dessas cartas de Alêixo e Lia foram encontradas junto com os Livros de Escrituração, no contar de como cada familiar estava vivendo no seu lugar naquele momento: como estava o trabalho, quantos filhos, se tinha casado, como estava de saúde, e quase sempre era mencionada a saudade.

²⁴ Assim como na nossa pesquisa e na apresentada por Ribeiro (2018), apesar do foco não ser uma discussão de gênero, é incontestável as narrativas sobre violência contra a mulher.

Ponto Chique possui poucas formas de comunicação ainda hoje. Já houve estação de rádio há alguns anos atrás, nos anos 2000, como mencionado. Atualmente uma Associação da qual eu faço parte foi montada, em 2021, para que seja possível voltar a retornar com a rádio da cidade. Lembro-me que no pouco tempo que teve rádio, era a maior emoção anotar a música que queria em um papel e correr até um prédio pequeno de um cômodo de dois andares, com uma escada lateral que ficava localizada por fora do cômodo. Parecia uma pequena torre aquele quadrado de dois andares, onde subíamos as escadas por fora, e chegávamos até aquela sala onde ficavam os equipamentos. A rádio ficava próxima da quadra de futebol e atrás da prefeitura.

Nesses anos 2000, os sinais de internet de celular, bem como a energia elétrica e o abastecimento de água faltavam para a população local; em 2022 ainda existe esse acontecer, quando há muita chuva. Mas se no passado não havia veículos de informações para noticiar os acontecimentos, foram os velhos e velhas que registravam essas experiências de trocas com os lugares através da oralidade de pessoa para pessoa, nos espaços de trocas e partilha, característica comum da vida comunitária no rural.

Entendemos Ponto Chique como município rural, tomado dentro da redefinição feita por Carneiro (1998) sobre a categoria ruralidade como crítica ao pensamento dual (urbano/rural). Ruralidade dentro de uma concepção dialética, como representação social: “definida culturalmente por atores sociais que desempenham atividades não homogêneas e que não estão necessariamente remetidas à produção agrícola” (p. 72). As próprias trocas sociais estabelecidas entre gentes do rural e gentes do urbano são representações das possibilidades de transformações no relacionar com os lugares, trocas que foram se intensificando devido ao aumento das diferentes formas de mobilidades, e de expulsão.

Encontramos nas migrações como rotas de busca de uma vida melhor para o desenvolvido, como na região norte-mineira quando as mobilidades se apresentam como escapatória da miséria: “especificamente dos migrantes rurais” (PAULA e BRANDÃO, p. 24, 2009), como foi no caso de Miguilim, em Campo Geral, e da maioria dos jovens que residem em Ponto Chique, em busca dos estudos na cidade em que há a Universidade – tendo como rotas mais comuns os municípios de Montes Claros, Uberlândia e São Paulo (estado). As mobilidades, deslocamentos, migrações forçadas fazem parte das histórias das velhas e também das personagens de JGROSA que estamos acionando nessa pesquisa.

Em Buriti (1981), na segunda parte da trama, encontramos uma mulher, Leandra, Lalinha, Lalá, que narra sua relação com a Fazenda de Buriti Bom. Leandra vêm da cidade

para morar naquele lugar por um motivo diferente: seu marido havia fugido com a amante, e o seu sogro, o fazendeiro Liodoro, vai na cidade para buscá-la e guardá-la até o retorno do seu filho: “Iô Liodoro sabe que Irvino não vai voltar nunca mais, mas ele guarda a nora em sujeição, para garantir, mesmo assim, a honra do filho? E Dona Lalinha não vai poder sair, jamais, até que envelheça, ou que o carcereiro um dia morra” (p. 2).²⁵

“Estou no sertão... No sertão, longe de tudo... Eu sou como uma menina de asilo”. A vinda de Leandra, por uma questão de gênero, na maneira com que uma mulher é vista, a marca em uma história que é construída na vinda dela para o sertão, mas é no relacionar com aquele lugar no sertão e com aquelas gentes, que a história começa a mudar...

Ali, Leandra encontra outras possibilidades de ver a fazenda do Buriti Bom: “longe, alheia”, como a vista por sua amiga e irmã de seu companheiro que a traiu, Maria da Glória: “Aqui, a gente tem liberdade de usar o que quiser, é como na cidade. Mas, para ir à Vila, é um horror: falam de tudo, tudo reparam”.

Leandra sempre foi reconhecida como da cidade, “Vê-se, é pessoa fina, criada e nascida em cidade maior, imagem de princesa. Cidade: é para se fazerem princesas”, “moça-da-corte, dama do reino, sinhá de todo luxo”, “Iô Iodoro não fazia mal em deixar assim, dentro de casa, a nora, com seus delúrios e atavios da cidade? (...) Dona Lalinha é que era verdadeiramente de cidade”, e Maria da Glória, no parecer, se aproxima desse lugar também: “às vezes se mostrando mais roceira e sertaneja do que fosse”, diziam que ela parecia da cidade por ter estudado.

Essa concepção limitada do rural em relação ao urbano, como apresentado nessa novela, é discutida por Moraes e Vilela (2013). Se hoje, rural/urbano é entendido, como representações de diferentes universos, incorporando as dimensões simbólicas, é por ter se tornado objeto de estudo no começo do século XX. Até então, rural e urbano eram vistos dentro do prisma subdesenvolvido/desenvolvido, ou a partir de um determinismo geográfico. “Os Sertões” (1902) de Euclides da Cunha, em contraposição à “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa – JGROSA exemplifica essa diferença. Se Cunha (1902), delinea o campus social a partir de uma perspectiva geográfica, JGROSA a expande em uma etnografia literária: mapeia o sertão nas suas entranhas de ser em toda sua totalidade.

Essas produções de dicotomizações, de racionalidades, nas divisões de gentes, refletem também em projetos de sociedades distintos, como na realidade do rural no Norte de Minas

²⁵ Todas as citações de Buriti a partir dessa paginação estão presentes na edição virtual do livro “Noites do Sertão”: Noites do Sertão/ João Guimarães Rosa. – 10ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. As paginações não estão numeradas na edição virtual; foram numeradas por mim, considerando a página 1 a partir de onde a narrativa começa.

Gerais. Batista (2019) nomeia de Sociedade de Curral, e a partir de Nisbet, situa duas configurações sociais, as gentes fracas e os curraleiros:

...nas categorias forte x fraco e curraleiro, configurações cada vez mais opostas, com projetos de sociedades distintos, tendo como objetivo primordial o lucro e a riqueza e a outra, organizada em comunidades tradicionais, lutando pela garantia e preservação de seus modos diferenciados de coexistência humana em interdependência com suas ecologias (ALMEIDA COSTA, p. 231, 2019)

Brumer, citada por Moraes e Vilela (2013) aponta que as mudanças de perspectivas de pensar o rural no Brasil acontecem frente às grandes mudanças no cenário político e econômico. Na década de 90, encontramos o discurso da globalização e o fenômeno da mundialização no seu ápice, onde elementos do que era considerado tipicamente do rural/urbano são polarizados na régua do desenvolvimento.²⁶

Os estudos do campesinato surgem neste último, mas são questionados nas suas limitações por pesquisadores brasileiros, como pelo casal Woortman (1990, 1995) e por Carneiro (1998), na defesa da teoria de novos nominalismos, devido às novas configurações sociais: “um novo nominalismo emerge na identificação de novos atores sociais que emergem na cena política, como povos ou comunidades tradicionais: seringueiros, quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, pescadores, etc.” (p. 75).

Outra abordagem contemporânea compreende o espaço rural como não exclusivo da atividade agrícola, situa fenômenos que evidenciam a maneira como que urbano e rural delineiam funções, como a da família. Um exemplo é a pluriatividade, apresentado por Anita Brumer (2000) e Maria José Carneiro (2001), nos estudos sobre mulheres rurais – ambas situam o lugar que a família ocupa, como uma entidade acima de qualquer poder: “(...) se impõe como uma entidade supra jurídica” e “não devendo ela, portanto, submeter-se à determinações de qualquer ação estranha (exterior) e impessoal da justiça social” (p. 24), e a maneira com que as mobilidades se apresentaram para as mulheres como uma possibilidade de saída desse lugar nessa estrutura familiar que subordina gêneros: “ (...) devido às desigualdades de gênero, que atribuem às mulheres (principalmente às mulheres jovens) uma estrutura subordinada na estrutura familiar” (p. 225).

Em Buriti, encontramos o papel de Iô Liodoro, o fazendeiro e proprietário das terras da Fazenda de Buriti Bom, na metáfora do lugar do rei, no seu reinado, com as suas duas filhas:

²⁶ Enquanto Martins (1975, 1986) localiza nas produções brasileiras os esquemas teóricos da Sociologia rural, Léfèbvre (1986) situa três modelos de pensar o rural, que surgiram na França, nos EUA e na União Soviética.

Maria da Glória e Maria Behú. Assim com um rei, Iô Liodoro possui seus servos e suas mulheres: “Iô Liodoro pastoreava suas mulheres com a severidade de quem conseguisse um dever” (p. 22). Na fazenda encontramos lugares das mulheres em funções distintas, como a das duas filhas: Maria da Glória, a filha bonita, que parece uma princesa, na busca de um amor, no cuidado com a sua beleza como se aquilo fosse um ofício, e Maria Behú, a “flor que desabrochara”, que se dedicava à reza e cuidados com as mulheres que tinham como destino o matrimônio, como outro ofício.

Buriti é considerada uma novela dionisíaca²⁷, também pelo seu aspecto noturno, naquilo que revela tanto as paixões vividas pelas mulheres e pelos homens, mais centradas nas narrativas das mulheres, e nos olhares dos homens, quanto pela metáfora da subversão do feminino. Pois, se na novela Campo Geral, vemos uma mulher que decide continuar no lugar do Mútum, a mãe de Miguilim, mesmo diante de seu apreço maior pela cidade, em Buriti, encontramos outras possibilidades, outros lugares. Quase que uma possibilidade de escolha... Por isso é importante ressaltar que Campo Geral e Buriti representam uma passagem do tempo, assim como traduzem olhares de narrativas diferentes (em Campo Geral, narrado em terceiro pessoa na consideração do olhar de uma criança, em Buriti, narrativa híbrida a partir da presença de uma narrativa em terceira pessoa, como também narrativas-personagens pelos olhares de um homem e de uma mulher em sua mocidade). Também retratam a própria metáfora do tempo, no que a velhice representa nesse sertão rural, como a partir da própria palmeira de buriti, identificada com a Maria Behú: “Maria Behú, parecendo uma velha” (p. 2), e com a vovó Maurícia, que têm a origem do seu nome no fundamento do gênero da palmeira referida: *mauritia*.

Por termos mundos rurais no sertão rural, como Mútum e Buriti Bom, entendemos essa categoria de forma polissêmica, como apresentada por Brandão (2004); compreendemos as figurações sociais de Ponto Chique enquanto cidade rural e ribeirinha nas aproximações em como que as populações rurais as nomeiam, a partir da maneira com que seus moradores acionam e sustentam categorias nativas desse lugar. Categorias nativas são aquelas construídas e elaboradas pelo ser vivente do lugar, dentro do que confere sentido, o que em Ponto Chique encontramos como: pescador, vazanteiro, barranqueiro, folião e batuqueiro.

²⁷ Dionísio, deus das festas e do vinho, remete a tramas que acontecem em Buriti, no relatar de cenários da casa na fazenda como ponto dos encontros de histórias de paixões, jogos e bebidas; assim, Buriti apresenta-se como novela dionísica nessa metáfora do que se revela na vida noturna – perceptível principalmente mais para o final da trama antes da chegada de Miguel.

As categorias nativas acionadas em Ponto Chique se aproximam da discussão sobre a relação da cidade com a terra, com as águas, e com a cultura, dentro das atividades que seus moradores exercem enquanto herança do que seus familiares exerciam. Assim, ninguém se torna vazanteiro, por exemplo, por uma opção ao acaso – encontramos vazanteiros onde seus pais foram vazanteiros, ou dentro de uma família de vazanteiros, como um ofício a ser seguido.

São categorias situadas em um tempo e espaço, uma vez que encontramos categorias nos anos 2000 que já apareciam na década de 40, como também encontramos categorias que não encontramos mais como hoje, como *escravo* e *agregado*, o que não quer dizer que elas não são memoradas nas narrativas ou não aparecem de um outro modo.

São categorias que não aparecem na história fundacional, mas no que cada agrupamento de uma mesma localidade aciona nas suas memórias primárias com o lugar onde cresceu, e que hoje marca quem se é. Mas, apesar de não a encontramos no mito fundacional dessa cidade, assistimos no que quem as conta, quem narra, que no acontecimento dessa pesquisa, optamos por acioná-las naquilo que as velhas narram, na intercessão de dois grupos invisibilizados, e que ficam no lugar nos fenômenos das mobilidades: as mulheres, velhas, aquelas que ficam.

CAPÍTULO 2 - ENTRE MARGENS: AS VELHAS DE PONTO CHIQUE E A VELHICE EM BURITI

E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, p. 7, 1940)

- Maria Diná: Desde cinco anos que minha vida foi no mato. Eu falo com as menina assim sabe... Tem hora que eu tenho vergonha de tá no meio das outras mulhé. Eu nem pareço com mulhé, eu pareço com homi. É porque minha vida é vida de homem, eu num tenho vida de mulhé não. Eu trabalho a vida inteira no mato até hoje. Minha vida é do mato. (Depoimento de Maria Diná concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Figura 21: Maria Rodrigues (Lia) lavando roupa na beira do rio.



Fonte: ALMEIDA, Maria Rodrigues, 1991.

Neste capítulo, deixemos nosso barco nas águas, pairado entre as margens de narrativas de duas fontes: de velhas de Ponto Chique, e da velhice na novela Buriti. Com o objetivo de apresentá-las, mostraremos as sujeitas da nossa pesquisa, as nossas contadoras, e guardiãs da memória.

Primeiro, apresentamos um relato da experiência com as rodas com velhos e velhas que pertencem a um Grupo Geracional, frequente no Centro de Convivência, localizado na Avenida São Francisco, do CRAS de Ponto Chique, realizado no ano de 2020. O relato apresentado foi registrado por via dos Diários de Campo.

Após, apresentamos as narrativas sobre velhice e lugar em Buriti, para então entrarmos no curso das narrativas do Campo: o grupo focal, realizado em 2022, com cinco velhas, também

no Centro de Convivência. Como o áudio do grupo focal foi gravado, apresentamos as narrativas via transcrição, a partir dos temas acionados: como chegam a Ponto Chique, quais os primeiros lugares aparecem nas suas memórias e histórias de vida, e quais lugares aparecem também na relação com Ponto Chique.

2.1- Sertões: seco, molhado e feminino

A imagem que escolhi para este capítulo é a de Lia, na beira do rio São Francisco, lavando roupa, no ano de 1991. Esse rio, que possui uma importância não somente para os sujeitos que vivem em torno dele, entre secas e inundações, como também para a sociedade brasileira.

Na Figura 21, Lia, com 54 anos de idade, encontra-se sentada, no uso das águas do rio para cumprir um ofício: lavar as roupas. Apoiada em um banco na terra, na beira do rio. Na imagem, vemos essa mulher quase que na intercessão entre o rio e a terra. Assim como encontramos nas discussões sobre o sertão, duas maneiras de estar no sertão, na relação com as águas e com o mato: o sertão seco e o sertão molhado, como já abordado por Brandão. (2007)

“Devemos considerar sertão uma categoria que pertence a um grupo, a uma coletividade, que está presente no campo inconsciente e dotado de significados para os seus indivíduos, dentro “do processo de construção ideológica do Brasil” (SANTOS, 2015, p. 10)

Em outro tempo mais antigo, até o século XIX, “sertão” foi um nome usado pelos portugueses para terras estranhas, aquelas presentes no imaginário, desconhecidas, a serem exploradas. Depois, “sertão” passa a ser associado, de forma pejorativa, ao não civilizado, bárbaro, rude, a partir de um discurso do urbanizado. “Porém, também apontou para um lugar de encontro do impulso civilizador com os valores autênticos da nacionalidade. É com esse último sentido que ganha força mobilizadora diversas utopias nacionalistas” (SENA e SUAREZ, 2011, p. 7).

É nessa época, no século XX, que a literatura brasileira produz obras para a compreensão do “sertão” na sua densidade social. O interesse pelo “sertão”, que geograficamente inclui três grandes áreas semiáridas (como o Nordeste seco do Brasil), se inicia com um plano de Vargas durante a ditadura do Estado Novo. A “Marcha para o Oeste” (1930) configurou-se como uma maneira de “povoar” o sertão com o objetivo de promover economicamente a região, e com isso aumentaram-se os fluxos migratórios. (SANTOS, 2015)

É uma *região sob intervenção*, onde o planejamento estatal define projetos e incentivos econômicos de alcance desigual, mediante programas incompletos e desintegrados de desenvolvimento regional. E, por fim, revelando o caráter híbrido de seu perfil sócio-econômico atual, combina arcaísmos generalizados com importantes elementos pontuais de modernização, tais como uma razoável hierarquização urbana, um bom sistema de rodovias asfaltadas que garante as ligações intra e interregionais, e uma rede de açudes, com diferentes possibilidades de fornecimento de água para áreas irrigáveis de planícies de inundação (*vazantes*). Destaca-se sobre tudo isso, a extraordinária área de irrigação de Petrolina (Pernambuco) e Juazeiro (Bahia), no médio vale inferior do São Francisco. (AB’SÁBER, 1999, p.8)

Já nas décadas de 70 e 80, vemos o sertão ser interpretado de formas distintas: na sua prosperidade e fertilidade, e ainda no resquício daquilo que o sertão era visto, na sua barbárie. Entre um e outro, abre-se o enigma: o sertão no imaginário social e o sertão na sua diversidade geográfica. Entre o social e o imaginário, entendemos o sertão como aquilo que encontramos na literatura, na sua multiplicidade, e que traduz algo da história de uma identidade brasileira. (SENA e SUAREZ, 2011)

Encontramos esse modo de vida narrado na literatura de JGROSA Para Rodrigues (2016), em uma análise de um conto roseano, a ambiguidade configura uma marca desse escritor. Encontramo-la na própria maneira dos personagens se relacionarem com os seus lugares, na maneira que esses personagens veem esses lugares, como na própria relação da novela Campo Geral com Buriti, pontos diferentes do sertão: Mútum e Buriti Bom, que representam ciclos da existência e da natureza – dia e noite, infância, mocidade e velhice. Em Buriti notamos essa ambiguidade, a começar pela própria geografia da palmeira: buriti fêmea e buriti macho. E na própria narrativa na visão de quem narra, já que Buriti é narrado também por Miguel e Leandra.

Leandra é uma narradora da segunda parte da novela de Buriti, e também uma mulher rosiana. É como Neitzel (2019) nomeia as personagens femininas presentes nas obras de JGROSA, autora faz um mapeamento do romance: “Grande Sertão: Veredas” e encontra agrupamentos distintos de mulheres, a partir do olhar do narrador – Riobaldo. Para essa pesquisadora, Riobaldo não somente enxerga a sensualidade e beleza das mulheres que aparecem nessa narrativa, como também na “energia espiritual que necessita para reordenar o caos”. (Ibidem, 2019, p.1)

Mas nas narrativas das mulheres nos sertões, encontramos a maneira com que a história agencia essas subjetividades. Se assistimos reflexos da espoliação no rural na figura do trabalhador, da mulher e da velhice, encontramos essas marcas também entre as próprias mulheres, nas dinâmicas do racismo no cotidiano. Assim, vemos mulheres negras que não possuem nomes, e mulheres brancas com um privilégio de possuir famílias com terras. Apesar

de não ser nosso enfoque a discussão racial, é preciso localizar também essas narrativas na relação com a história, já que assim como eu, pesquisadora mulher branca, tenho nas histórias de Conceição e Lia, mulheres brancas, que não viveram como *agregadas*.

Mas continuam sendo mulheres agenciadas pela lógica agropastoril, de um rural que precisa ser agenciado, como vimos desde a época do período das navegações na busca de terras e na ditadura militar com o plano de entrada no sertão. Quem protagoniza essas narrativas na história e nos projetos de desenvolvimento para as localidades? Assim, começamos a olhar para onde essas narrativas nos envolvem.

2.1.1- Nas margens da história e da narrativa

Figura 22 e 23: Lia saindo do *quarto dos biscoitos* em 1998, e fazendo tricô em 2022



Fonte: ALMEIDA, Maria Rodrigues, 1998; ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2022.

Lia é a primeira velha ribeirinha presente na minha memória e a última que escutei, em uma visita à sua casa, depois das Rodas em novembro de 2020 e do grupo focal em agosto de 2022. Encontrei dificuldades na escuta de Lia, pois ela prefere não usar o aparelho que a permite ouvir, e possui uma fala recorrente: *Não lembro de mais nada*. Na sua casa, no dia da visita, em outubro de 2022, uma das suas filhas também esteve presente, como apoio no desenrolar de um novelo da memória. Nessa linha, fui escutando que Lia nunca quis sair de sua terra natal Campo Azul para Ponto Chique. E que antes de ser a *mão dos biscoitos*, como ficou conhecida em Ponto Chique no Mercântil de Alêixo, era costureira na Fazenda da Costaneira.

Uma de suas primeiras memórias narradas se encontra a casa na Costaneira. Uma casa grande, com muitos quartos, e todos eles tinham desenhos no chão, feitos quando o cimento ainda estava fresco. Sua filha narra que lembra da mãe cantando sempre: *Sabiá tá na gaiola*,

fez um buraquinho, voou, voou, voou, voou... Lia cantava junto com a filha, quando ela narrava esse fato de que lembrava: *ela vivia cantando*. Quando se mudou para lá, logo após o casamento, ainda brincava de boneca, e se recorda de outro lugar, além dessa casa na Costaneira: a escola que Alêixo tinha mandando construir, para que os filhos pudessem ser alfabetizados, onde vinham professoras da cidade de Brasília de Minas para lecionar para os filhos de Lia e Alêixo, e para as crianças que eram de famílias *agregadas* naquela terra.

Uma dessas crianças de uma das famílias *agregadas*, assim que a mãe faleceu, foi adotada por Lia, e hoje reside em outro estado. Mas a lembrança da escola continua em memórias anteriores, em Campo Azul, ela dizia: *Eu era inteligente*. E contava sobre como que a leitura era tomada, em forma de canto, que o conteúdo da escola tinha que ser cantado quando ia fazer a avaliação dos alunos.

Entre um café e uma conversa, Lia, narrava alguma história cômica em Campo Azul e em outros espaços daquela cidade, como quando ia com uma amiga para a igreja com uns alfinetes, para grudar as saias das mulheres que estavam rezando distraídas.

Alguns fatos, Lia preferiu não narrar, após a saída de Campo Azul.

Dos tempos que Lia preferiu não narrar, traduz uma memória não esquecida, que marcou na preferência de não dizer, não sabemos, mas de algo pode se imaginar o porquê. Não narra, mas rememora no tempo de estar sendo velha.

xxx

Como uma sociedade que impede a lembrança e escraviza a partir do trabalho braçal, pensamos na figura do velho como representação da espoliação – de que maneira a opressão acontece na velhice, ou continua a acontecer? Ser velho, na sociedade capitalista, aponta Bosi (1979), é continuar lutar para ser homem – ou ser gente. Qual o espaço existe para a velhice nessa sociedade? É dessa maneira que se é dada a importância do lembrar para os velhos dentro de uma perspectiva cultural, já que o velho, assim com a memória, é esse elo entre passado e presente. Bosi (2012) situa a educação dada pelos velhos como a educação dos pequenos, a educação com o espaço vivido: como arte de trocar experiências.

Brandão (1998) na sua visita à casa da memória com Ecléa Bosi, relembra a diferença de um narrador-cronista para o cientista-intérprete. Me parece fundamental essa distinção, pois é a partir dela que o autor discorre sobre os processos envolvidos na relação com a memória,

com a imagem, com a poesia e com a temporalidade, para situar o lugar de Bosi na escuta com velhos, bem como o seu, mas em lugares diferentes, ou seja, no urbano e no rural.

Na sua experiência com os velhos do rural, Brandão (1988), recorda de Halbwachs, no que se diferencia da experiência de Bosi com os velhos de SP, colocando a dimensão social em evidência na relação com a identidade, no que as gentes velhas do rural apresentam um menor sentimento de solidão em comparação as da cidade; e aqui ele também menciona sobre a comunidade de destino, atrelado ao sentimento de pertença com relação ao lugar na relação com a memória, com os seus. A relação com os lugares são todas possibilidades de trocas, inclusive simbólicas, como na transmissão de histórias.

Nos interessamos pelas histórias contadas, mas também pelo lugar que elas possuem na história, nos interessamos no que é passado, transmitido e que fica. Walter Benjamin (1985) nos diz que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores” (p. 198), e ilustra dois protótipos mais arcaicos desses grupos: o marinheiro e o camponês, o que viaja, e o que transmite sua tradição na relação com o que vive e onde vive. Nos interessamos pelas narradoras, por suas experiências que ficam, pelas camponesas que residem perto do rio, e que transitam entre o rio, pelas mulheres ribeirinhas de Ponto Chique.

Martins (2004) em artigo sobre a metodologia qualitativa, abre um parêntese nas considerações sobre a história de vida no lugar do testemunho, localizando os cientistas sociais no lugar de obtenção de relatos orais, e aborda a crítica sobre o dilema da verdade diante das “peças que a memória prega” e é portanto que os estudos sobre memória também se mostraram presentes neste trabalho.

De acordo com Chauí (1979), a primeira maneira de narrar e contar histórias foi realizada via lira, a história cantada, até o surgimento dos considerados primeiros historiadores na forma de prosa, de contar a história, na figura de Homero, Hesíodo e Heródoto. A história passa a ser registrada, onde encontramos na sociedade moderna a história celebrativa enquanto aquela escrita nos documentos oficiais, como nos livros. A questão é quando ela é contada como uma única narrativa. Por isso que, para essa autora, a história celebrativa sufoca a lembrança, pois a memória é substituída por ela.

Os encontros com as velhas de Ponto Chique suscitaram sobre como que a gente se torna alguém na relação com o lugar em que se vive e convive, e se cria. As novelas roseanas apontaram esse horizonte, mas é no viver com essas personagens que existem além da palavra escrita e que dizem, que as palavras alcançam outros lugares. Alcançam imagens, memórias... Muitas passaram a me reconhecer a partir de quem foram meus avós após as rodas, quando

andava na rua diziam: *você é a neta de Sêu Alêixo?* Fui me encontrando então nos olhos de quem me viam: quem me benzia quando menina e me levava para o mato, quem me catequizou, quem é mãe de quem primeiro foi minha professora... Imagens que somente pude acessar por meio delas.

2.1.2 - Nas margens das narrativas do Campo

As rodas foram realizadas no Centro de Convivência, antiga creche da cidade, no ano de 1996, onde lideranças comunitárias dos bairros tomavam conta dos bebês e crianças pequenas. Lembro pouco, por ocorrência da minha *madrinha de fogueira* ter me levado diversas vezes nesse lugar. *Madrinha de fogueira* era quem a família escolhia, da comunidade, para apadrinhar a criança, e isso acontecia em volta de uma fogueira. Enquanto meus pais trabalhavam, era ela quem cuidava da gente.

Figura 24: Registro das rodas, no preparo do contar



Fonte: SCFV, Trabalhadoras da Assistência Social, 2020.

As narrativas na forma que serão apresentadas, aqui, seguem o fluxo das minhas observações clínicas nos Diários de Campo, pois foi enquanto terapeuta comunitária que conduzi as rodas. Assim, a centralidade delas será a partir da minha perspectiva enquanto psicóloga na condução de processos grupais, mas também no lugar de estudante no exercício de me distanciar para fazer esse relato. Por envolver conteúdo sigiloso, não foram realizadas gravações, mas os participantes estiveram cientes que também estavam participando de uma pesquisa. Por isso, o conteúdo descrito, aqui, diferente da maneira que será apresentado no Campo – grupo focal, foi acordado com eles, na medida do que vai ser possível de ser

apresentado. Achamos relevante mostrar esse primeiro contato com o Campo, pois foi o momento de criação e fortalecimento de vínculos, no estabelecer de uma ponte, de uma relação de amizade (no dizer de JGROSA) para que o narrar fosse possível de maneira acolhedora.

Nas primeiras rodas, já se via a necessidade das velas e velhos de se expressarem através da fala: *se eu for contar o que eu vivi eu não saía daqui...* Relataram que o período da pandemia foi muito difícil, não tinham os espaços para o diálogo, para uma palavra, para uma escuta, pois com o isolamento social, elas não podiam sair de casa, ir à igreja, aos forrós. Permanecendo dentro de suas casas, em segurança, mas também vivendo muita solidão.

Muitas histórias narradas já eram do ouvido de todos e todas, já que a vida no município pequeno, a privacidade é pequena. Assim como é comum encontrar outros espaços de partilha de histórias, além das rodas, como nas conversas em casa, onde se *joga conversa fora*, e no espaço da cozinha, principalmente, durante o preparo de um café. O cozinhar da palavra acontecendo no cotidiano dos fazeres rotineiros. Muitas histórias que expressaram sofrimento, encontravam a seguinte frase frequentemente dita: *Só Deus pode resolver, só Deus pode curar*.

As histórias narradas e recordadas tinham recortes tomados também pela imaginação: após cada roda, quando conversava com outros moradores da cidade, ou com as trabalhadoras do CRAS, via-se que eram histórias que estava no conhecimento da cidade como *fofoca*. Ou seja, pegava-se um recorte de uma história, e transmitia-se naquilo que se imaginava sobre o que tinha acontecido... Em toda roda, havia um ditado popular frequentemente repetido que dizia assim: *Quando a boca cala, os órgãos falam, e quando a boca fala, os órgãos saram*.

Uma das primeiras histórias narradas foi contada por uma pessoa que dizia que se sentia muito sozinha, apesar de estar cercada de gente – ela não quis contar a história por de trás de seu sofrimento, mas naquele momento, sentiu o desejo de falar sobre o que estava sentindo.

Tivemos uma velha que era paciente de transtorno mental, que não se sentia à vontade com as histórias tristes, mas que sempre contava a mesma história, que envolvia uma criança perdida e um amor. Ela sempre estava presente quando havia cantoria, era quando se sentia escutada pelo grupo, como quando ela narrou sobre seu sofrimento com esse amor e o grupo cantava: *“É o amor, que meche com a minha cabeça e me deixa assim, que faz eu pensar em você e esquecer de mim”*, e sua voz acabava se contrastando no cantar mais alto do que de todo mundo. Assim ela encontrava uma maneira de estar naquele lugar, e quando não conseguia, ficava próxima fazendo alguns desenhos, e essa foi a imagem pintada por ela:

Figura 25: Desenho de uma casa por outra Lia



Fonte: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2020.

Muitas histórias remetiam à pandemia, em como estavam vivendo aquele momento nas relações familiares e com Ponto Chique. Diziam do medo, não do adoecimento, mas de *dar trabalho* para quem precisasse cuidar deles, caso adoecessem. Logo eles, cuidadores de uma vida. E nessa conversa sobre adoecimento e perda, encontramos relatos sobre a morte, da dificuldade de querer entender a partida, e de quem escolhe não viver, além da angústia de não poder se despedir.

Realizei uma dinâmica grupal sobre o sol e a lua, nas metáforas da nossa existência com os elementos do fim e do começo do dia com: o sol que simboliza a vida, a lua que simboliza o fim. Os que diziam que se identificavam com a lua eram aqueles com alguma dificuldade de se despedir, mas eram acolhidos por aqueles que chegavam como o sol, cantando e dançando.

Mesmo quando narravam sobre o agora da pandemia, surgiam trechos de outros tempos, fragmentos. Houve uma dinâmica grupal sobre a infância, sobre os primeiros tempos no lugar onde se cresceu. Foi no dia dessa dinâmica que eles falaram sobre suas experiências com a sua infância, na comparação com a infância de seus netos e netas, como a presença dos recursos tecnológicos, na contraposição dos recursos da natureza que eram matéria-prima para o criar de seus brinquedos – como um sabugo de milho que virava boneca. Uma velha narrou sobre a chegada da tecnologia em Ponto Chique, como o susto que ela havia levado pensando haver pessoas dentro daquela caixa, que era uma televisão.

No contar da infância, encontramos narrativas sobre o desconhecimento desse viver: de ser criança, pois eram outros tempos... E naquele espaço do Centro de Convivência, brincamos também, como um voltar em um tempo, que para algumas não existiu. Também cantamos e

dançamos, nos jogos de versos das velhas do batuque. No contar e no cantar de outros tempos... E desses tempos e entre os tempos que esse trecho ilustra o *junto e misturado* do dizer de JGROSA.

Outra dinâmica grupal envolveu o espalhar de imagens do cotidiano no rural nas paredes daquele espaço onde estávamos. Foi curioso observar como elas passavam entre as imagens. Solicitei para que vissem as imagens, se demorasse nelas se for preciso e que cada uma escolhesse uma imagem:

Figura 26: As mulheres e as imagens na parede



Fonte: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2020.

Uma escolheu a imagem que tinham algumas meninas amontoadas na janela, vendo algo dentro de uma casa, de fora da casa: a lembrança narrada com essa imagem foi de quando chegou televisão em Ponto Chique. Como só havia uma, as pessoas se tumultuavam para assistir pela janela da casa da única pessoa que tinha, ao ponto da pessoa proprietária do aparelho de tv ter que levar para fora a tv para que mais pessoas pudessem se reunir para assistir.

Outra imagem escolhida tinha duas mulheres em uma estrada de terra, uma montada em um cavalo com várias “trouças” penduradas: disso, a velha narrou do Batuque antes da pandemia, do quanto eles viajavam a pé - principalmente para a Bahia, iam para muitos lugares *representar, parecendo ciganos*.

A imagem de uma casa, no meio do nada, que chamou a atenção de outra mulher. Aquela imagem a levou longe, que ela segurou a imagem com muita força, fixou o olhar e paralisou, depois começou a chorar muito e a narrar sobre quando teve sua casa queimada: a fala entrecortada, embaralhada, as palavras soltas, quase não se dava para entender. Em outro

momento grupal que estivemos juntas, ela contou mais sobre a história lembrada, uma vivência antes do falecimento do esposo, que continuou através do filho, de violência familiar.

Muitas das músicas escolhidas por elas e por nós, entre as mais escutadas, encontramos Roberto Carlos e o sertanejo: “*Encosta sua cabecinha no meu ombro e chora, e conta todas as suas mágoas todas para mim*”, as músicas da igreja: “*Seja-bem vindo ole olê, paz e bem pra você que veio participar*”, as das brincadeiras de roda, as inventadas na hora no jogar de versos... A mais cantada vem ao encontro do que JGROSA diz “qualquer amor é um descanso na loucura”: “Eu tenho tanto pra lhe falar e com palavras não sei dizer, como é grande o meu amor por você”, mas cantávamos: *como é grande o meu amor por vocês* ou/e às vezes: *como é grande o nosso amor por você*.

Figura 27: Registros das rodas, no cantar



Fonte: SCFV, Trabalhadoras da Assistência Social, 2020.

Após os encontros, narrados, cantados, contados e escritos nessa colcha de retalhos, nas memórias das gentes, fizemos um amigo oculto artesanal, em que cada uma tivesse que fazer o seu presente para alguém, no que muitas se surpreendiam: *mas eu não sei fazer nada*. Poucas compraram os presentes no dia, muitas usaram do que já faziam: biscoitos, mantas de renda e outros artesanatos, dentro do que aprenderam a ser: e do quê desse sertão sanfranciscano elas levam e deixam, e imaginam: “o sertão está em toda parte” (JGROSA).

2.1.3 - Nas margens das narrativas de Buriti

“Mãe, que é que é o mar, Mãe? Mar era longe, muito longe dali, espécie duma lagoa enorme, um mundo d’água sem fim, Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava. – Pois, mãe, então, mar é o que a gente tem saudade?”

A gente olhava mãe, imaginava saudade. Miguilim não sabia muitas coisas. – Mãe, a gente então nunca vai poder ver o mar, nunca? Ela glosava que quem-sabe não, iam não, sempre por pobreza de longe. – A gente não vai, Miguilim. O Dito afirmou: Acho que nunca. A gente é no sertão. Então por que é que você indaga? Nada, não, Dito. Mas às vezes eu queria avistar o mar, só para não ter uma tristeza...!” (JGROSA, 2020)

Defendemos o lugar da literatura nesses estudos sobre narrativa, pois é para fins de corrigir a dureza da vida que nos valem dela (diria eu delas: literatura e narrativa), pois, de acordo com Barthes (2004), a literatura, diferente da dura ciência, não diz que sabe das coisas, mas que “sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens” (p. 9). Além do lugar da literatura enquanto gênero narrativo, Barthes (1971) o ultrapassa no campo real, pois não só na literatura existe a narrativa. São incontáveis as narrativas, aponta ele, ao buscar na linguística, e no diálogo com outros campos científicos.

Retornamos esse trecho de Campo Geral para situar as narrativas sobre a velhice em Buriti, pois é nessa novela que o narrador, em Buriti, vive sua infância, cresce... É em Campo Geral que, Miguel em Buriti, constrói suas primeiras memórias com o lugar, e é em Buriti que ele lembra, e contrói outras memórias. “Tendo, por fim, retornado à sua moradia-mundo, eis que o nômade, errante, se torna caseiro. Por que, desde há tanto tempo diminuído, havia ele abandonado esse palácio por habitações tão pobres?” (Michel Terres).

Em “Buriti” (1988), o Miguel, depois de formado em medicina veterinária, retorna e vive uma história de amor, com a filha de um dos fazendeiros: Maria da Glória. Mas há também paixões, outros amores, e toda uma dinâmica da vida social no rural de outras mulheres que surgem na trama. O escritor continua a inventar abismos, na inexistência do que somos levados a pensar, em tudo que o sertão pode ensinar e dizer por suas gentes e por ele próprio. Homem/natureza é existência: “como a infância ou a velhice - tão pegadas a um país de medo” (p.1).²⁸

Na novela, realizamos agrupamentos de narrativas de mulheres: encontramos a beleza em questão: Leandra e Maria da Glória, duas mulheres que são sempre vistas pelas formas do corpo, pelas formas de se vestirem e de viver suas paixões, e uma beleza vinculada à discussão de ser da cidade como ser da luxúria e da vaidade:

Dona Lalinha é uma linda mulher, tão moça, como é possível que o marido a tenha abandonado? (...) Vê-se, é pessoa fina, criada e nascida em cidade maior, imagem de

²⁸ Todas as citações de Buriti a partir dessa paginação estão presentes na edição virtual do livro “Noites do Sertão”: Noites do Sertão/ João Guimarães Rosa. – 10ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. As paginações não estão numeradas na edição virtual; foram numeradas por mim, considerando a página 1 a partir de onde a narrativa começa.

princesa. Cidade: é para se fazerem princesas. Sua feição - os sapatinhos, o vestido, as mãos, as unhas esmaltadas de carmesim, o perfume, o penteado. (p.2)

Dona Lalinha, todos serviam e admiravam. - É uma dona bacharela de instruída! (p. 13)

(...) os capiaus que a avistassem faziam enorme espanto, se ajoelhavam, sem voz, porque ao milagre não se grita, diante. (p. 2)

(...) moça-da-corte, dama do reino, sinhá de todo luxo. (p. 5)

Sua beleza era pasto... Lala se ensinava, no íntimo: que estava se prostituindo àqueles olhos... Ele a olhava como uma divindade. (p. 49)

Dona Lalinha é que era verdadeiramente de cidade. (p. 10)

Leandra ou Lalinha é a mulher que vêm morar no sertão. No começo da narrativa em Buriti, é dessa maneira com que ela é apresentada, diante de uma trama que a leva para a Fazenda do Buriti Bom, depois da traição de seu marido. Nesse ir para o sertão, Leandra vai tecendo outras relações com o lugar, como é possível de ser observado nessas três passagens:

Dona Lalinha, de se jurar, está aqui forçada, presa, nesta fazenda. (...) / Estou no sertão... No sertão, longe de tudo... Eu sou como uma menina de asilo. (p.3; 29)

...gostava de dizer-se que estava no Buriti Bom para uma ação de penitência...
Donde lhe vinha o apego àli? / Temia pudesse da cidade se esquecer, de sua vida de antes, de tudo o que pensava fosse seu. (p 38; 37)

Sentia-se também de lá, fazendo parte, pertencente. (...) / Lalinha, curioso como ela ali perdia todo o desejo da cidade, que se adia de repente quase desistida... (p. 38; 42)

Leandra ao se mudar para Buriti Bom, desenvolve uma relação de afeto com Maria da Gloria ou Glorinha, vista como a filha bonita do dono daquela fazenda, o fazendeiro de Iô Liodoro:

(...) ...ela era cadeiruda e seiuda, com olhos brilhantes e pele bôa e pernas grossas - como as mulheres do sertão tinham de ser... (...) / Glória: o olhar dado brilhante, sempre o sem-disfarce do sorriso como se abre, as descidas do rosto assinalado - uma onçazinha.(p. 22/ 2)

É moça de muita saúde e bôas prendas domésticas, preceito virtuoso... Deriva de raça muito cristã. (p. 22)

Mas uma moça, mesmo por assim ser, engana. Às vezes dizem coisas, por desempenho, desenleadas - querendo ver o embaraço do homem, só por experimentar... (p. 3)

Glorinha era lisa e jovem, uma sertaneja. (p. 40)

Maria da Glória, na cumplicidade com Leandra divide suas questões com ser mulher e com as paixões encontradas com ela, e é também quase um símbolo da subversão quando parece representar um modo outro de ser mulher no sertão, ainda na identificação e pertencimento com aquele lugar. Ela toma para ela o lugar, mas é também vista por outros olhares dessa maneira, e parece que ela se dá conta disso, a partir desse último trecho abaixo:

Ela é franca demais, vive demais, abertamente; é uma mulher que deve desnortear, porque ainda não tem segredos... (p. 3)

Maria da Glória era a bela, firme para governar um cavalo grande, montada à homem... Galopava por toda a parte, parecendo um rapaz. Alegria, era a dela. - "Sou roceira, sou sertaneja!" (p. 10)

Casamento não é sorte? Não penso nisso, não. Não me importo de ficar para tia... Prefiro morar sempre aqui, com Papai e Behú, gosto do Buriti Bom (...) / "nossas estrelas daqui tão nossas" Em tudo o que dizia, decerto em tudo quanto pensava, ela era rica... Temesse? Maria da Glória ainda não aprendera a sabedoria de recear, ela precisava de viver teimosamente. (p. 27; 12)

Maria da Glória perdoava tudo aos homens? (...) / Ali, Maria da Glória encorajava Lalinha, que não temesse bois bravos. (p. 35; 27)

Além de Leandra e Maria da Glória, mulheres que não somente são apresentadas nas narrativas de um olhar masculino, como também na maneira que tomam aquele lugar, mesmo no entendimento de como existem ali, encontramos Maria Behú, quase que na contraposição de Glória:

Destitosa, magra. Maria Behú, parecendo uma velha. Para ela, ter de viver com a cunhada e a irmã, na mesma casa, deve ser um martírio. Maria Behú reza, quase todo o tempo. (p. 2)

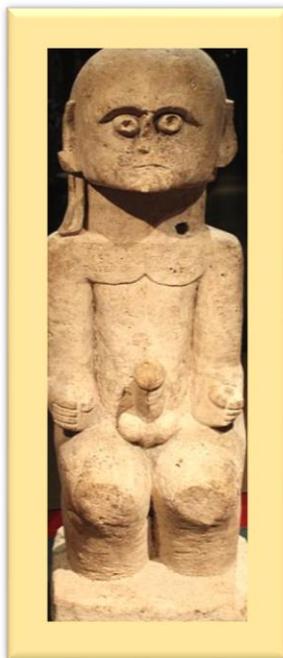
Destino desigual do de Maria Behú, essa nunca acharia quem a quisesse, nunca havia-de. Maria Behú, tisna, encorujada, com a feice de uma antiguidade. (p. 5)

A ver, tirante e malvolência de Maria Behú, a pobrezinha desgraçada, em birra com seu mesmo aspecto. Ao leve quisesse criticar, achava também que aquele luxo constante de Dona Lalinha chamava a atenção demais, não assentava bem com o sertão do lugar, com o moderamento regrado, simplicidade nos usos. (p. 6)

Maria Behú, apresentada em uma narrativa associada com a feiúra e com a velhice, assim como Glória na vivência de um ápice de uma mocidade, sempre com muita energia. Behú, aquela que observa o tempo, como se para ela tudo tivesse passado, e a mulher que lembra a tristeza e modo de ver da mãe de Miguel, personagem presente em Campo Geral. Behú é a mulher que vê a sacralidade da palmeira buriti, que enxerga o sertão parecendo estar ainda nas

sombras, pois Behú só é vista de maneira superficial, mas continua a ver e manter algo de um ofício de um cuidado com a tradição. Na narrativa, Behú é vista pelas mulheres, por Miguel, e quando fica encantada, onde sua beleza aparece:

Figura 28: Estátua no museu da Indonésia: Behú Iawölö



Fonte: CUESTA, Miguel Hermoso, Musé du Quai Branly, estatua de ancestro de Indonea, 2013.

Sua presença infundida na região uma sombra de soledade. Ia para o céu... Inventando um abismo. - Ele é que nem uma igreja... - Maria Behú disse. Maria Behú foi a primeira que Miguel conheceu... acolheu Miguel com agradada maneira, ativamente melancólica... Maria Behú murchara apenas antes de florir, não conseguira formar a beleza que lhe era destinada... Ela parecia uma prisioneira: que tivesse conseguido, do lado de fora, alguém que lhe desse uma atenção... A maneira de olhar, vez a vez, vigiando se as outras já voltavam... Maria Behú era uma criatura singela... Dizia da roça, da vida no sertão, que seria pura, imaginada simples e ditada de Deus, contra a vida da cidade. (p. 16)

Tinha-se de aceitar, sonso verdezinho capim, medrando grau em grão, um diferente amor por Maria Behú, uma precisão de demorar amiúde perto dela, que punha bom-olhado. O que nos olhos envelhece. Seu olhar envelhecia as coisas? (p. 45)

Maria Behú era uma estranha, sua doçura vinha de imensa distância. (p.50)

"Quem vem dos Gerais, é alegria adiante, tristeza atrás..." Maria Behú estava citando um ditado de Vovó Maurícia... Maria Behú gostava de rezar e ser triste. (p. 34)

"Ele respeita muito a Maria Behú..." - alguém dissera. Com efeito, era a Behú quem mais zelava por ele, dava-lhe severo e caridoso amparo. (p. 41)

Maria Behú estava morta... E a morte a embelezara. Partira, na aurora... Mas a Maria Behú compreendia, mais que a todos. Behú: "Ela também dia a dia se afastava para longe de vocês, para muito longe..."... Como os buritis bulhavam com a brisa. (p. 55)

Não, o sertão dava medo... Talvez toda quantidade de bondade do mundo não bastasse... E seria preciso se produzir mais bondade - como a de Maria Behú e Maria da Glória, que pareciam tanto estimar e proteger aquela gente pobre... (p. 36)

Essa última passagem, na relação de Behú com Glória ilustram como a imagem que é transmitida na narrativa que acontece na Fazenda do Buriti Bom. Nessa trama, encontramos outras personagens femininas na relação com aquele lugar, e que vêm também de outros lugares, como Iá-Dijiná, companheira de um dos filhos de Liodoro: “Muito distinta, mesmo. Foi mulher-dama em Montes Claros, e no Curvelo.” (p. 8), e Dona-Dona, que perdera a beleza ao envelhecer, esposa de outro fazendeiro, Gualberto Gaspar, e que adoece (parece ser uma espécie de demência) em um momento da trama, como vemos nos últimos trechos abaixo:

Dona-Dona, quando aparecia, não escondia sua infelicidade. Ela mesma era roxa, escura, quase preta, dessa cor que semelha sujeira em pele. Com um desajeitado pano à cabeça, ocultava seus cabelos, encarapinhar-se. Desparelhava de ser mulher de nhô Gualberto - parecia uma criada... (p. 9)

... A calada mulher de Nhô Gal, mais calada de feia, via-se que moça fora mulata e agora envelhecida tendendo a ser preta, como uma ave. (...) / Sua mulher, Dona-Dona, fora bonita, para o seu escasso gosto. Agora, estava feiosa, sem os encantos do tempo. (p. 41; 14)

Dona-Dona queria mostrar que não era uma criada. (...) Dona-Dona recebia visitas, de mulheres de campeiros ou de trabalhadores de enxada, ou de capiaus vizinhos mais longe... Dona-Dona se debruçava à janela... Queria bramar avisando o mundo todo de que ela era senhora de posses, casada com um fazendeiro. (p. 9)

"Dois dias que a Dona-Dona adoeceu passando mal. É das ideias... (...) / Aiaia!" Agora ela chamava pela mãe, havia já uma idade falecida. (...) / Dona-Dona tivera melhora. (p. 56; 58; 59)

Não somente em Dona-Dona encontramos a questão da raça aparecendo, como em outras narrativas femininas, inclusive na maneira com que quais mulheres são nomeadas, e quais falam no momento da trama, como a cozinheira preta que vive com Dona-Dona: “A cozinheira preta tinha uma porção de filhos pequenos. Dona-Dona, xingava sempre, porém, logo em seguir, se dirigia à própria cozinheira, era em tom gracejo, denunciando e explicando as artes dos meninos, como se os elogiasse. A voz da cozinheira não se ouvia” (p. 8), e uma amante de Iô Liodoro, Alcina: “a mulata Alcina, fógosa em dendê e suor, como se tivesse no ser esse sol todo da Bahia,- tanto pouco.” (p. 20)

Além de Behú que parecia já ter envelhecido e Dona-Dona já envelhecida, encontramos mulheres velhas vinculadas à magia que são acionadas em momentos de ajuda e pedidos que desafiam o destino, como Dô-Nhâ, que também possui uma história subversiva dentro de uma cultura tradicionalista de ver a mulher, e que é chamada por Behú, Glória e Liodoro para

Leandra, naquela trama de que o marido que a traiu voltasse. Dô-Nhã, nos saberes do mato e dos homens:

Uma senhora, muito bôa, engraçada, você vai ver ela, ela vive da banda de lá do rio... Ela tem poderes... Ei, desmancha coisa-feita, desata contratos... Ela sabe manha e arte... (p. 28)

Espera, isso é depois Dô-Nhã. Senta aqui com a gente, conta as notícias do mato. (p. 29)

Eu tinha opinião de amor... Mas fugi - em risos, em rezas, e em prantos... A gente não se presume... Vender couro de bichos, plantar mandioca, pescar peixe... Eu era muito menina, não podia ter juízo. (...) Eu havia de ter vergonha de ser mulher de quatro... Daí depois, uns tempos, eu já não era boba, pensava nessas providências da vida, e resolvi mandar - pois todos me obedeciam e me agradavam. (p. 30)

Dô-Nhã aparece nessa relação como quem dá notícias e é chamada, mas também com uma história reconhecida por ela. Encontramos além dela, outras velhas mulheres do mato, que aparecem como os pobres do mato:

Em certos dias, surgia na varanda uma mansa gente - os pobres do mato. Eram umas velhas, tiritáveis, xales pretos tapando remendos e molambos, os rostos recruzando mil rugas; e as rugas eram fortes... Aquelas roupas, tinham sido fiadas e tecidas à mão, por suas mães ou mulheres, ou filhas. (p. 36)

Sobre os pobres do mato, só encontramos eles nessa passagem, assemelhado a uma identidade cigana. Mas das velhas em Buriti, encontramos não somente agrupamentos como esse, ou personagens que se aproxima da discussão de uma passagem do tempo, como também assistimos velhas que se relacionam com a mocidade naquele sertão, e em um dos lugares da Fazenda que aparece na casa, a cozinha, são as mulheres da cozinha:

Aquelas mulheres da cozinha, para elas os ecos do mundo chegavam de muito distante, refratados... Dividiam bichos e entes - os que eram de Deus e os que não eram. (p. 35)

As mulheres-da-cozinha, que às mais tudo olhavam, a festa e a fogueira bendita, tudo prazia-as e tudo agradeciam, redondo meninamente. (p. 41)

(...) que eram moças e velhas, risadinhas tossicavam e conversavam irmãs as novidades repassadas, como os acontecimentos da vida chegavam a elas já feito num livro de figuras... Elas eram muitas, sempre juntas, falavam juntas. (p. 45)

São essas mulheres, que parece ser um só corpo, quase que como cantadoras de histórias, que rezam o corpo de Behú quando ela fica encantada. Em “Buriti” (1988), nas narrativas das mulheres mapeadas, encontramos descrições na associação com a natureza, metaforizadas em

bichos e flores: “Flôr de jardim, flôr em vaso” (p. 22); “Sua beleza era pasto...” (p. 49); “Murchara apenas antes de florir, não conseguira formar a beleza que lhe era destinada...” (p.16); “ela tivesse um passado, subsob que nem semente afundava em chão de areias” (p. 20); “E agora envelhecida tendendo a ser preta, como uma ave” (p. 41); e “todos os dentes, e muito brancos- não do branco do polvilho ao sol, que só em boca de moça que às vezes se vê, mas o branco dos ovos de coruja...” (p. 18).

As relações entre desejo, violação e natureza também aparecem no discurso da narrativa: “Os olhos dele baixavam em Glorinha, como para um esflôr” (p. 51); “as descidas do rosto assinalado - uma onçazinha.” (p. 2); “... ela ainda oferece sua natureza, tem a fraqueza da força, compreendia-se que devesse mesmo rezar e isolar-se, como a tirolira desabrocha madrugada, tamanho de um bago de orvalho” (p. 45); “Tinha-se de aceitar, sonso verdezinho capim, medrando grau em grão” (p. 45); “Os olhos, quando ela remira, dão para derreter de longe ceras de abelheira e resinas de árvore...” (p. 14); “A mocinha desvirginada, deflorada” (p. 48).

Por fim, encontramos um outro duplo na trama, já que Buriti possui uma popularidade nessa discussão de duplos, mas no que JGROSA brinca com os contrários que dialogam, naquilo que pode confundir e somente parecer ser.

Vimos o duplo desde a palmeira do buriti, fêmea e macho, na beleza exaltada e sexualizada em Glória e Leandra, nos dois narradores-personagens da trama homem e mulher Miguel e Leandra, na bondade de cuidar do sertão e ser nele como em Glória e Behú mesmo em polos, e na Tia-avó Rosalina na amizade com vovó Maurícia, que é: “menos velhinha e mais bonita ainda... As duas tão amigas foram casadas com dois irmãos” (p. 28). Os dois irmãos mencionados é com quem Rosalina casa e com quem a vovó Maurícia casa. Maurícia que é sempre vista a partir de alguém que narra sobre ela na lembrança:

Vovó Maurícia é das Gerais (...) gosta de vinho... Ela conta coisas da mocidade, tão divertidas: reproduz em assovio as músicas das dansas antigas... (p. 17)

Lembrei de Vovó Maurícia, você sabe? Ela é quem diz: - A gente deve de ter muitos filhos... A gente se casa é para lua de mel e luas-de-méis! (p. 28)

Mas esse rito final do fôgo sempre pertencia de direito à Vovó Maurícia... - "Minha mãe- que Deus lhe ponha mais saúde-... conforme que está la, nos nossos Gerais..." Assim a festa findara. (p. 41)

Figura 29: *Mauritia flexuosa*, o Buriti



Fonte: PEREIRA, Benedito Alísio da Silva, 2004.

2.2 - No curso das narrativas do Campo

Quando descobri, enquanto não entendedora da área da botânica, que buriti era uma palmeira, me lembrei de outra palmeira que meu avô Alêixo sempre tinha em todo terreno que morou: a palmeira de coco. A palmeira, quase que como uma representação, possui uma conotação em buriti que será discutida mais adiante, pois representa uma novela dionisíaca, de subversão do feminino, e de algo que continua... Pois se em Buriti, Miguel rememora sua infância, é aqui que outras narrativas invadem a trama, a partir de olhar de uma narradora: Leandra.

Leandra descobre um motivo de estar naquele ponto do sertão, na Fazenda Buriti Bom, enquanto alguém vista como da cidade. Foi se identificando naquele lugar nas relações com a paixão, no ser vista como mulher, assim como Miguel também foi construído uma outra relação com aquele lugar naquilo que ele elaborava do seu passado. O elo de Miguel com o sertão foi a memória, o elo de Leandra com o sertão foi o agora. Foi no agora, o tempo que é possível todo o acontecimento, que pude escutar Lia e outras velhas, para trazer outras versões de histórias contadas, e refletir sobre a densidade social presente em cada narrativa cotidiana e de uma história de vida.

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Em Ponto Chique, em nosso trabalho de campo, encontramos agrupamentos de mulheres que se dedicam às artes da pesca e do mato que aprenderam com as gerações passadas, mulheres do batuque da cidade que tem o gosto pelas as andanças para *representar* (como nomeiam o apresentar), mulheres que trabalhavam com a arte de fazer doces e cuidar da casa, que através dos seus pais, possuem terras, mulheres que não tinham nenhuma posse, e faziam todo o trabalho fora da casa. Assim como em “Buriti” (1988), as mulheres não conseguem mudança na mobilidade social e desempenham durante toda uma vida os mesmos papéis e funções sociais.

Nas narrativas apresentadas, encontramos com cinco velhas, as apresentaremos com pseudônimos estratégicos, na opção de adotar o primeiro nome de “Maria” para todas como uma simbologia da continuidade, e o segundo nome, após uma pesquisa na botânica, utilizamos como inspiração os nomes científicos de seres viventes que se relacionam com a palmeira de Buriti.

Há registro de espécies da fauna e da flora em íntima associação com os buritizais, como a orquídea baunilha-gigante (*Vanilla* sp.), as aves Reinarda squamata C. (*andorinhão-do-buriti*), *Icterus chryscephalus* L. (*rouxinol-do-rio-negro*), *Orthopsittaca manilata* B. (*maracanã-do-buriti*), os peixes ornamentais *Paracheirodon axelrodi* S. e *P. simulans* G. (Ferreira, 2018, p. 196).²⁹

Figura 30 e 31: Faixada Centro de Convivência e Quintal do Centro de Convivência



²⁹ Grifos nossos.

A primeira figura – à esquerda, é a faixa do local – Centro de Convivência, localizado na Avenida São Francisco. A segunda figura foi o espaço preparado para recebê-las, para a realização do grupo focal, fica na parte do fundo, quintal, do Centro de Convivência. Antes do grupo focal, recebi na minha casa, duas estudantes do curso de Ciências Sociais: Maria Eduarda e Maria Clara, que auxiliaram com o registro, observação e acolhimento. Dialogamos sobre o tema do grupo focal: memória e lugar, e agendamos com as trabalhadoras da Assistência Social o dia e horário possível para a maioria das velhas.

Em decorrência da experiência com as rodas, antes realizei um filtro, das velhas que as trabalhadoras do CRAS poderiam estar chamando para a continuidade da pesquisa, fazendo a sugestão de cerca de oito nomes de pessoas. Dessas, cinco estiveram presentes: Maria Nã (74 anos), Maria Rôuxa (66 anos), Maria Dóris (71 anos), Maria Vanila (67 anos) e Maria Diná (62 anos). Solicitei também que trouxessem figura como sugestão, ao passo que apenas uma, a Maria Rôuxa resolveu trazer figuras. Mas, pelo cuidado em preservar suas identidades, as figuras apresentadas aqui nas narrativas, serão as que encontrei no acervo pessoal de Lia e Alêixo, que retratam acontecimentos relatados por elas.

As primeiras a chegarem foram Maria Nã e Maria Diná. Estava um dia de muito calor, era cerca de 14 horas da tarde. O espaço já estava preparado, e enquanto eu ligava o aparelho de som para recebê-las junto com Maria Clara, a Maria Eduarda providenciava o aparelho para gravar o áudio do grupo focal. As trabalhadoras do CRAS sempre à disposição, sempre perguntavam se estávamos precisando de algo, e contribuía no preparo do lanche a ser servido após o momento.

Maria Nã e Maria Diná, duas velhas, que foram donas de casa e trabalharam nas roças quando mais jovens. Maria Nã, velha do batuque, gosta muito de conversar, e Diná, a mulher do mato que tira alguns dias específicos da semana para cuidar da vazante (agricultura presente nas margens da vazante do rio) com o companheiro. Diná gosta de estar sempre no mato, como nomeiam a natureza do cerrado em toda sua diversidade de fauna e flora. Ela conhece os bichos e plantas, gosta de estar entre eles, os nomeia, sabe sobre os movimentos dos bichos e das propriedades das plantas. Assim como encontra outras funções para as plantas, como o benzimento, no uso das plantas como forma de tratamento do que pode estar *fazendo/trazendo mal* a alguém. Pela forma que gosta de viver no mato, na natureza, dos hábitos de vida, e da rotina do seu trabalho que Diná é conhecida como Do Mato.

As velhas mencionadas aguardavam junto com a gente o restante do grupo chegar. Elas protagonizam as primeiras narrativas através do seguinte diálogo:

- Maria Diná: Antigamente o povo achava que rico era dono do mundo, mandava em tudo qualter pobre. - Maria Nã: Primeiro que os pobre era escravo dos rico. - Maria Nã: Era tudo os **fazendeirão**... - Maria Diná: Era tanto que quando tinha hora que chegava aquele tanto de gente na casa da gente, a gente não tinha nem direito de sair na porta... Tinha fazendeiro, se pegasse a gente com cinco anos, seis anos, aí tinha que ir pra casa deles, pra por pra limpar, prá trabalhar escravo. Era muito difícil antigamente. Tinha uns tal de jagunço de **fazenda** que matava mermo, né? Chegava nas casa... O povo era muito rebelde, invadia as casa do povo... As mulher dos homi se tiver sozinha, queria invadir as consciência da mulher. - Maria Nã: Invadir os direito das pessoas né? Quer invadir você, quer invadir o outro né... Quer ficar mais macho! (Depoimento de Maria Diná e Maria Nã, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).³⁰

Esse trecho ilustra os primeiros lugares que elas mencionam. Elas utilizaram a categoria *fazenda* e *fazendeirão*, bem como viventes desses lugares como escravo, fazendeiro e jagunço. Através dessas categorias dialogamos com elas sobre as relações das fazendas com outros lugares, bem como as vivências delas nesses lugares.

- Maria Rôuxa: A **fazenda** era onde era a sede. - Maria Vanila: A gente trabalhava mais era pros fazendeiro né? - Maria Dóris: Hoje qualquer pessoa tem um **pedacim de terra** né? - Thaisa: Tinha os fazendeiro, e ces era chamado de que? - Maria Rôuxa: Agregado. Os fazendero era os dono da **fazenda**. - Thaisa: Todo mundo fazia tudo era? Ou tinha coisa de criança, de mulher? - Maria Dóris: Que criança! Criança era só as enxadinha com o cabo pequenininho. Assim ó! Trabalhava era mais, porque não podia falar nada! (Depoimento de Maria Rôuxa, Maria Vanila e Maria Dóris, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

À medida que as velhas iam chegando, iam se sentando nas cadeiras em formato circular. Depois de explicar sobre a pesquisa e sobre aquele momento, pedimos que elas se apresentassem dizendo de onde vieram, há quanto tempo moram em Ponto Chique e como vieram para Ponto Chique. Gostaria de apresentar as primeiras velhas que chegaram, que marcam a primeira cena, que mencionei, deixando que elas se apresentem. Maria Diná chegou antes de Maria Nã:

- Maria Diná: Então cês quer saber, eu nasci na **fazenda Bica Grande**. Lá é minha **terra natal**. Eu morei cinquenta e quatro anos. Hoje tem oito anos que eu moro aqui dentro de **Ponto Chique**, mas sou muito feliz graças a Deus. Que depois que eu vim praqui, arrumei muitas novas amigas, fiz muitas novas amizades, tô muito feliz graças a Deus, de tá aqui, as mais velha e as mais nova também! (...) Esse nome (se referindo

³⁰ Grifos meus, os nomes dos lugares mencionados nas narrativas foram grifados por mim.

ao nome dela), foi um velho italiano, dono da fazenda que nós morava, **Bica Grande**, que escolheu. **Bica Grande** ainda existe, só os dono velho que já morreu, mas os novo tão lá. (Depoimento de Maria Diná, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Maria Diná é uma das únicas velhas escutadas que não pertence ao batuque, e a última das velhas que chegam em Ponto Chique. É por meio dela que conhecemos outra visão sobre Ponto Chique:

- Maria Diná: *Mas aqui, teve um tempo que o povo falou que **Ponto Chique** era pequenininho, que ele chamava **Ponto Alegre**, era verdade?* - Maria Dóris: *Não, nunca teve isso não!* - Maria Diná: *Aqui ne **Bica Grande**, um tanto de gente falava: “Vamo ne Ponto Alegre, vamo ne **Ponto Alegre!**”. Onde é **Ponto Alegre**?* - Maria Dóris: ***Ponto Chique**, o povo falava **Ponto Alegre**, mas nunca mudou não.* - Maria Diná: *Nois conhecia isso aqui era por **Ponto Alegre** quando ele tinha três ruas só.* - Maria Dóris: *Toda a vida era **Ponto Chique**.* - Maria Vanila: *Era porque era **Ponto Alegre** mesmo! Aqui tinha muito forró... Muita bagunça.* (Depoimento de Maria Diná, Maria Dóris e Maria Vanila, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Diná não conhecia a história de Ponto Chique como as outras velhas, nem muitas das tradições culturais que elas narraram, mas tinha Ponto Chique com a mesma referência das outras velhas:

- Maria Diná: *Eu trabaiava a semana inteira, mas também dançava a semana inteira!*- Maria Rôuxa: *Pois eu saía de lá onde morava pra vir a pé até aqui. Pra ir la nos forró. E no outro dia vazava pra trás, cochilando na estrada...* - Maria Dóris: *Ô que graças a Deus que eu to ne **Ponto Chique** que agora que nós vai dança mesmo! Aqui era assim, todo final de meis tinha um leilão. Fazia biscoito ali e já marcava... Aí fazia forró e leilão e os sanfoneiro vinha de **Brasília de Minas**. Ia no carro de boi. E a distância?* - Maria Nã: *Arrumar **terreiro**, arrumar **casa**, na **casa di mãe**. Andava para base de 10 horas, 11 horas, e caladinha. Fazia biscoito na **cidade**, o dia todo e à noite. Era maio e setembro. Era num quadrado, o **quadrado de Devanir**. Quando amanhecia o dia naquela festa e eu num aguentava olhar pros pé do povo não (risos), era só poeira!* - Maria Rôuxa: *Todo sábado era forró, mas era forró mesmo! Hoje vem uma banda de num sei da onde, e o povo fica la em pé, só oiando o portão e num dança. Paiaçada!* (Depoimento de Maria Diná, Maria Rôuxa e Maria Nã, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Maria Rôuxa mostrava as figuras que havia trazido:

- Maria Rôuxa: *Esse aqui é o batuque que nós dança, minha filha, cantando! Essa aqui é uma tia minha, que morreu com cento e onze anos! Essa aqui é a folia. A gente sai todo fim de janeiro, bem aqui da minha **casa**. Meu pai era folião de guia, que saía na frente e cantava. Meus tios tudo é folião. Era tradição. Todo dia 20 tinha a folia. Com forró e muita comida, bebida, as rezas. A folia saía 9 dias andando, tinha comida para todo mundo, e forró. Agora mesmo em janeiro vai ter ela. O homem que tira o sorteio não quer fazer aqui. Disse que não vai fazer aqui. Agora vai fazer lá na **roça**.*

- Maria Eduarda: *Na folia, vocês dançam o que?* - Maria Rôuxa: *Forró e “guaiani”, de tudo.* Thaisa: *Era sempre no mesmo lugar, a folia? Ou mudava?* - Maria Vanila: *Mudava de casa. É pelo sorteio.* - Maria Eduarda: *O que é “guaiani”?* - Maria Rôuxa: *Quatro homens dentro de uma sala, cantando e tocando, vai lá e volta cá... (Depoimento de Maria Rôuxa e Maria Vanila, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

Enquanto Maria Rôuxa mostrava as figuras para as outras velhas e para a gente, outra velha narrava ao meu lado uma história diferente: Maria Vanila. Ela foi a última velha a chegar para o grupo, então antes de apresentar a densidade de sua história, eu gostaria de deixar seu trecho de apresentação:

- Maria Vanila: *Oh gente se cês quer saber, eu sou do município de **Coração de Jesus**. Eu vim aqui pra **Ibaí** pequena com três anos, fui criada aí. Aí eu mudei práqui, eu casei aqui, o rapaz é daqui com quem eu casei e até hoje moro aqui... Eu vivo só eu e o meu velho, um filho e um neto. Já tem mais ou menos quinze anos de que eu tô morando aqui. Quer dizer eu já morava, no passado. Já morava, fui embora, voltei pra cá. Quem bebe a água daqui não sai não. Quando eu estava com nove anos, fugi para **Belo Horizonte**, sem conhecer nada... Só o nome. Não tinha **rodoviária**, era de frente o **posto Carranca** que eles falava, aí eu cheguei lá e eu entrei. Era 5 horas da manhã e fiquei até 4 horas da tarde sem tomar um café, e toda hora o guarda passava e perguntava: “Menina, com quem ce tá aqui?”, aí eu falava assim: “É cum minha tia...”. A gente quando é pequena, não raciocina pra mentir né? (Depoimento de Maria Vanila, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

A narrativa de Vanila continua, e em decorrência disso, fizemos uma visita a ela no dia seguinte:

*Eles foi me perguntando porque que eu tinha ido, aí eu falei: “Eu deixei meus pai porque eu tava sendo escravizada, eu trabalhava na **roça**” Aí sentei na frente, num canto assim, uma dona veio e sentou... Fui pra casa dessa mulher em **Pirapora**. Ela era enfermeira. Trabalhava de cinco hora da manhã, tomando conta daquele tanto de menino. Arrumar casa, lavar roupa, cozinhar, fazer tudo. Aí quando foi um dia falei “Não dá meu Deus”. Saí de uma escravidão, entrei ne outra. - Eu já tinha dez (anos de idade). Eu trabalhei até os nove de escrava... Aí outra dona lá queria ficar comigo, ela assinou uns papel lá. Eu lembro como é hoje, que ele falou assim ó: “O dia que ela for pra ela embora, a senhora tem que trazer ela aqui nessa **sala**... Aí eles tinha que me levar em **Pirapora**”. Ela pegou e me levou (para **Belo Horizonte**), ficou comigo, mais de uns seis mês. Fui amarrada por bandido porque eu não conhecia nada, não conhecia nada... Simplesmente pôs meus braço pra traz... E eu não podia falar que eles me pôs um negócio na boca... Aí quando eu olhava, lá no **bairro Bandeirante**, eu chorava querendo vim embora. Aí eu falei: “Eu quero ir embora, quero ir embora pra **casa do meu pai**...” - Aí ela pegou e me mandou, foi lá e me entregou na **rodoviária** de novo... Aí eu vim, quando passado tempo... Vim embora pra cá de novo, mais a minha irmã, ela morava aqui, em **Ponto Chique**, aí eu vim pra cá. Eu tava com 15 anos, com 15 anos eu vim pra cá, com 15 anos eu me casei... Eu casei aqui em **Cachoeira do Mantega**. Depois que eu casei, comecei a trabalhar tudo de novo. Tive seis filhos... - A gente mudava pras **fazenda** pra trabalhá, na **Boa Sorte**... **Buritizeiro**, **Pirapora**. Voltei pra **Belo Horizonte** de novo. Aqui já não dava mais pra mim, meus filho tava estudando, já tinha feito até a quarta série... Tinha de*

dar um jeito pra ir embora pra qualquer lugar, pra São Paulo, pra Beagá, pra estudá nosso filho. - Eu trabalhava pra dona de casa, doméstica, e trabalho de doméstica é pior coisa que tem. (Depoimento de Maria Vanila, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

O trabalho de doméstica também surge na narrativa de outra velha: Maria Dóris. Ela chegou junto com Maria Rôuxa. Dóris e Rôuxa apresentam proximidades desde a vinda para Ponto Chique:

*- Maria Dóris: Meu nome é Dóris, eu também tenho mais de quarenta anos que moro aqui, eu fui nascida em **Gameleira** município de **Ubaí**. Depois nós mudamos para cá, e tamos aqui até hoje. Eu tenho sete filhos sou casada, sete filhos! E todos moram aqui, todos não, que dois tá... Mora em **Uberlândia** agora. Chamava **Olhos D'Água** a fazenda onde que nos morava ne, aqui do outro lado do rio. Na sede morava o dono que era **Bebé**, que ele tinha casa lá, e tinha casa ne **Cachoera**, então ele fica o dia e a noite ele ia pra **Cachoera**. - Nós ficava morando, nosso pai fez as **casinha** lá pra nós morar, meus avô, meus tio. Aí nos plantava **roça** também. Aí nos colhia esses trem também, era milho, aí nos quebrava milho, juntava milho, fazia angú, fazia mingau. Aí o fazendeiro foi pra **Cachoera**, não tava mutcho importano... Tinha 12 anos, aí meu pai falou assim: "O quê? Vamo bora pra **Ponto Chique**". Aqui era melhor de que lá ne, ai nos tava tudo maiorzin e sempre vinha fazer farra aqui né? - Tinha mais forró e meus irmão gostava tudo de vim aqui ne forro ne e nois ficava doido da vida e ele não trazia nois e nois "Ar nois vamo pra **Ponto Chique**". E mãe "Vamo pra **Cachoera**, vamo pra **Cachoera**", e pai "Não! Os mininu quer ir pra **Ponto Chique**, então vamo!". Aí quando chegamo aqui, vishi, foi um amor de colegagi, e tudo, aí Maria Rôuxa mesmo, os pai de Maria Rôuxa morava pertim di nós. - Maria Rôuxa: **Terreiro** com **terreiro** - Maria Dóris: Era, e aí que nois farreava mesmo - Maria Dóris: Aí depois que tava aqui, eu já não trabalhava ne **roça** mais. Já ia trabalhar ne **casa de família**. Aí depois eu fui pra **Pirapora** trabalhar lá. Aí agora não parei mais de trabalha, só depois que eu casei. (Depoimento de Maria Dóris e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

Maria Dóris é a única velha que menciona ter morado em Cachoeira do Manteiga. Já Maria Rôuxa, das figuras, é uma das velhas que mais aborda sobre os lugares em Ponto Chique e suas tradições, como os foliões e o batuque, e é também quem narra sobre os acontecimentos na roça e sua relação com a política de Ponto Chique, já que sua narrativa é a única que aparece a menção ao primeiro mandato da cidade.

*- Maria Rôuxa: Eu chamo Maria Rôuxa, tem mais de quarenta anos que eu moro aqui, morava no município de **Ubaí** e mudei pra cá, há mais de quarenta anos. E eu não tinha nenhuma fia, quando morei pra cá. A minha menina mais veia tá com 34 anos. - No município de **Ubaí**, mas morava na **fazenda do Augusto Ramos**. Nós morava na **roça** mais pra frente e ele morava na mesma fazenda e ele mudou pra **fazenda** ele era rapaz, e pai também era rapaz e todos os dois morava lá.- Pai morava mais ele. Aí pai plantava lá, trabalhava também de vaqueiro pra ele. Aí pai o dia que pai casou ele caso também, pai caso em **Campo Azul** e ele caso na **Nova Era**, ai ele morava numa **fazenda** e pai fez uma casa pra nós lá na frente. E também plantava de tudo, não tinha esse negócio ondi é que ia fazer ondi é que ia plantar não.*

(Depoimento de Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Maria Rôuxa é quem protagoniza o começo do diálogo sobre a vida na roça com Maria Nã:

- Maria Nã: Naquele tempo a gente trabalhava muito na **roça**, era colhendo milho, mamona, algodão. - Maria Rôuxa: Era inchada, catando feijão, arando o chão para plantar milho. - Maria Rôuxa: Panhava tingui pra vender, fazer sabão no **mato**. É uma fruta que tem cabacinha assim, cê descasca, parece uma palha. Na beira da estrada. - Maria Dóris: Panhava mamoninha, que é **do mato** mesmo, pra vender também, prá comprar as coisa. - Maria Nã: A mamoninha a gente tirava o óleo pra passar ne ferida, passar no cabelo. - Maria Rôuxa: Vendia caroba. Panhava palha pra encher cochão. Tinha carapiá também... - Maria Nã: E comia muito sabe o que, **fruto do mato**... Era mangaba, marmelada, saputá, bolsa de nego, pinha do mato, banana do mato... - Tinha o buriti, buriti era bom porque fazia doce ne? - Maria Diná: Inclusive, que até que a raiz de buriti, é ótima pra bronquite. - Maria Nã: Meu pai levava nós pra a **roça**, para limpar o feijão, plantar milho, mandioca. A gente ia prá aprender, nós que éramos pequenos. - Depois que eu cresci, que eu já estava moça, aí meu pai fazia muita rapadura, fazia farinha, fazia rapadura. Aí tinha que fazer rapadura, cuidava de fazer farinha. - Maria Nã: Eu adorava! Hoje eu sou mais feliz que antigamente. - Maria Vanila: Eu não! Que eu não tô puxando enxada! - Maria Rôuxa: Não acho não, não achei não... Cê ta é doido, criei duas fia no cabo da enxada. - Maria Doris: Ou trabalhava assim ou ficava com fome! - Maria Rôuxa: Agora como diz o povo: “O passado ruim a gente deixa lá, para lá... Agora, nois vamo é caçar dos mio”. (Depoimento de Maria Nã, Maria Dóris, Maria Diná e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Maria Nã foi a primeira a chegar e é a velha filha de uma família possuidora de terras. Ela sempre mencionava no grupo sobre processos envolvidos no fazer da vida na roça como nos ofícios do que sua mãe havia lhe passado:

Maria Nã: Meu nome é Maria Nã, fui nascida no município de **Ubaí, na Boa Vista. Da Boa Vista**, nois mudamo pras **Lagoa das Canoas**, município já de **São Francisco**, lá é **roça**. Mãe fazia doce, era costureira, mãe fazia de tudo. Maria Eduarda: com quantos anos a senhora começou a trabalhar na colheita? Maria Nã: Vishi, tinha uns deiz anos, hoje eu tô com 72 anos. De lá, eu mudei pra qui. Vim moça, casei aqui, já tem quarenta e sete anos, que eu moro aqui. Eu tenho cinco filho, tudo homem. Veio mais duas meninas, sobrinha minha, eu peguei uma com um mês de nascida, a outra veio com um ano e um mês. Criei e tudo, é formada, trabalha, uma mora sem **São Paulo**, a outra mora em **Campinas**. E aí veio uma neta, peguei a neta com seis meses de nascida, hoje ela tá com dezenove anos e tá esperando um bebê. Ninguém sabe o que a gente pode aturar, tem tempo, né? Meus filhos tem três que mora aqui, dois mora fora. Um mora em **São Paulo** e outro mora em **Nova Serrana**. Não ganhei filha mulher mas criei! (Depoimento de Maria Nã, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Maria Nã, no criar de filhos e netos, também recorda do criar dos seus irmãos, por ter sido a mais velha. Era comum os filhos mais velhos ficarem nos lugares e cuidarem dos irmãos,

enquanto os mais novos saíam para estudar. Mas não somente Maria Nã teve e tinha o desejo pelos estudos:

*- Maria Rôuxa: A **escola** era ali naquela que sobe na **casinha**. Na casa de **Zefa pintada**. - Maria Diná: Falam do estudo, se hoje existisse uma **escola** pra mim estuda...- Maria Nã: A mais velha era eu, eu fui cuidar de meus irmão, e aí eu tive que criar meus irmão (sobre não ter estudado e os irmãos terem estudado). - Maria Rôuxa: Não tive oportunidade. A gente levantava seis hora. Tinha dia que nem café num tomava, caminhada num sei quantas légua pra escola. Saía seis hora da casa da gente, tinha dia que nem almoço, almoçava, estudava no **Russão**. (Depoimento de Maria Diná, Maria Nã e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

Além da escola, outros lugares em Ponto Chique foram mencionados, como a igreja e a horta comunitária, no primeiro mandato do Prefeito fazendeiro Augusto Ramos no ano de 1996:

*- Maria Nã: A mãe conta para nós, que quando foi para fazer essa **igreja**, como não tinha muito jeito, assim, dinheiro, essas coisas, que saíram folias. Saíram não sei quantas folias, e cadê o dinheiro para fazer? - Maria Vanila: Ela era tão pequenininha, essa **igreja!** Quando vim batizar minha menina mais velha, essa **igreja** era humildezinha. Eu sou batizada nessa **igreja**, elas também. - Maria Rôuxa (mostrando a figura): E esse aqui no primeiro mandato de Augustinho Ramos. Zé Priá era vivo e ele fez uma **horta comunitária**, lá na beira do **rio**. Aí nós trabalhava na **horta**, eles pagava nós e o que colhia nós ainda levava pra casa. (Depoimento de Maria Nã, Maria Vanila e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

No lembrar dos lugares, sempre era narrado processos de trabalho envolvidos na lida na roça, e de como tinham que sobreviver. Relataram sobre a construção de uma casa:

*- Maria Diná: Antigamente não fazia **casa** assim não! Quando fazia **casa**, era assim: cê furava o chão, punha os estei (...), aí cê vinha fazia o teiado tudo lá, tudo de pau. Aí cê colocava amarrado com uns tanto de pau, assim na parede. Aí cê vinha punha umas taboca de dentro e de fora e amarrava, enchia de barro. As **casa da gente** de primeira era feita, era assim! - Maria Nã: Chamava parede de enchimento. - Maria Diná: Já morei num **rancho de paia**. Fazia as casa era de paia, não tinha teia. A **primeira casa** que eu morei de telha, quem fez a telha fui eu mesmo mesma, para fazer a casa, e eu brinco... Nós fizemos adobes para as paredes. A parede nós fizemos, nós queimamos as telhas. - Maria Rôuxa: O que é de adobro que nós já fez aqui! - Maria Diná: Não tinha como fazer alicerce nas casas, né? Não podia fazer alicerce. Nós iam no mato para pegar aquelas “torona” de pau. Aí pegava e lavrava elas direitinho no chão e em cima. Aí levantava a parede em cima do pau, que não tinha jeito de fazer no chão. - Maria Rôuxa: Porque primeiro fazia **casa** sem esteio, que era de adobro. (Depoimento de Maria Diná, Maria Nã e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

Esse assunto surgiu logo depois que elas narraram a história de Ponto Chique e mencionaram suas tradições. Já que haviam memorado os lugares que cresceram, puxamos o fio do assunto para memorar também sobre o espaço em que se encontravam, o Centro de Convivência:

*- Maria Rôuxa: Essa dita **casa** aqui, essa aqui! Nós vendeu adobro pra fazer ela, essa casa aqui. Essa casa aqui mesmo era toda de esteio. Aí, Zé do **armazém** mudou para cá e ele cresceu ela, e “coisou” ela de outro jeito e comprou adobe nosso para fazer. Quando a enchente veio, caiu as paredes, aí já levantou de tijolo. - Maria Nã: Essa casa aqui, depois que o Zé do armazém comprou, depois foi Brizo. - Thaisa: Essa casa aqui já foi o que? - Maria Rôuxa: Ela era de outra pessoa, ela não foi de Brizo não. Ela era de outra pessoa. Brizo que comprou por último... Primeiro morou família, depois foi o **armazém**. - Maria Nã: Guiné costurava muita roupa aqui. Eu vinha ajudar ela a costurar, fazer calcinha. Depois que eles venderam aqui, Brizo morou aqui. Pode perguntar pro cê vê. Eu ajudei muito Guiné a costurar calcinha. - Maria Rôuxa: Aqui teve uma **creche**, no primeiro mandato de Augustinho (1996). Quando a enchente veio, só tinha daquela **rua de Olimpo** para cá, e era de João trabalhador e dona Conceição, ali. Era a mulher que mandava em tudo aqui. Era ela, ela fazia tudo pela gente, no tempo de Augustinho. Tudo que a gente precisasse, até remédio. - Maria Nã: Se precisasse cuidar de uma criança, ela estava ali, se precisasse dar uma injeção, ela que aplicava. Teve um menino meu que apareceu um tumor na boca, ela que “coisou” tudo, espremeu para tirar. - Maria Rôuxa: Ela não era enfermeira, não era nada. Mas, quando alguém adoecia, ela quem dava o remédio, do jeito dela, e sarava. - Maria Dóris: Eu lembro desse povo todo. (Depoimento de Maria Dóris, Maria Nã e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

Naquilo que aquele lugar já havia sido: armazém, creche e de uma mulher que mandava em tudo, retornamos para a relação delas com as tramas que caracterizam e estão presentes sobre Ponto Chique. Ponto Chique enquanto cidade ribeirinha, na relação com o rio, que havia sido tocado apenas por Maria Diná:

*- Maria Diná: No lugar onde é que eu nasci, que eu criei, eu morava entre o meio **rio** e o **Pacuí**. Aí tanto eu bagunçava no **Pacuí**, tanto eu bagunçava no rio... - Maria Nã: Era o **córgo** e o **rio**. O córgo era bom demais! - Maria Diná: No **Pacuí** era igual peixe. Pulava na água, banhava lá dentro, e ía embora. Ia no rio buscar água, pulava lá dentro, enchia o tambor e vinha embora. Eu aprendi nadar foi no **Pacuí**. - Maria Rôuxa: Lavava roupa no rio, tinha os barco... Panhá água pra beber, lavar roupa e tudo! De primeiro que num tinha água não, era cisterna. Era o **rio**, era o **Pacuí** que era o lugar da gente buscar água. E aqui era cisterna ou então no **rio**. - Maria Dóris: De primeira lavava roupa no rio, cada um tinha um banco. - Maria Vanila: A professora nossa fazia nos tomar banho no **rio**, atrás da Igreja São Sebastião, iam os meninos e depois as meninas... - Maria Rôuxa: Um dia mesmo morreu uma menina na frente nossa e nós não pode fazer nada! Era duas, e saiu dançando dentro do rio lá e a água panhou elas. E a gente saiu gritando e jogava pau e nada. E aí que os menino da **Costanera** que pegou o remo... Foi achar lá ne **São Romão**. - Maria Vanila: La ne **Ibiaí** tem um lugar lá que não pode tomar banho não. (Depoimento de Maria Diná, Maria Nã, Maria Vanila e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

E na relação com o mato, outra categoria nativa que surge a partir de Diná, e que finaliza nosso grupo focal, antes da chamada para o café:

*- Maria Diná: Desde cinco anos que minha vida foi **no mato**. Eu falo com as menina assim sabe... Tem hora que eu tenho vergonha de tá no meio das outras mulhé. Eu nem pareço com mulhé, eu pareço com homi. É porque minha vida é vida de homem, eu num tenho vida de mulhé não. Eu trabalho a vida inteira no mato até hoje. Minha vida é **do mato**. Olha pro ce ve, minhas mão é tudo diferente de mão de mulhe, minhas mão parece é mão de homi. - Maria Eduarda: por que a senhora acha que é menos mulher que elas? - Maria Nã: É porque a senhora trabalha muito na **roça**. - Maria Rôuxa: E que ela foi criada na roça, é mexida com povo da **roça** e o povo da **roça** num tinha aquelas mitidez, aquelas bestagem. - Maria Diná: Eu num tenho vaidade nenhuma! (Depoimento de Maria Diná, Maria Nã e Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).*

Já estava ficando tarde e já tínhamos mais de duas horas de conversa. Finalizamos aquele momento com os agradecimentos e no tirar das dúvidas. Tiramos algumas figuras, e à medida que fomos tomando o café servido, fomos vendo as possibilidades das entrevistas individuais ou visitas possíveis. Conseguimos apenas com Maria Vanila. Tentamos também com Diná, mais só tínhamos um dia, e era o dia que ela estaria na vazante.

Tivemos algumas dificuldades na transcrição do grupo focal, tanto devido à conversas atravessadas, quanto com o fundo musical de música sertaneja do vizinho ao lado. Assim, esses diálogos acima foram apresentados como narrativas que foram possíveis de serem agrupadas em tempos distintos do grupo. E em meio a essas temáticas naquilo que elas lembravam, surgiram histórias como a seguinte.

Figura 32: Placa com Frase de JGROSA sobre ser Fabulista



Fonte: OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, 2022.

Maria Diná: Esses dias pra trás eu fui pra roça (...), e tinha uma cascavel enrolada. E eu oiei, e eu oiando as abóbora. Quando eu vejo, aquela cascavelona, enrolada lá, de baixo de uma abóbora. E eu oiei pra ele assim: “Mas ce é bonito mesmo, mas cê fique aí!”. Aquela cobra é bonita mesmo, cascável é muito bonita. - Maria Nã: E ela gosta de lugar fresco né?- Maria Diná: É o lugar mais perigosim pra cobra é ne roça de abóbora. - Maria Dóris: Ela é muito mansa. - Maria Diná: O povo fala assim, queixo de burro é uma cobra muito é, ela não gosta muito de se misturar com as pessoas. Mas pensando bem, queixo de burro é mais perigoso do que cascavel. - Maria Dóris: Diz que é mesmo né? É mais ligeira, é silenciosa...- Maria Diná: O vivente que ele pega ele, é o trem mais difícil que tem é escapar! (Depoimento de Maria Diná, Maria Nã e Maria Dóris, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

As histórias e estórias narradas demonstram mulheres que tem nas lembranças e recordações o tempo da roça, o tempo da escravidão, da serventia e dos afazeres da casa e do lar. Mulheres que fazem parte da história do lugar e que veem na cidade Ponto Chique, as suas próprias vidas, misturadas nas águas do rio, das roças, das famílias, das memórias e que desencantadas hoje vivem de memorar...

CAPÍTULO 3- O CURSO DAS NARRATIVAS DAS VELHAS NOS SERTÕES

Estrelas dormem de dia e acordam à noite. Mostram caminhos a partir do céu. Gostam que nós as olhemos e adivinhemos sua linguagem (...) Será que veremos de novo a beleza das estrelas brilhando aos milhares? Não é saudosismo. Estrelas somos também nós. Vivemos do calor de uma estrela de quinta grandeza. Imaginem, ter corpo de estrela! Crescer através do calor de uma estrela. Ser estrela e matar estrelas. Por que somos assassinos de estrelas assim como assassinos de florestas, de animais, de pessoas como nós? Quem nos ajudará a parar a demência mortal que nos atinge? (GEBARA, p. 78, 2021)

Agora como diz o povo: “O passado ruim a gente deixa lá, para lá... Agora, nois vamo é caçar dos mio”. (Depoimento de Maria Rôuxa, concedido à ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca; SANCHER, Maria Clara Souza e OLIVEIRA, Maria Eduarda Souza, Agosto de 2022).

Figura 33: Viventes do Buriti: Colagem Virtual de Gravuras



Fonte: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2022.

Neste capítulo, nas águas das narrativas de velhas, apresentamos nossas observações. Faremos isso a partir das narratividades mostradas neste trabalho: das ribeirinhas de Ponto Chique e de Buriti. Temos como norte as discussões de Ricouer e Bergson sobre o tempo, que nos situa sobre a temporalidade no lugar, e as contribuições sobre memória e narrativa de Habwalchs e Benjamin. A relação com a literatura Roseana continua presente nesse fluxo da apresentação das análises sobre tempo e espaço no contar, tendo como direção, o semiólogo Barthes.

Tanto Paul Ricouer (1994) quanto Bergson (1979), dentro de uma influência fenomenológica, situam os tempos e espaços na relação com o narrar, e com a memória, respectivamente. Assim, apesar das memórias se relacionarem com história de vida pessoais, na partilha da fala, se encontra a intercessão no que gentes se relacionam com os lugares e temporalidades. Podemos encontrar pessoas que viveram em tempos diferentes, mas que compartilharam o mesmo espaço, como no que existe de comum na relação minha com as velhas; como podemos encontrar pessoas que não se relacionaram com o mesmo espaço, mas se situam em temporalidades mais próximas, como a relação com os sertões de velhos e velhas, e na forma que narram sobre um tempo que não existia e um tempo de agora - algo que não vivi, e que tenho acesso a partir deles.

Os estudos sobre narrativa, naquilo que aciona a memória em determinados lugares, aciona um tempo mitológico, no caso de pensar a velhice no rural, e aciona várias temporalidades. Assim, os tempos se presentificam de diversas maneiras, não é um tempo cronológico, mesmo quando aparecem datas e fatos específicos. Como, também, não são apenas tempos mitológicos, já que alguns fatos lembrados, que marcam a relação de todos com um determinado acontecimento em um lugar, como a enchente, a seca, o trabalho, as festas, a pandemia.

Apesar de cada velha se situar em um determinado tempo na sua história, como nascimento de netos - a família na história de vida aparece como norte, a busca por uma outra vida- como fugir da *escravidão* (trabalhos análogos a escravidão), os lugares comuns que viveram coloca o narrar como que as narrativas se cruzam, como a história de um lugar, no caso Ponto Chique.

Se é no agora que as memórias e narrativas “burilam” - para metaforizar Bosi (2012), é com o outro que elas encontram lugares, pois é na partilha da vida que se contesta aquilo que se viveu, o outro é sempre uma testemunha - aí se encontra a substância social da memória e o sentido social da velhice para a sociedade e para a comunidade, pois é o velho não só quem se encontra mais próximo do morrer, mas como também é ele que se encontra menos distante de um passado não escrito, não oficial, não registrado pelos livros de história, além de considerar a maneira com que a velhice é lida na sociedade capitalista, pois é quem não gera o trabalho convertido em capital, para lembrar Chauí (1979).

Assim, se lembrar para velhos é trabalho, como diz Bosi (2012), podemos entender o escutar de suas narratividades como um compromisso social com a história. Diante desse compromisso, primeiro iremos situar os tempos presentes nas narrativas delas, para depois

apresentarmos os tópicos que ilustram o conteúdo delas na relação com os lugares que surgem nas suas memórias.

3.1 - Na literatura roseana e em Ponto Chique: no curso dos tempos da história

Na década de 40 à 60 do século XX, encontramos acontecimentos da história fundacional de Ponto Chique nas narrativas das velhas e dos moradores. Data desta mesma época, a primeira publicação de “Buriti”, que na sua primeira versão fez parte de um livro contendo várias outras novelas, o que incluía “Campo Geral”: “Corpo de Baile” no ano de 1956. “Buriti” depois vai compor uma das coletâneas, do livro intitulado “Noites do Sertão” (1981).

Rocha (2020), ao fazer uma análise baseada na literatura comparada da novela “Buriti” com a literatura dos povos originários, aproxima elementos da narrativas dessa novela com a maneira com que a palmeira de buriti surge na literatura indígena:

“Buriti” apresenta poucas, mas significativas, indicações sobre possíveis relações de sentido entre o texto rosiano e a tradição dos povos originários das Américas. Tendo como foco o buriti, palmeira nativa que nomeia a narrativa, o presente texto analisa algumas relações de sentido entre a novela rosiana e parte dessa tradição. (p. 128)

Pois é nessa associação que o buriti enquanto elemento descomunal aparece no primeiro momento na narrativa: a palmeira do Curupira. Para Rodrigues (1890), ainda citado por Rocha (2020), o Curupira é o protetor das árvores, que confere para ver se elas estão firmes – mas também no sentido fálico e dionisíaco, já que a figura do falo não surge apenas a partir da árvore, como também na relação de posse com o feminino: o curupira, a figura que rapta as mulheres.

O que também surge na trama de “Buriti” a partir do fazendeiro Iô Liodoro, como aquele que “pastoreia” suas mulheres e retira a mulher da cidade para o sertão. O rapto, a retirada de algo é uma interface presente também na associação do buriti aos povos originários, no rememorar da história da colonização, já que o buriti é uma palmeira que resiste, uma vez que, conforme Rodrigues (1890), os buritis são árvores centenárias.

O tempo na fazenda de Liodoro ratifica esse elemento mitológico e em como que ele se desdobra, uma vez que assim como buriti enquanto símbolo da antiguidade e resistência, a temporalidade naquela fazenda, parece não existir, como se fosse um tempo que não passasse – o que é revelado principalmente por meio das narrativas de Leandra: “você não sentem a vida envelhecer, se passar?” (p. 37)

A importância de abordar esses elementos na aproximação com uma narrativa sobre a história – da colonização, da subversão, do feminino, da apropriação da natureza, na dimensão do mitológico nessa trama é para reforçar a localização de JGROSA, como uma representação do pensamento social brasileiro, já que esses elementos trazidos na trama não são escritos meramente por uma questão estética.

A novela foi lançada no mesmo ano em que Juscelino Kubitchek assume seu mandato presidencial (1956) com um discurso acelerado sobre o desenvolvimento. Nessa época, JGROSA publica também “Grande Sertão: Veredas”, que na narrativa do personagem Riobaldo, retrata tramas da história do Brasil na passagem para o século XX, não somente a partir da descrição de elementos da biodiversidade do sertão norte mineiro, como também nos dilemas sociais existentes nessas relações com pontos do sertão.

Riobaldo, o protagonista de Grande sertão: veredas, é um homem comum, velho barranqueiro que por meio de um modelo socrático de narração se lança num gosto particular de “especular ideia” (ROSA, 1956, p. 11) através de um diálogo com seu sempre oculto interlocutor a quem dirige humildemente seus questionamentos sem nunca esperar deste respostas, mas sim a sua cumplicidade aos argumentos que disserta sobre os grandes temas que envolvem a trajetória humana tanto no ambiente telúrico quanto no plano metafísico. Ao narrar o processo de permanente mudança por que passou na vida, o herói de Grande Sertão: Veredas mantém viva a memória histórica do Ocidente filtrando-a e transpondo-a dentro de seu cenário sertanejo muito peculiar. (TEIXEIRA, 2015, p. 631)

Figura 34: Mulher velha (não identificada) na fazenda Costânera



Fonte: ALMEIDA, Maria Rodrigues, 1977.

No “Grande Sertão: Veredas”, encontramos também o velho Riobaldo na relação com outras velhas, como quem Nietzel (2004) nomeia de mulheres rosianas, no agrupamento das “bruxas, feiticeiras, videntes e rezadeiras” – mulheres que a autora compreende como parte do

processo de formação do personagem enquanto herói: “símbolos da resistência à aridez do sertão” (p. 93). Assim, a maneira como as mulheres e velhas surgem na literatura roseana em diálogo com a história, mesmo nas tramas das estórias, encontramos em “Buriti”, apontamentos de uma densidade social encontrada também nas narrativas das velhas que estiveram conosco sobre a relação com os lugares, já que o tempo da aridez do sertão, do trabalho análogo à escravidão e dos agrupamentos sociais em defesa de uma lógica de convivência com a natureza, são retratos das primeiras vivências das velhas, dos tempos que viviam nas roças como *escravas* e *agregadas*, pelas suas nomeações.

Entre 1940 e 1960, aconteceram a maioria dos relatos de festas com relação com a cidade. Elas nunca tinham conhecido *a cidade*, como Maria Vanila, quando relata que conhece por volta dos dez anos de idade quando escuta sobre *a cidade* como lugar do emprego. Já as décadas entre 1970 e 1980 são recheadas de narrativas, é quando acontece a segunda cheia de Ponto Chique: a região é alagada a partir da Avenida São Francisco, onde está o Serviço de Convivência, que já foi casa de duas famílias, ponto de costura e mercado, é alagada.

A Avenida Nestor Alves Clementino, paralela com a Av. São Francisco, é onde as Marias Nã, Rôuxa, Dóris e Vanila residem, as quatro velhas do batuque. Para memorar: Nestor, o homem que ficou com parte da população de Paracatu para fundar Ponto Chique. Paralela com a Avenida Nestor, se encontra a Avenida João Campolino, na outra margem da Avenida São Francisco, mais conhecida pelos moradores como Rua da Alegria, nome proveniente do costume de festejarem juntos no lugar dessa rua, desde a própria quadrilha até outras festividades como natais. Provável que João Campolino tenha parentesco com Raimundo Campolino, o fazendeiro que doou as terras da Sant’Ana para Nestor e o povoado de Paracatu. Entre as duas avenidas então, se encontra a Avenida São Francisco (são as três avenidas existentes na cidade: Nestor, São Francisco, João Campolino), local onde estivemos para as rodas e para o grupo focal.

Enquanto a maioria das velhas se mudam para Ponto Chique na década de 80, o “desenvolvimento” chega em Ponto Chique, a partir da chegada da primeira remessa de telefones e das primeiras ruas asfaltadas. É nessa época que data a maior enchente do rio, em 1979, e alguns registros desse acontecimento em Ponto Chique em 1982.

Figura 35: Cheia do Rio São Francisco em Ponto Chique no ano de 1979.



Fonte: ALMEIDA, Maria Rodrigues, 1982.

Os velhos e velhas costumam mencionar uma faceta do conflito com a terra existente nesse período na relação com o avanço das políticas públicas, pois se antes trabalhavam *que nem escravos* nas terras dos fazendeiros, encontramos depois outras possibilidades de sobrevivência a partir dos programas e serviços governamentais, com a implementação da Lei Orgânica da Assistência Social –LOAS de 1993: “visando ao enfrentamento da pobreza, à garantia dos mínimos sociais, ao provimento de condições para atender contingências sociais e à universalização dos direitos sociais” (LOAS, 1993, parágrafo único).

No trabalho de campo realizado notamos essa expressão a partir das diversas vezes relatos, principalmente, mencionam sobre uma *representação*, que fizeram no governo do Presidente Lula, o que *uniu os rico com os pobre*, conforme no dizer de alguns deles. Esse fenômeno também é mencionada nos trabalhos de Ribeiro (2017) e faz parte das suas análises no que esse grupo reconhece no que muda durante esse contexto de entrada e fortalecimento das políticas sociais. É da aposentadoria que todas elas vivem hoje, com exceção de Maria Diná, que também cuida da vazante.³¹

Sobre as formas de trabalho antigamente, Seu Olímpio me conta que eles trabalhavam como “escravos”, geralmente plantavam à meia em terras que não eram suas ou em troca de comida pelas dívidas eternas com os fazendeiros. (...) Trabalhavam, muitas vezes em conjunto e autônomos, numa relação com os fazendeiros construída e consolidada a partir do evento da escravidão (Buti, 2013). (...) Essa relação com os fazendeiros vem se transformando atualmente graças ao acesso à aposentadoria. É nesse aspecto que o governo Lula é muitas vezes acionado como quem ajudou muito os pobres, sobretudo, por causa das aposentadorias dos trabalhadores rurais. (p. 69)

³¹ “A “Agricultura de vazante”, também denominada “Vazante(s)”, pode ser definida como sendo a agricultura cultivada nas planícies baixas de rios, açudes e igarapés, sustentada pelos aluviões deixados no solo durante a cheia” (CASTRO etc al, p. 1, 2018)

Os anos 2000 foram marcados pela reportagem com o barqueiro Edmundo, que menciona Ponto Chique como *Ponto Chifre*, sobre a preocupação com a seca do rio, conforme entrevista cedida para matéria jornalística da “O Globo” (2015). É quando também há um aumento das narrativas sobre as mobilidades. Se na década de 80, as mobilidades se configuram dentro do movimento do rio e do mato em relações distintas com as dinâmicas da sobrevivência, quanto a partir das cheias e da chuva: *a gente vivia perambulando*, desde à história fundacional da cidade, tanto nas narrativas de Maria Vanila e Maria Dóris, quando saem de suas terras para trabalhar de empregada doméstica ou *fugir da escravidão*. As narrativas dos deslocamentos se configuram no entorno da busca por educação, trabalho e saúde, nos anos 2000.

Como quando Vanila menciona que mudam-se de lugar para investir na educação dos filhos: *Aqui já não dava mais pra mim, meu filho tava estudando... Tinha de dar um jeito de ir embora pra estudar nossos filho*, para eles estudarem, ou na própria narrativa delas quando apresentam seus filhos e netos, na relação com outras cidades: *E todos moram aqui, todos não, moram dois em Uberlândia; Criei tudo, uma mora em São Paulo e o outro em Nova Serrana*.

De 2010 a 2022, as narrativas vão se centrando mais no agora da pandemia e da saudade dos lugares que tiveram de deixar de ir, como na igreja e no Serviço de Convivência. A casa se torna o lugar da espera, da saudade, e do lembrar-se de onde iam. Narrativas sobre tempo, morte e doença são comuns, mais naquilo de um sentimento de pesar do *dar trabalho*, caso precise de cuidado de terceiros. As narrativas sobre a família, na contagem de netos e filhos também são comuns, e a religiosidade se mostra bastante presente como sustento, como possibilidade de continuar a viver.

Nas rodas, em 2021, estávamos nos momentos ápices da pandemia, já no grupo focal em 2022, todas já tinham sido vacinadas e as narrativas sobre morte diminuíram e as histórias de vida aumentaram, na relação com seus pais e com os lugares.

São com as cinco velhas que contaram suas histórias, no entrecruzar delas, que apresentamos nossas observações que ilustram a discussão da passagem do tempo na relação com os lugares, a partir de trechos de “Buriti”.

Em todas as narrativas estão presentes as marcas de perdas: de familiares, de amizades, de si mesmas no que acabam sofrendo com a perda e com a pandemia: de ir e vir nos espaços que se sentiam alguém, por exemplo, como deixar de ir à igreja, e aguardar alguém chegar em casa e nunca chegar. A solidão também acompanhada de um medo que é sinalizada com o sino da igreja da cidade, que é tocado somente quando há notícia *grande* como a chegada de uma

ambulância para a cidade, ou a partida de alguém que todas conheciam. São dessas narrativas que as imagens enquanto marcas no lugar aparecem, pois não são personagens de histórias, são pessoas, sujeitos: históricas que viveram as histórias e as construíram com as suas vidas.

Minha avó dizia que eu deveria sempre me lembrar dela. (...) A teoria da memória é, na realidade, uma teoria do esquecimento. Não se pode simplesmente esquecer e não se consegue evitar lembrar. A máscara não pode ser esquecida. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos. (...) Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos escravizados comessem cana-de-açúcar, cacau ou café, enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo (KILOMBA, 2016)³²

A autora mencionada acima é uma das referências que pensa a colonização como fenômeno que marca subjetividades. “A Máscara” é um dos capítulos de sua tese, ela aborda esse instrumento de tortura enquanto metáfora de silenciamento; era utilizada no período colonial, no que Kilomba (2020) examina o racismo no cotidiano. Durante as pesquisas, utilizamos máscaras diante de uma pandemia que evidencia os que se encontram nas margens. Entre as margens do narrar e do lembrar, da construção de projetos de desenvolvimentos, de disputas de racionalidades e narratividades, encontramos sempre um possível enquanto sujeitos da linguagem, pois assim transformamos e nos transformamos na relação com tempos e espaços e é enquanto sujeitos da linguagem que não existimos sem um outro, que não existimos sem os espaços da partilha, da lembrança, são nas margens dos encontros que pensamos então o possível: do homem com o rio, do filho com o pai, da vida com a morte, do velho com a sociedade, da sociedade com a comunidade, do ir e vir, da arte, da continuidade: no como se existe e nos instrumentos e armas para se escrever o hoje...

Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito; o momento não conta. Vou lhe revelar um segredo: creio já ter vivido uma vez. Nesta vida, também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que vivi antes. E para estas duas vidas um léxico apenas não me é suficiente. Em outras palavras: gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um magister da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar da sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos

³² Em palestra-performance apresentada durante a MITsp, no dia 6 de março, no Centro Cultural São Paulo. Disponível em: <https://mitsp.org/2016/em-palestra-performance-grada-kilomba-desfaz-a-ideia-de-conhecimento-universal/>. Acesso em: nov. 2021.

grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade. (ROSA, 1965)³³

Na literatura Roseana e na escrevivência, nos deparamos com a escritora Conceição Evaristo, que apresenta a tese que escreve para também dar existência na dimensão do reconhecimento – quando outras mulheres se veem nas suas histórias, logo: inscreve. Encontramos algo desse saber sobre o lugar sertanejo, das gentes com quem nos encontramos e tecemos trocas: na literatura Roseana de Buriti. Em como a velhice é escrita e apresentada, e no que ela encontro de comum com a velhice no sertão de Ponto Chique.

No encontro com Brandão (1988) e Bosi, vimos os processos envolvidos na relação com a memória, com a imagem, com a poesia e com a temporalidade, para situar o lugar deles na escuta com velhos no urbano e no rural. Na sua experiência com os velhos do rural, Brandão (1988), recorda de Halbwachs, no que se diferencia da experiência de Bosi com os velhos de SP, colocando a dimensão social em evidência na relação com a identidade, no que as gentes velhas do rural apresentam um menor sentimento de solidão em comparação as da cidade; e aqui ele também menciona sobre a comunidade de destino, atrelado ao sentimento de pertença com relação ao lugar na relação com a memória, com os seus.

3.1.1 - O Buriti, símbolo da morte e da vida: primeiras narrativas

Maria Behú estava morta... e a morte a embelezara. Partira, na aurora... Mas a Maria Behú compreendia, mais que a todos. Behú: "Ela também dia a dia se afastava para longe de vocês, para muito longe..."... Como os buritis bulhavam com a brisa - baixinho, mil vezes. O buriti - o duro verde: uma forma. Mas Maria Behú entendia: "- O Buriti relembra é o Céu..." (p. 55)³⁴

A temática sobre a morte neste tópico foi para ilustrar a temporalidade da pandemia, principalmente em decorrência dos velhos comporem um dos grupos mais atingidos. Uma das velhas presentes nas Rodas, nosso primeiro campo da pesquisa, veio a falecer poucos meses depois da realização das mesmas: Niza. Dona Niza não faleceu por conta da Covid, mas já encontramos a relação de dois primeiros lugares que ilustram os afetos do velho na pandemia

³³ Em entrevista cedida à LORENZ, no “*Congresso de Escritores Latino-Americanos*”. Disponível em: <https://blog.clippingcacd.com.br/cacd/entrevista-com-guimaraes-rosa/>. Acesso em: nov. 2021.

³⁴ Todas as citações de Buriti a partir dessa paginação estão presentes na edição virtual do livro “Noites do Sertão”: Noites do Sertão/ João Guimarães Rosa. – 10ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. As paginações não estão numeradas na edição virtual; foram numeradas por mim, considerando a página 1 a partir de onde a narrativa começa.

na relação com os seus: o hospital e o cemitério. O hospital foi onde ela esteve antes de falecer, e não pôde receber visitas em decorrência do momento pandêmico, e o cemitério onde as pessoas não puderam se despedir como antes, também em decorrência do momento pandêmico. Assim, apesar não ter sido nosso enfoque nos centrar em uma temporalidade, como da pandemia, não poderíamos deixar de abordar a maneira com que a pandemia afetou a relação com os lugares, desde mudança de rituais de despedida/partida até os momentos de cuidado do dia a dia.

Dona Niza foi quem primeiro se sentiu à vontade para partilhar um tema delicado durante as rodas. O que faz alguém dar conta de dividir algo de tão íntimo com várias pessoas? Aqui pensamos a “comunidade de destino” trazida por Brandão e por Bosi, e do sentimento menor de solidão dos velhos do rural trazido por Brandão. Comunidade de destino ou de referência diz de um pertencimento a uma coletividade, o que estaria associado ao menor sentimento de solidão nos velhos do rural e principalmente nas velhas do rural. Temas existenciais e sociais se mesclam então na partilha da vida, já que a memória nas suas manifestações como no devaneio na memória-pura, ou no rememorar na memória-lembrança, quando isso acontece com outros no elo comum de um espaço e/ou de uma temporalidade.

A roda, assim como o grupo focal foram espaços de partilha. Espaços que existiram em Ponto Chique, como no Conselho da Igreja que aparece nos Livros de Escrituração de Alêixo em meados da década de 70 do século XX; nas festas tradicionais desde o seu preparo de forma coletiva como as Folias, o Batuque; nos lugares da cidade como a igreja, a creche, a venda, e a praça; e nos lugares da casa, como a sala e a cozinha. São espaços de encontros, lugar em que algo é fortalecido, são espaços de partilha de histórias, mas também de dilemas.

A morte e o morrer no tempo da pandemia ilustrou como que a história coloca em questão a própria identidade, e vai contra a ideia dicotômica da relação privada e pública, uma vez que foi em um espaço de partilha que Niza ao dizer sobre os seus sentimentos com a morte de um outro, coloca em circulação naquele momento outros temas que elas acionam e que marcam o que é viver naquele tempo. Se antes se podia entrar no cemitério, velar um corpo, fazer as orações em volta do ente, se despedir dentro de um espaço de saúde, a despedida então passa a ter que acontecer de um outro modo: na distância.

O acontecimento de Dona Niza na roda, assim como o fato de Maria Vanila, uma das velhas, ter nos cedido visita à sua casa para escutar sua história de criança que fugiu da escravidão (conforme lembra os tempos vividos de trabalho no passado), logo após o grupo focal, ilustram que existe uma dimensão do afeto que trata, que não é do privado, é do público.

Aqui pensamos os afetos potencializadores que existem nos espaços públicos onde pessoas se encontram na partilha não somente do que viola um direito básico, mas também do que viola o próprio existir. Dona Niza não pôde enterrar sua neta, em decorrência da pandemia, e nem pôde receber visitas no hospital. Maria Behú em Buriti faleceu de uma doença, na sua casa, tendo sido cuidada por todos os personagens das narrativas, principalmente pelas mulheres – e aqui memoramos o papel também das mulheres na pandemia. Niza faleceu no hospital, Behú na sua casa.

Maria Behú, assim como Niza e as cinco velhas, são mulheres que vivem hoje, nos lugares que passaram a maior parte de suas vidas (em Ponto Chique no caso das velhas e em Buriti Bom, no caso de Behú), que viveram as despedidas dos seus filhos e netos que saíram para investir no trabalho e nos estudos.

Behú também lembra a mãe de Miguel, Nhanina, que no seu silêncio ainda persistia no sertão, assim como todas as velhas entrevistadas, no lugar de manutenção da família, mesmo nos deslocamentos delas, a família ainda se apresentou na centralidade de uma escolha: fugir do pai, retornar para o pai no caso de Vanila, ir às festas em Ponto Chique para depois retornar para as casas na roça como no caso de Vanila e Dóris, sair das terras do fazendeiro para residir com a família em Ponto Chique como na história de Dóris e Diná, continuar cuidando dos filhos dos filhos, para que os filhos pudessem estudar como no caso de Maria Nã, sair de sua terra em busca de trabalho ou educação para os filhos no caso de Vanila e Dóris, e retornar para suas terras ou terras próximas em decorrência de um casamento.

Algumas das velhas tiveram que se locomover em outros tempos em decorrência de sobreviver, mas é no agora com a pandemia que se apresentam como um marco temporal, que elas refletem a despedida como elo entre a vida e a morte. Encontramos a personagem Behú nesse elo. É a única personagem que vêm a falecer, preocupada em manter a vida tradicional no sertão, a que preserva a vida no sertão, contra a vida da cidade. E é a partir da morte de Behú, que a trama entre amores e paixões se concretiza. É como se Behú representasse uma passagem do tempo, desde os dilemas envolvidos com ser bela, até na relação com a cultura e natureza, naquilo que se pretende manter, apesar do que muda. Behú faleceu de uma doença, que ninguém esperava, e morre “antes de florir”, assim como encontramos na temporalidade da pandemia, dilemas da morte e da vida que colocam em evidência a relação com o lugar: naqueles que tiveram que retornar para seus lugares ou escolheram viver distantes da vida na cidade.

Niza me trouxe histórias de meus avós nos encontros com as velhas com quem estive, e a partir deles, fui reconhecida, Niza me mostra o papel da família na história. Benjamin (1940)

ao caracterizar a narrativa como uma forma artesanal de comunicação nos lembra do seu objetivo, de uma intencionalidade: de passar uma lição – aqui tomo a lição do ordinário como o aprendizado no viver, aquilo que descubro sobre minha história com um lugar e sobre as histórias de outros tempos na forma com que os espaços se modificam, modificam as pessoas, e as pessoas modificam os espaços.

Quando Brandão (1998) aborda a comparação entre memória-pura e memória-lembrança, é nas discussões dos dois autores sobre memória a quem Bosi recorre nos trabalhos dela e a quem mencionamos no Capítulo 1: Bergson e Halbwachs. Bergson que pensa a memória no agora, nos atos perceptivos, de onde a memória responde, e apresenta sua contribuição na relação entre as temporalidades e Halbwachs no que a memória parte de fora, a memória na relação com as instituições sociais como a família. Brandão (1998), ainda traça um comparativo entre Bergson e Bachelard – se no ato de lembrar existe um outro, é possível de haver um espaço de trabalho em que só exista o sujeito na sua própria companhia, como o devaneio poético; ele assimila o devaneio com a memória-pura de Bergson, e coloca essa possibilidade no trabalho da criatividade, naquele estado de transe da escrita, da pintura, da música...

Assim, na narrativa Roseana, sobre a velhice, apreendemos algo sobre nós mesmos, de um singular, de um devaneio - naquilo que Brandão (1998) traz à discussão sobre Bachelard, na memória-pura. Nas narrativas com as velhas mergulhamos na substância social da memória, no aqui, aprendemos sobre um nós, mas que não deixa de envolver um singular – mas um singular que não existe sem um outro; se eu me reconheço com elas, é porque foi a minha avó quem me apresentou a elas, e quem chega no lugar onde residem.

A discussão sobre morte e vida nas narrativas na relação com o lugar sertão, remonta ao que Benjamin diz sobre os objetos que contam histórias, na maneira com que ruas e estátuas aparecem como nomes de lugares. As pessoas passam por essas “homenagens” e não imaginam o que existe por de trás daquilo, quais histórias por de trás. Quem primeiro habitou esses lugares, diante do que temos de conhecimento, quase não se sabe, mas quem “conquistou”, tomou posse, recebe a nomeação.

Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso. (BENJAMIN, p. 2, 1940)

Figura 36 e 37: Pintura de Leonardo da Vinci na casa de Lia: A Virgem e o Menino com Santa Ana



Fonte: ALMEIDA, Thaisa Maria Fonseca, 2022.

3.1.2 - O Buriti, símbolo da cultura feminina no sertão: narrativas das primeiras memórias

“Sabiam coisas demais, do tempo, dos bichos, de feitiços, das pêssoas, das plantas - assim era o sertão. / (...) se sentia feliz, só de ter podido um dia visitar o Santuário em Curvêlo, e de ser uma bôa doceira”. (p. 29/ 37)

Se no tópic anterior pensamos sobre nas narrativas de perdas e partidas, nesse trazemos as da chegada em Ponto Chique, sobre como que as velhas se relacionam com essa cidade, se relacionavam antes com seus lugares, como vê essa cidade na maneira como viam, e quais outros lugares surgem quando pensamos a cultura dessa cidade.

Se em Buriti, encontramos Miguel que retorna ao Buriti Bom à trabalho, Leandra e Ia Dijiá que vêm da cidade para aquele lugar do sertão por motivos diferentes, encontramos as velhas do mato que estão sempre entre os lugares do sertão na relação com as roças e com as fazendas. Maria Nã, assim como Lia e Conceição foram as velhas que relataram mais sobre seus lugares onde cresceram, na manutenção de práticas familiares como o fazer dos doces, biscoitos e costura. Vanila, Diná, Rôuxa e Dóris, viviam mais na proximidade da vida na roça enquanto agregadas, tinham como trabalho a manutenção da sobrevivência naquele lugar, o trabalho com a enxada. Encontramos essas diferenças de estar no sertão enquanto mulheres também Buriti, na figura de Leandra e Behú que mantém o sertão na sua bondade – rezas e

costumes, e nas mulheres da cozinha e velhas do mato, que ou: existem em um lugar da fazenda (cozinha), ou passam pela fazenda (velhas do mato).

Em todas essas personagens, entre literatura e viver na cidade de Ponto Chique, encontramos a centralidade na figura masculina como aquela que pastoreia, seja em Buriti, quando na associação com o Curupira, seja nas narrativas das velhas quando surge o casamento. São histórias que apresentaram resistências ao serem narradas, mas que foi possível de se espiar a partir de trechos como a de Maria Vanila quando se remete ao casamento: *fugi de uma escravidão para entrar em outra*. Esse fenômeno da relação da mulher com o lugar no rural foi o discutido por Brumer (2000) e por Carneiro (2001) ao abordagem a família nesse lugar de supra jurisdição, como o que não somente influencia na cultura, mas também nas normas acima dela.

Encontramos o reflexo desse fenômeno também a partir na maneira com que os pais das velhas surgem na história: o que construiu a casa, o que escolhe para onde a família vai, a que foge do pai, assim como na centralidade da figura do fazendeiro, tanto em Buriti quanto nas narrativas delas.

Já o lugar da mulher também aparece nas narrativas das velhas: da mãe de Maria Nã que era doceira, a mãe de Maria Diná que ensinou sobre o lidar com o mato (relato que aparece em uma dinâmica de roda anterior ao grupo focal), a mulher que *mandava em tudo e cuidava do jeito dela* de quem adoecia (que morava na casa onde estava acontecendo o grupo focal). Mulheres que possui um papel similar ao da personagem Vovó Maurícia, pois assim como Maurícia aparece na lembrança como símbolo das tradições que permanecem como o rito final do fogo nos momentos de partilha em fogueira, são mulheres que são acionadas nas lembranças dela do que aprenderam e sustentam como ofícios. Esse ofícios, de ser mulher do mato, benzedeira, costureira, roceira sempre surgem na forma que elas relatam processos de trabalho diante desse fazer, bem como os saberes construídos com esses lugares naquilo que aprenderam sobre os bichos e plantas, como quando acionam as *plantas do mato* e seus usos, suas medicinas, e os cuidados com os bichos, que nomeiam como *viventes*. Assim como os pobres do mato que trazem as notícias de lá, e a figura da feiticeira que é buscada no seu saber místico para resolver conflitos que envolve um não saber.

A casa tem uma centralidade nas narrativas delas, assim como objetos da casa que lembram um espetáculo na partilha da vida em comunidade, como os altares, que é encontrado em cada casa, os remos nos casos daquelas que ainda pescam nas vazantes, o presépio na década de 90 que as pessoas chegavam na sala para apreciar, ou a primeira televisão, que ao chegar

convoca pessoas a se juntarem para assistirem juntas. A casa é como um lugar vivo repleta de objetos que também narram, assim como elas narram desde o seu processo de construção e mudança da casa, que elas construía, desde o seu alicerce, como as casas de adobe e as de tijolo.

Nas narrativas das mulheres velhas, se os espaços públicos como escolas e parque de vaquejada recebem nomes de fazendeiros, uma das primeiras festas tradicionais da cidade, bem como pessoas responsáveis pelo cuidado da comunidade quando inexistia políticas públicas recebem seus nomes. Encontramos em uma das velhas presente na roda, a representação da quadrilha na Rua da Alegria e na Av. Nestor Alves Clementino – onde acontece a “Quadrilha da Raimunda, Agripina e Francisca”, Raimunda esteve presente nas rodas, em Vanila, Rôuxa, Nã e Dóris do batuque e folias, em Diná as benzeções com as plantas, em Nã os biscoitos que garante o sustento das festas e outros momentos comuns como quando os velórios ainda aconteciam nas salas das casas – alguns ainda acontecem, tanto que nesse ano de 2022 a funerária na cidade teve suas portas fechadas, quando esteve em funcionamento apenas nos momentos de pico dos índices de casos de Covid-19.

A maioria das velhas narraram sobre as folias, as festas... Se nas roças e fazendas no entorno de Paracatu de Seis Dedos, as narrativas sobre trabalho escravo são mais presentes, em Ponto Chique, as narrativas sobre as festas, o forró, os biscoitos, tomam lugar. Quanto a cidade de Ponto Chique era visto por alguns por Ponto Alegre, como conta Diná, e confirma Vanila, fato que as outras não tinham conhecimento. Assim, os lugares de Ponto Chique que surgem são reconhecidos ou pelas festas como a Quadrilha, pelo rio (no brincar entre os rios de Diná, no rio para tomar banho nas histórias de Vanila, ou seja pelo *perambular* entre terras devido as chegas do rio presente nas narrativas de Agripina do Batuque), e pelas famílias (a partir das casas que tiveram mais de uma família que estiveram morando lá, pelo o que as casas já foram, e pelas suas casas).

Na outra margem, encontramos Ponto Chique visto de outra maneira, como uma margem também da história: *Ponto Chifre* é como aparece na história contada pelo barqueiro Edmundo durante o período da seca do rio São Francisco. Nomeação que nunca havia ouvido dizer pelo tempo que estive morando nesse lugar, bem como no assuntar sobre essa história, se apresentou como desconhecida pelos moradores. Mas se há algo que faz sentido nessa forma de nomear, é porque se encontra em outra temporalidade: na história fundacional de Ponto Chique. Nos deparamos nesse momento com um elo entre passado e presente, pois se temos uma mulher sem nome na história fundacional de Ponto Chique, bem como a imagem de uma

Santa em duplo (*a original* e uma outra trazida por um padre), vemos em algumas narrativas de mulheres da cidade que se sentem vistas com desconfiança pelos homens. Mito ou não, real ou não, esse fato também surge no trabalho de Ribeiro (2017):

Esses casos de ruptura/fissão envolvendo relações entre homens e mulheres, perdas e conquistas, fazem parte da gênese do imaginário de Ponto Chique que se traduz ou é traduzido nas músicas nas rodas de batuque. Em 2015, eu decidi atravessar o rio até Cachoeira para conversar sobre o levantamento do batuque de lá. Sem saber como chegar ao porto, aceitei a carona de um rapaz que estava de moto. (...) Depois de passar o dia em Cachoeira quando retornei à cidade, a sensação era de que todo mundo sabia que eu havia pegado carona com o rapaz. Percebi ainda mais a latência dessas tensões de gênero, me toquei que era preciso ter cuidado e discrição, mesmo sendo pesquisadora, sobretudo pelo fato de ser mulher. (...) Quando Cláudio retornou e eu permaneci na cidade, uma 38 moradora mais idosa chegou a me perguntar se meu marido não se importava com o fato de eu ficar sozinha. É possível relacionar essas tensões cotidianas à própria gênese da cidade decorrente de uma ruptura por causa de suposto caso extraconjugal. (p. 37)

As figurações sociais em Ponto Chique também foram observadas relacionada às questões raciais nas relações com os lugares. Quatro das velhas são mulheres negras, exceto Maria Vanila que é uma mulher branca. Não chegaram a acionar essa categoria, de ser negra nos momentos das rodas ou do grupo, apesar de já ter presenciado elas acionarem em outros momentos, como em uma Conferência Municipal de Assistência Social ao qual estava presente; no momento do credenciamento e algumas respondiam com muita ênfase: *Sou preta!* Encontramos a afirmação de ser algo relacionado com os lugares e o que se aprendeu com eles, como quando Diná diz que tudo que sabe sobre o mato aprendeu com seus pais, no viver no mato. Ou quando o Batuque, ao começar as *representações* para fora da cidade, são vistos de outra maneira pelos moradores de Ponto Chique: *gente fraca também faz história*.

Nessas observações entre raça e lugares, encontramos as mulheres Conceição e Lia, mulheres brancas, que possuem relação com o fazendeiro (Lia casada com Alêixo, que comprou parte das terras de um fazendeiro e possuíam famílias agregadas em suas terras; Conceição que tinha o sogro como fazendeiro), e por isso não tiveram que *viver da enxada*. Já as outras velhas, exceto Maria Nã, que também tinha os pais com alguma relação com o fazendeiro, não tiveram a escolha de viver apenas do ofício do trabalho na casa: o cuidar da casa, tinham que se esconder quando crianças dentro das casas para os fazendeiros não as *pegarem* tão novas para trabalhar.

Na novela Buriti, as relações raciais entre as mulheres também são visíveis, desde suas nomeações, já que encontramos mulheres negras que não recebem nomes, como a cozinheira preta. Vemos também em quais lugares elas se encontram: no mato, na cozinha, para satisfazer

os prazeres do fazendeiro como a mulata Alcina, em contraposição aos lugares que as mulheres brancas se encontram: na fazenda, na relação sempre com *a sede*, como as velhas ribeirinhas nomeiam a fazenda.

3.1.3 - O Buriti como símbolo da história: narrativas sobre a roça e a fazenda nos tempos de ser escravo

Trabalhador de roça tinha de vir, de madrugada, caminhar uma légua, para o eito... O mundo era duro. A hora de légua andada por esses trabalhadores, era tirada do pouquinho tempo que eles tinham de liberdade, para descanso e sono, porque do tempo de trabalho do patrão não seriam descontáveis. (p. 20)

A casa nas suas múltiplas significações, pela forma que é habitada e por quem é habitada, a encontramos nas narrativas também na relação com o trabalho. Encontramos a casa do fazendeiro proprietários das terras, nas narrativas das velhas, e as casas ao entorno da fazenda, onde residiam os *agregados*. Em Buriti, vemos a centralidade na casa do fazendeiro, Iô Liodoro, onde toda a trama acontece, mas também surgem personagens sem nomes na relação com outros lugares. São representações da velhice que não se encontram no cenário da casa na trama – nem a Vovó Maurícia, que sempre é lembrada nas tradições da família, reside naquela casa, é sempre memorada de maneira distante, quase que como uma entidade que olha por eles, e que eles se voltam.

Os lugares mais comuns presentes nas narrativas desde a chegada delas dizem da casa, da roça onde cresceram. A casa aparece mais no lugar da tradição, no sentido do transmitido, que aprendiam, como o feito dos doces, o preparo dos remédios caseiros, dos biscoitos para as festas. Até aquela casa onde elas estavam, o Centro de Convivência, que foi casa de outras famílias.

A casa como lugar de comunhão aparece no comum entre as velhas de Buriti e as velhas de Ponto Chique. Os espaços que mais aparecem são a cozinha e o entorno da casa na relação com o mato e com a fazenda – é o que configura o entorno da casa na roça. Os espaços de dentro da casa, como a cozinha, normalmente são aqueles habitados por mulheres brancas, como as filhas do fazendeiro, quase que no lugar de um rei com suas princesas. Assim como encontramos essa dicotomia na relação com a casa, no espaço onde a casa se encontra: é a relação entre fazenda e roça.

A roça:

A roça é uma das categorias nativas mais presentes nas narrativas das velhas de Ponto Chique. Silveira e Fiúza (2019), nos seus estudos sobre essa categoria, sob ponto de vista simbólico e econômico, a apresentam na sua polissemia na relação com a história. Assim, roça apresenta-se como uma categoria que traduz modificações na relação com rural no Brasil, na maneira como as gentes desses lugares é vista e passa a ser reconhecida. As autoras localizam três concepções fundamentais: roça enquanto produção agrícola, na associação com a natureza, e ligado à tradição e regionalismos. As transformações pelas quais essa categoria é associada podem ser localizadas a partir de duas modificações na relação da sociedade com a sua estrutura econômica: até a década de 60 roça era entendida como uma demarcação de fronteira em relação ao urbano, e a partir de 1980 encontramos ampliação de seu uso, relacionado ao comércio de bens alimentícios e outros bens vendáveis.

Essa mudança no termo pode ser vista a partir das narrativas das velhas, como quando elas relatam o trabalho na roça associado com o trabalho escravo, e de quando os tempos mudam, com a chegada das políticas sociais, na associação da roça no lugar de comércio de venda dos produtos do mato, observado principalmente na fala de Maria Rôuxa: *Nós vendeu adobro pra fazer ela, essa casa aqui; Panhava tingui pra vender, fazer sabão no mato; Panhava mamoinha, que é do mato mesmo, pra vender também, Vendia caroba.*

Observamos a relação existente nesse lócus entre fazenda e roça na maneira que o trabalho se modifica, já que as velhas de Buriti se encontram em uma relação diferente com os fazendeiros, e com as roças - a velha, a avó, mãe de fazendeiro, vem em uma posição de continuidade, na lembrança do que aprendiam com ela no gerar da família e da comunidade; mas encontramos as velhas do mato como pobres do mato e a velha feiticeira, ambas narradas quase que em uma posição mística, como seres que não aparecem sempre.

Nessa relação encontramos uma outra mulher velha, que perde a beleza, Dona-Dona, a mulher do fazendeiro Guaspar. Na maneira com que é vista pelo marido e tratada, é uma velha mulher que sempre está em casa, parecia uma criada. Dona-Dona é apresentada como uma senhora que faz questão de afirmar que é esposa de um homem de posses.

(...) no Brasil, também costumava-se utilizar a expressão roça para demarcar fronteiras sociais, especialmente para estigmatizar grupos formados por pequenos agricultores familiares pobres moradores do campo, impingindo-lhes estereótipos e posições sociais inferiores, especialmente em contraponto aos segmentos urbanos. (p. 2)

Em Ponto Chique também encontramos fazendeiros nas narrativas das velhas, nos donos das terras, seja na história de Vanila, ao qual seu pai a faz trabalhar *que nem escrava para um*

fazendeiro, na história de Maria Rôuxa que possui pai vaqueiro que trabalha para um fazendeiro que foi prefeito da cidade, Dóris que morava com a família na terra de um fazendeiro que detinha posses em Ponto Chique e em Cachoeira, e Diná, que morava nas terras de um fazendeiro italiano, e que compartilha suas narrativas com Maria Nã sobre como que tinham que se esconder quando crianças para os fazendeiros não mandarem buscar para trabalhar.

Oliveira (2012, p. 75) destaca que as roças eram unidades dedicadas “única e exclusivamente à produção”, contrapondo-as às casas de campo destinadas ao lazer. Segundo este autor, as roças eram conduzidas por mão de obra familiar de trabalhadores agregados à monocultura e/ou escravos, e a sua principal função seria o abastecimento de núcleos urbanos vizinhos e rurais, função que ainda hoje cumpririam nas “regiões menos populosas do país”. (p. 3)

O trabalhador da roça é retratado em Buriti na relação com o patrão, o que acontece de forma similar nas narrativas das velhas, na maneira que elas retratam os fazendeiros e os jagunços. As mulheres e os homens na lida na roça eram todos escravos nas narrativas delas. Vale lembrar que o marco temporal (década de 60 do século XX) de Buriti, na época em que foi publicada, é o mesmo de quando elas viviam aquela realidade, que cresciam ali naqueles lugares que mencionaram. Assim, o real do trabalho no sertão na lida com a terra, nas relações de poderes existentes, surgem em ambas as narrativas: das velhas de Buriti e das velhas de Ponto Chique. A diferença é que a velhice surge ainda de maneira não tão associada ao trabalho em Buriti, mas surge a pobreza, mas é importante considerar que as velhas de Ponto Chique, apesar de lembrarem no agora enquanto mulheres velhas, rememoram tempos que tinham outras idades.

Os trabalhos começavam aos seis anos de idade, com enxadinha. Os trabalhos na roça, de enxada, como chamam. Essa realidade contada por elas se aproxima do que Silveira e Fiúza (2019) localizam em seus estudos ao apresentarem alguns autores que realizaram estudos sobre a categoria roça no Brasil, com os apresentados por Oliveira (2003) que menciona essa categoria durante o período do Brasil Colônia, quando as roças eram espaços exclusivos de produção enquanto a casa destinado aos espaços de lazer – o que encontramos nos relatos delas ao descreverem o cotidiano do trabalho nas roças em contraposição ao que elas nomeiam de fazenda como a sede, local onde reside os fazendeiros com suas famílias.

As autoras também apresentam os trabalhos de Moura (1978), Garcia Júnior (1983) e Heredia (1979), trazendo o papel das mulheres nesses espaços, na maneira com que o trabalho do homem era associado com o da roça e da mulher com o da casa. Não encontramos essa

divisão de trabalho nas narrativas delas, elas narram a todo momento: era todo mundo escravo. Mas não deixamos de ver o reflexo dessa marca de gênero no trabalho a partir do relato de Maria Diná, a mulher do mato, que ainda vive do mato: *Eu nem pareço com mulhé, eu pareço com homi. É porque minha vida é vida de homem, eu num tenho vida de mulhé não. Eu trabalho a vida inteira no mato até hoje. Minha vida é do mato.*

Outras relações foram sendo tecidas na relação com outros espaços nessas terras: são os lugares do mato e do rio. O Mato como lugar que haviam de ter cuidado, onde viviam os jagunços, onde se podia brincar até certo ponto. O rio não aparece tanto quanto o mato, mas surge mais próximo do mitológico do que a terra, como na aparição de seres como o *Pai D'Água* – história mencionada por Maria Vanila na visita que fizemos em sua casa após o grupo focal. Vanila menciona que não acredita em seres mitológicos das águas como sereias (a pergunta surgiu diante das várias imagens de sereias que haviam na sua residência), mas que existia a história dessa entidade que era meio homem e meio animal chamado Pai D'Água, história que seu pai contava para ela. Já o mato sempre associado ao trabalho, mas também a ensinamentos.

Em Buriti não aparecem outras formas de lida com as roças se não a partir do trabalho, nas narrativas das velhas, vemos no Batuque maneiras de *representar* as histórias que seus antepassados e eles vivenciaram, já que eles representam o que viveram. Vanila rememora que as mulheres começaram a cantar para não escutar os maridos e filhos sendo apanhados e chicoteados. Registravam pelo cantar, já que muitas não tinham acesso aos estudos, como até hoje Maria Diná diz: *Eu sempre quis aprender a ler e a escrever, mas meu lápis foi a enxada e meu papel a terra.*

Encontramos aqui a força motriz da narrativa que Barthes (1971) aponta, de passar alguma coisa em decorrência dos signos que se encontram fracionados, que garante com que algo seja preenchido. Barthes (1971) faz essa consideração em relação a estrutura da narrativa enquanto gênero literário; e apesar de termos “Buriti” (1981) como pertencente ao gênero literário da novela, não podemos deixar de considerar a estrutura característica da escritura Roseana, ao que Barthes (1971) também considera: o lugar de quem escreve. É a partir de sua vivência sertaneja que JGROSA traça sua escrita, do universo sertão na dimensão da linguagem, de como as gentes de localidades diferentes do sertão nomeiam seus mundos, seus espaços, e o que existe, como o viver é contornado.

Mas no processo criativo, do inventivo, encontramos esses espaçamentos, no lugar onde o leitor se identifica e se comunica com a narrativa, o que ele apreende. Assim, se em “Campo Geral” me chama a atenção o lugar da mulher no sertão, e isso me leva para pensar a pesquisa

de um outro modo, com outros objetivos, é no vivido com o sertão de Ponto Chique, com as velhas que já estiveram comigo antes, que vamos para “Buriti” (1981) para pensar a relação tempo-espaço na maneira com que elas nomeiam seu sertão.

A relação entre leitor e escritor se estabelece na intercessão de uma lição, tanto em Barthes (1971) quanto em Benjamin (1973). É na relação que o transmitido pode ser trabalhado e visto em expectativas do que não foi realizado. Naquilo que descobri sobre Ponto Chique com elas e que descobrimos, sobre Ponto Alegre e Ponto Chifre, é o que me torna também contadora do que escutei, e as tornam contadoras daquilo de novo que construíram no trabalho com as memórias – o que evidencia a relação dialética do narrar apontado por Benjamin (1973). Assim, se Chauí (1979) menciona as diferenças entre um narrador cronista que considera cada fato narrado na sua importância, com o cientista intérprete naquele que escava o narrar naquilo que possui como objetivo, me torno os dois na relação com elas.

3.2 - O curso das narrativas de ter sido vivente de outro tempo: a função social da memória de velhas sertanejas

“A meninice é uma quantidade de coisas, sempre se movendo; a velhice também, mas as coisas paradas, como em muros de pedra sossa... Assim, entre a meninice e a velhice, tudo se distingue pouco, tudo perto demais”. (ROSA, 1956, v. 2, p. 691-2)

Apesar de nascermos com uma história, existe uma história anterior que ao ser contada, nos marca de outro lugar naquilo que nos relacionamos em um tempo, do agora, e em um lugar que se vive. Ter sabido o que aquele lugar tinha sido, por elas, que estiveram ali antes de mim, é considerar a vivacidade daquele espaço, quem já circulou por ali, como ele se transformou.

Que é outro ponto a ser considerado, todas as memórias e narrativas dos lugares são sempre vivas de pessoas. Até mesmo uma memória distante de um lugar leva a identidade de alguém na sua relação com um outro, como Maria Rôuxa que tem como primeira memória o túmulo de sua mãe em frente à sua casa, e tem nas suas narrativas histórias de quando era criança. Enquanto que as histórias das maiorias das velhas são de festas naquela cidade, sempre povoada de gentes.

A meninice no sertão é o último trecho que pretendemos discutir na relação com as narrativas das velhas de Ponto Chique. Em Campo Geral, vemos o menino Miguilim, de oito anos de idade, residindo em um lugar muito longe, distante de tudo, e que começa a trabalhar ainda menino na roça com o pai – a criança que lida com dilemas sobre a morte e sobre a família

no sertão, convive com a mãe, a avó e a mulher negra que a família pega para criar, e que trabalha também com eles. Miguilim se desloca para a cidade, depois de colocar os óculos e ver de outra maneira, e vai junto com um *doutô* para estudar, se forma e retorna em Buriti já formado e adulto. Miguel enxerga o sertão e é reconhecido. Da meninice em Miguilim, em que o sertão é quase o mundo, vemos depois Miguel, retornando ao sertão agora como um lugar.

Em Buriti, encontramos histórias sobre amor e desejo, além das tramas sociais, o ser mulher no sertão aparece em uma associação com a mocidade, enquanto que ser velha no sertão na associação com uma continuidade. Benjamin (1940), defende um projeto do passado, pois é nele que residem as expectativas não realizadas; não é somente no futuro que reside a esperança de construção de projetos de sociedade, mas é no passado que podemos ouvir aquilo que foi sonhado e não foi realizado, e é no agora que esses tempos acontecem. Projetos de sociedade são coletivos, são construções que não se iniciaram no hoje; se o Batuque tem seu reconhecimento como patrimônio cultural, é porque começou na sua primeira geração quando as pessoas escravizadas do sertão denunciavam uma história que não era escrita.

A meninice também aparece nas narrativas das velhas, a partir de Maria Vanila, que parece que quase volta a ser menina, quando narra sua primeira relação com a cidade, e no fugir em busca de outra vida, que na sua certeza era melhor do que aquela. Meninice que surge nas rodas quando levam o brincar tão à sério, e rememoram como tinham que criar e inventar para poder garantir um espaço para a infância; a meninice como um tempo não vivido, mas que encontra um possível na velhice, quando brincam nas Rodas, e narram acontecimentos que não viveram porque tiveram que trabalhar, como a quadrilha dos idosos.

Conheci a história de meus avós e mais da minha avó a partir delas, me reconheci no cuidado que tiveram comigo na relação com Ponto Chique, que só saberia nesse espaço de escuta, pois na lembrança, nos deparamos com um tempo de memória da meninice curto. Na infância, a memória enquanto função cerebral ainda está no processo de amadurecimento, a marca não se sustenta pela imagem, já na velhice, a memória também não está no seu funcionamento como na mocidade, mas as imagens mais antigas já estão encravadas, fincadas, e é no trabalho com a memória que elas aparecem com toda sua vivacidade, quase que no viver novamente daquele acontecimento.

A imagem da sala onde as fofocas, o planejamento do brincar, e os velórios aconteciam, a imagem do rio como rua, no trafegar dos barcos, e no rio no seu curso mitológico na imagem das sereias e do Pai D'Água. Tanto as narrativas de Buriti, quanto as das velhas são recheadas de elementos da natureza, nomes de plantas e bichos, e de alquimias de preparo de alimentos e

de processos de construções de casas... São as narradoras contadoras, parafrestando Benjamin (1940), as que ficam, como os camponeses, e as que perambulam, como as vazanteiras. Em Buriti não encontramos o rio, mas a novela ganha esse nome, de uma árvore, na metáfora de uma planta que é hermafrodita, grande que quase alcança o céu e é vista por uma mulher jovem que desabrocha antes do tempo, como se envelhecesse antes, que vê o Buriti.

Através das falas, comecei a aprender que a temporalidade para essas populações ribeirinhas pode ser compreendida por ciclos anuais e por processos sociais. Existe o tempo do rio, comandado pela dinâmica das águas, um tempo conhecido e considerado pelos moradores da beira do São Francisco, pelos beiradeiros, vazanteiros, brejeiros, lameiros e outros mais. E, há também, o tempo das transformações, que conforma as mudanças entre velhas e novas territorialidades. (ARAÚJO, 2009:168)

Nas narrativas das velhas, o ser mulher velha no sertão aparece na meninice, na mocidade, e no ser escravo, e também aparece no questionar e duvidar de um feminino, por uma ausência de vaidade. Já a velhice narram e lembram os sertões vividos, os tempos vividos nas roças, no mato, na enxada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na travessia com a pesquisa, não aprendi a costurar como minhas avós Lia e Conceição, não tive tempo... Na tentativa de aprender a fazer a costura de outros modos, dei-me conta do que se repetia sempre no texto que escrevia – o que se repete é algo que importa. O que se faz questão de afirmar, o que pede uma elaboração, ou se apresenta como devaneio ou memoração. Aonde se quer chegar quando se narra um mesmo fato ou quando se escreve sobre um mesmo acontecimento? Cansaço, má escrita, saudade? Como alinhar os nós e realizar a costura das memórias das velhas? Sigo no aprender de escutar, ouvir e aprender.

Revisei a escrita dessa pesquisa diversas vezes, em que encontrei muitas repetições não somente do conteúdo, como também dos acontecimentos narrados. A maioria foram interessantes de terem sido contados mais de uma vez, porque realmente foi assim. E muitos outros tive que reviver na minha memória, para ter certeza se foi mesmo como aconteceu a partir da minha lembrança – no lugar de quem escreve, eu não tinha testemunho. A responsabilidade com esse registro então condensa toda uma ética com todas as contadoras com quem estive.

Mas então eu me lembro do que me descansa, o que para mim possui a sabedoria do deixar ir: o rio. No rio, que conheço pouco, dos seres vivos que nele nadam, trafegam, vivem. Retornei à Ponto Chique, e encontrei com o rio, o São Francisco, com a cidade, com o mato, e com as velhas. Era Pandemia, e tudo de novo se refez entre dúvidas, angústias e desafios, como nas águas do rio: às vezes limpas, às vezes turvas, seguindo em frente...

Entre memórias, foi exatamente assim toda essa travessia – já que quando venho para morar com meus pais, escolhemos viver na casa que era dos meus avós. Uma das paredes da cozinha hoje, divide a cozinha e a sala – antes era tudo a cozinha, fui eu quem pintei de cor amarela. Era uma das cores favoritas do meu avô, amarelo e azul, que hoje é a cor da igreja de Sant’Ana. Há poucos dias, a pintura da Igreja foi finalizada, depois de anos sendo ampliada. Confesso que gostava mais da igreja como antigamente, do meu tempo de antigamente. Igreja que era pequena, de cor branca, com os vitrais coloridos nas portas e janelas.

Nessa igreja fiz o catecismo com uma professora que estava presente na roda que fez parte do meu trabalho de campo. Me lembro também da minha primeira professora da escola, a mãe dela está presente também na pesquisa. E eu poderia contar e repetir as minhas histórias que se cruzam com as delas... Somos de um tempo diferente em termos de geração, mas de um mesmo lugar, que parece tecer algo de uma ligação entre nós.

Durante a pesquisa e no começo da minha estadia em Ponto Chique, senti a necessidade de procurar uma benzedeira, “a mulher do mato” mencionada na Introdução. Ela me recebeu na sua casa entre uma roda e outra, que aconteceu naquele ano de 2020. Relatou de um tempo, quando ela levava a mim e à minha irmã para o mato. Fiquei surpresa, porque eu não lembrava. Recordava de tantos fatos narrados, como a escola, a catequese, a minha madrinha de fogueira, mas não tinha na memória aquela mulher e esse acontecimento.

A primeira mulher que me chamou a atenção dentro das novelas roseanas nesse estudo foi: Nhanina em Campo Geral, a mãe do menino Miguel, uma mulher descrita como muito bela, e que escolhia ficar no Mútum, mesmo não vendo beleza ali – com ela, me questionei: o que faz alguém ficar mesmo no desejo de ir? Depois na novela Buriti, na continuidade do personagem Miguilim em Miguel, outra mulher se destaca na minha observação: Maria Behú, a mulher que ninguém enxergava beleza, mas que enxergava de forma bela a vida naquele sertão. E então, entre histórias e estórias, narrativas e memórias, sertões e mulheres, a mulher do mato, do agrupamento das velhas que foram sujeitas dessa pesquisa, me retém, e é com a fala dela, essa benzedeira do sertão, que dá o título presente deste trabalho. Diná, que se questiona enquanto mulher no sertão ribeirinho, e que benze (bem diz): *Eu sempre quis aprender a ler e a escrever, mas meu lápis foi e a enxada e meu papel a terra...*

Assim, nos duplos e entrelugares existentes na escrita sobre o viver no sertão de JGROSA, compreendo o mato, naquilo que Diná traduz junto com as velhas, como um entrelugar entre a roça e a fazenda. Fica o desejo de ter explorado essa categoria nativa, o Mato. Mas que carrego como possibilidade de explorar em outras travessias.

A densidade de todas as narrativas são uma amostragem dessa fala da *mulher do mato*, que não se vê como mulher, mas foi o símbolo desse estar no sertão ribeirinho: de brincar e viver do rio, saber e viver da terra, e de estar contando sua história entre as mais velhas e as mais novas também. Que divide um desejo de um tempo de não ter sido gente, pois só quem está vivo pode desejar... E ela repete esse desejo, ela repete até mesmo na lembrança que sonha: se existisse escola pra mim. E nós, enquanto também estudantes repetimos a ela: Têm escola para você.

A densidade repetida, nas falas das velhas com quem estive, revelaram elos com a história, nos modos de falar, seja no cantar, no olhar, no andar, e no tempo de ficar em silêncio, no cuidado do que se ainda preserva.

Em qualquer ponto do sertão, foi a história o nosso tempo comum do passado. A memória continua guardiã das travessias no Mútum em Campo Geral, no Buriti e na vida vivida em Ponto Chique, no sertão sertanejo e ribeirinho.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. *Estudos avançados*, v. 13, p. 7-59, 1999.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.
- ALVAREZ, Sonia E. Engajamentos ambivalentes, efeitos paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento. **Revista Feminismos**, v. 2, n. 1, 2014.
- ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1985.
- ARENDT, Hannah. *A Vida do espírito o pensar, o querer, o julgar*. Relume-dumara, 1995.
- ACSELRAD, Henri. As desigualdades persistentes. **A terra é redonda**, v. 28, 2020.
- BARRETO, Adalberto. *Terapia Comunitaria Integrativa passo a passo*. **Fortaleza: Gráfica**, 2015.
- BARTHES, Roland et al. Introdução à análise estrutural da narrativa. **Análise estrutural da narrativa**, v. 5, p. 19-62, 1971.
- BARTHES (2004), Roland. **Aula**. Editora Cultrix, 2004.
- BARTHEL, Stela Gláucia Alves. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE CORETOS. *ARCHITECTON-Revista de Arquitetura e Urbanismo*, v. 6, n. 10, 2021.
- BENJAMIN, Walter et al. **El narrador**. Ediciones/Metales Pesados, 2008.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. TA, 1979.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. In: **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2012. p. 219-219.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. Editorial Cone Sul, 1998.
- BRANDÃO, Carlos R. Sobre a tradicionalidade rural que há em nós. *O Campo no Século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, p. 121, 2004.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto VI: figuras do pensável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CARNEIRO, Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção*. **Estudos sociedade e agricultura**, 1998.

CARNEIRO, Maria José. " Rural" como categoria de pensamento. **RURIS-Centro de Estudos Rurais**, v. 2, n. 1, 2008.

DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, Lei Orgânica; DOS OBJETIVOS, DAS DEFINIÇÕES E. Lei nº 8.742, de 7 de Dezembro de 1993. Recuperado em, v. 29, 1993.

DE ALMEIDA COSTA, João Batista. A sociedade de curral: desenvolvimento social pelas figurações sociais, pelo habitus e pela organização do estado no Norte de Minas1. **Argumentos**, v. 16, n. 2, 2019.

DE AVILA QUEVEDO, Wagner. Notas sobre narração e experiência em Walter Benjamin. Anuário de literatura, p. 98-117, 2008.

DE BEAUVOIR, Simone. A velhice. Nova Fronteira, 2018.

Gebara, Ivone A velhice que eu habito [livro eletrônico] / Ivone Gebara. – São Paulo : Claraboia, 2021.

GUIMARÃES ROSA, João. Manuelzão e Miguilim. **Rio de Janeiro, José**, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2021.

KILOMBA, Grada. While I write. URL: <http://gradakilomba.com/newvideo-while-i-write>, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras, 2020.

MARTINS, Heloísa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, p. 289-300, 2004.

MONTEIRO, TAYNAH DE MARILLACK MAIA. Aqueles que envelhecem, o tempo e as rugas.

MENDONÇA, Elizabeth da Silva. Representações da velhice em alguns contos de Guimarães Rosa e Mia Couto. 2013.

MIGNOLO, Walter D.; CASAS, Arturo. Silêncios da autoridade: a colonialidade do ser e do saber. *Grial*, v. 43, n. 165, p. 26-31, 2005.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NEITZEL, Adair de Aguiar et al. Mulheres rosianas. 1998.

NUNES DA SILVEIRA, Lidiane; CARVALHO FIÚZA, Ana Louise de. Roça como marca registrada no Brasil: novos significados do rural brasileiro. *Mundo agrario*, v. 20, n. 45, p. 125-125, 2019.

QUIJANO, Aníbal. El fantasma del desarrollo en América Latina. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 1, p. 38-55, 2000.

ROCHA, Edinael Sanches. O TAMANDUÁ XERENTE. *Revista de Letras*, v. 60, n. 1, p. 45-54, 2020.

RODRIGUES, André Luis. As três margens do rio e o vertiginoso fluxo da vida. *Estudos Avançados*, v. 30, p. 221-233, 2016.

ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão**. Record Altaya, 1988.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Nova Fronteira, 2016.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Editora Companhia das Letras, 2019.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento** Campinas. SP: editora da Unicamp, 2007.

RIBEIRO, Wagner Costa. Globalização e geografia em Milton Santos. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 6, n. 124, 2002.

RIBEIRO, Pamilla Vilas Boas Costa. **A vida é um remanso: performance, cultura e política no batuque de Ponto Chique (MG)**. 2017.

SENA, Custódia Selma. **A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica**. 1998.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, v. 21, p. 166-193, 2000.

SOUZA, Alex Sandro Rolland et al. Aspectos gerais da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 21, p. 29-45, 2021.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cartografia sertaneja: as representações das práticas espaciais vividas, percebidas e imaginadas em campo geral. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, n. 6, p. 2-30, 2007.

THOMPSON, Paul. **A entrevista. A voz do passado**, 1992.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**.

WEBER, Marx. **Três tipos de poder e outros escritos. Tribuna da História**, Lisboa, 2005.

APÊNDICE I

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES E PARTICIPAÇÃO EM RODA TCI

PROJETO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL PPGDS UNIMONTES – RODAS DE TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA TCI

Estou ciente dos objetivos do Projeto das Rodas de Terapia Comunitária Integrativa, sob coordenação de Thaisa Maria Fonseca Almeida, cuja orientadora de Mestrado é a professora Dra. Andréa Maria Narciso Rocha de Paula, sendo realizado no Centro de Convivência com apoio da Secretaria de Assistência Social. Autorizo a utilização das informações por mim prestadas nas rodas, desde resguardado o sigilo e de que não seja possível identificar os e as participantes nas rodas de TCI. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, debates, textos, artigos, entre outros. Autorizo ainda a divulgação de minha imagem e/ou informações por mim prestadas, cujas fotografias foram retiradas pela Secretaria Municipal de Assistência Social. Os resultados serão divulgados após o término da qualificação, sendo agendado novos encontros com essa finalidade através da Secretaria citada.

Assinatura do/da Participante

Thaisa Maria Fonseca Almeida
thaisamalmeida@hotmail.com

Ponto Chique MG, 2020

APÊNDICE II

CABEÇALHO

- Quantidade de integrantes do grupo: 6-8
- Caracterização do grupo: mulheres idosas, residentes em Ponto Chique MG
- Tempo estimado de cada momento: 60-100 minutos
- Tema geral: memória, lugar e literatura
- Referência Literatura: Buriti
- Material de condução: imagens/fotografias
- Preparação do espaço: frases da novela Buriti sobre a relação de mulheres com o lugar sertão, sonografia de viola caipira, mesa de lanche da tarde e doce caseiro, varal para colocar fotografias trazidas por elas, crachás

DINÂMICA GERAL

1 Acolhimento com dinâmica relacionada ao tema do grupo focal em questão

Tempo estimado: 10minutos

2 Explicação da pesquisa e objetivos, realização de contrato

Tempo estimado: 10minutos

3 Realização do grupo focal

Tempo estimado: 60minutos

4 Encerramento com lanche da tarde e momento de agradecimento

Tempo estimado: 20minutos

ORIENTAÇÕES ANTERIORES

- Pedido de levar fotografias.
- Apoio: técnicas de referência do Serviço de Convivência/CRAS – acolhimento e convite
- Acadêmica do curso de Ciências Sociais e membras do Opará-Mútum – registro,

observação;

GRUPO FOCAL

Tema: história dos lugares e de um município beira-rio

- Quebra-gelo: se apresentar falando o nome, como gosta de ser chamada e o motivo da fotografia

1 E essas fotos foram tiradas onde? Qual a história delas? Qual o ano e o lugar, o que se lembram desse tempo dessa foto

2 Qual a primeira lembrança que vocês têm de Ponto Chique?

4 E a história de Ponto Chique, como é que é contada? Como que ficaram sabendo dessa história? Conhecem outra história diferente?

5 Como são as mulheres desse lugar? Vivem do quê? E viviam do quê no tempo de vocês?

- Tema: narrativas de vida e identidade na relação com o lugar
- Quebra-gelo: dizer quanto tempo vivem aqui, e com o quê trabalhava ou ainda trabalham.

1 E como é que vocês vieram para cá? Por qual motivo? Por quais lugares passou? Qual lugar mais te marcou?

2 Quando eu pergunto da história de vida de vocês, qual a primeira imagem que vem na sua cabeça...

3 Onde você tá nessa lembrança, qual lugar aparece nela... E em qual tempo

4 Como é que os outros te identificam aqui, quando alguém vai falar quem é você, como diria...

MAPEAMENTO 1: LIVROS DE ESCRITURAÇÃO

CADERNOS/LIVROS SEU/VÔ/PAI ALEIXO CATALOGADOS	
OBS: Morou na Costaneira até 1980, em 80 foi para Montes Claros, em 82-83 para Ponto Chique. OBS2: O que está entre aspas são anotações dele nas contracapas dos livros. OBS3: Ele chamava de livros, e se encontram numerados, por ex. Livro I-01, I-02, I-03,... OBS4: O que está entre parênteses são descrições minhas que se encontram nos cadernos, como a maneira que estava tabelado.	
ANO	Título no Caderno/Livro
1980	Gado Vendido a Côco Botelho Em 14/06/80 Costaneira Ubaí MG
	Preços - Do Tempo do Congelamento (organizado por ordem alfabética)
	Presença de Visitas Depois de minha chegada definitiva em 11-11-80 (Chegada em Montes Claros)
1984	PDR 02 Preços de Remédios 30/01/1980 'Começo deste controle em 07-04-1979 no Livro PDR-01 foi ideia de Aristeu F. Da Cruz. O livro PDR-01 durou 58 meses e como já está bem estragada, resolvi preparar este livro, Nº PDR-02 em 30/01/1984. Este é mais moderno com 32 folhas. Gastei muitos dias para preparar o livro PDR-02'
1985	Livro I-06 Indicações Costaneira 'Servirá para escriturar as informações sobre as doenças das pessoas, que vem procurar remédios sendo com indicação minha' Continuação do Livro I-05-pág. 64
	Filhos e netos Idades Estudos Casamentos etc. A passar a limpo
1985-1986	Chuvas nas aguas 1985 a 1986 de julho de 85 a junho de 86 - abril de 87 Costaneira 24-04-85 (1 Tabelado por data, milímetros e quantidade; 2 Tabelado por data, começo hora, final hora, grossura, duração minutos, medida dia-hora, observação e etc., medida em milímetros, quantidade chuvas)
1989	Anotações de Notícias Pela Televisão, Rádio e Jornal-local em 1989
1989/1990	Chuvas nas aguas 1989/90 'Servirá para a escrituração das chuvas ocorridas nas aguas de 1989 e 1990' Ponto Chique, 02/09/89 (Tabelado por data, milímetros e quantidade)
1990	VMC Viagem a M. Claros Nº 01/90
1991	Viagem Belo Horizonte Chegada aqui 22/05/91 Saída 18/05 Por Cachoeira Do Manteiga
	Notícias do Rádio e da Televisão e Outras 04/02/91
1992	Reforma da Igreja 2ª Etapa Igreja Sant'Ana Ponto Chique 06/05/1992
1994	Compra de Gado de Sociedade com Vanilson R. Almeida
	Livro Nº 5 Tesouraria da Igreja a partir de 16 de setembro de 1988 'Servirá para a escrituração dos negócios da Igreja sob a responsabilidade do Tesoureiro: Aleixo Gonçalves Pereira'
1995	Abóboras Meninas Brasileiras. Colheita de um Pé Plantado na Horta Ponto Chique 14/12/95
1996	Eleições 1996 Ponto Chique 04/10/1996 (Opiniões de votos e eleitorados, Ponto Chique, Ubaí, Brasília de Minas, Campo Azul, Santa Fé, São Romão, Icaraí de Minas, São Francisco, Montes Claros)
1996-1997	Chuvas em 1996-1997 Ponto Chique (tabelado em data, hora começo chuva, hora término chuva, duração minutos, hora da medida, tipo da chuva, medida em milímetros, quantidade chuva)
1997-1998	Chuvas em 1997-1998 Ponto Chique (tabelado em data, hora começo chuva, hora término chuva, duração minutos, hora da medida, tipo da chuva, medida em milímetros, quantidade chuva)
1998	Calendário de Ocorridos 1998
1998-1999	Plantação e Colheita de Abóboras e Outras Verduras, Frutas Em 1998-1999 Ponto Chique, 16-12-1998 (Difícil de ler, caneta borrada devido à água)
	Construção da Casa para Depósito 1998 e 1999 Ponto Chique 15/12/1998

1999	Cientes que vão receber vinho, folhinha guaraná e outras Natal de 1999 Ponto Chique 20/12/1999
1999-2000	Calendário de Ocorridos Negócios e Etc. Falecimentos
2002	Dólar Controle de Aumento de Dólar Mensal Quinzenal Dez Dial e Cinco Dial Ponto Chique 10/10/02 (tabela em preço do dólar e aumento por cento)
2003/2004	Chuvas em 2002 de julho de 2002 a junho de 2003 Ponto Chique 27/09/2003 (tabelado em data, horas, minutos, milímetros, quantidade de chuva e observações)
2004/2005/2006	Chuvas em 2004/2005 e 2006 Ponto Chique 21/09/2004 (tabelado em data, horas, minutos, milímetros, quantidade de chuva e observações)

TRECHOS SELECIONADOS

1989	ANTRJL Anotações de Notícias Pela Televisão, Rádio e Jornal-local em 1989
1991	NRT Notícias do Rádio e da Televisão e Outras 04/02/91
1998	CO Calendário de Ocorridos 1998
1999-2000	CONF Calendário de Ocorridos Negócios e Etc. Falecimentos

DATA	TRECHO	LIVRO
04/01/1989	Inflação de dezembro de 88 28,79% (p. 8)	ANTRJL
06/01/1989	Último capítulo da novela 'Vale Tudo' (p. 5)	ANTRJL
14/01/1989	Roberto Freire do PCB candidato a presidente da república, com 02 anos, 10 meses e 17 dias o cruzado mudou de novo	ANTRJL
15/01/1989	Plano verão, as coisas estão subindo, decreto congelamento, câmara não aprovou, o presidente red decretou (p. 17, 19)	ANTRJL
16/01/1989	Os bancos serão fechados para resolver o novo cruzado (p. 14)	ANTRJL
15/09/1989	82057414 eleitores que vão votar em 15/11/89 JN	ANTRJL
31/10/1989	Eleição presidente da república Color PRN 28;% Lula PT 14% Brizola PDT 15%	ANTRJL
15/11/1989	Presidente da república votações Ponto Chique Collor 660 votos Lula 81 votos Brizola 16 votos dados fornecidos por Nilmar que telefonou para Tião Ferreira	ANTRJL
22/11/1989	Começou sair as pesquisas sobre preferências para 2 turno, Collor 50% Lula 38%	NRT
15/02/1991	Guerra no Golfo - Presidente Sadã Hussein declarou disposição de retirar as tropas do Kwait, EUA não aceito, continuou os ataques (p. 4)	NRT
26/02/1991	A guerra começou em 16/01/1991 e hoje parece estar acabando - o Iraque tem 10 estados e 1300 poços de petróleo, o Kwait que durante 6m ficou sendo estado do Iraque tem 950 poços - hoje tem mais de 500 poços queimando foram incendiados pelo Iraque JN (p. 9)	NRT
28/02/1991	Se Sadan Hussein cumprir a resolução da ONU e mais outras exigidas pelos EUA, a guerra está acabada. Os EUA disse (a televisão) que as forças aliadas já fizeram mais de 165000 prisioneiros com a rendição e capturas (p. 12)	NRT
01/03/1991	Agora tem o F.A.F Fundão, salário de abril é 1700 + abono 3000	NRT
01/03/1991	Não sabem onde está Sadã, pediu exílio na Argélia (p. 24)	NRT
12/03/1991	O Iraque está em revolta, está em revolta contra Sadam Hussein (p. 27)	NRT
25/03/1991	A guerra no Golfo-Iraque acabou no final de fevereiro de 91, depois do fim da guerra do Iraque começou uma rebelião dos iraquianos e já no final de março a rebelião não acabou. (p. 30)	CONF
27/09/1991	Alta de combustíveis gasolina 228 álcool 178 (verso)	CONF
14/01/1998	Vanilson e Carlos de Betânia chegaram de Goiânia trazendo os 2 ônibus que compraram lá (p. 7)	CO
08/03/1998	O PMDB não vai lançar candidatura própria, vai apoiar o candidato à reeleição de FHC (p. 17)	CO

10/03/1998	Nova lei que entrou em vigor em 11/03/98 A partir de 11.3 o registro de nascimento e registro de óbito serão gratuitamente (p. 18)	CO
11/03/1998	Reunião com o sargento local para decidir sobre as leis do novo código de trânsito - dizem que liberou para os 'sem carteira' dirigir e mais outros faltos (p. 19)	CO
11/03/1998	Reunião com o sargento local - 'para esclarecer e incentivar os comércios sobre o perigo dos saques que vem ocorrendo em outras cidades - e outros estados- por intermédio dos sem terra e dos povos com fome. Pediu segredo, para não comentar assunto - sóficar atentos. Reunião até 20/03 (p. 26)	CO
21/05/1998	A lei do trânsito aprovou o bafômetro (p. 19)	CO
22/12/1998	Governo criou a lei: quem faturar mais de R\$ 6000 por dia terá que ter uma máquina registradora que faz o cupom fiscal	CO
10/01/1999	Primeira remessa de telefones ligados. A segunda em 01/04/2000 (p. 49)	CONF
27/09/1999	O dono da firma do asfalto chegou aqui (p. 11)	CONF
26/11/1999	Reajuste do contrato com Jackson, comissão 6% das vendas, em 1996 era 5% (p. 25)	CONF
12/12/1999	Assalto a mão armada no posto de gasolina, levou 300 (p. 30)	CONF
21/12/1999	Itamar Franco avisou sua saída do PMDB não avisou em qual partido vai filiar (p. 32)	CONF
22/12/1999	Jogo finalista campeonato brasileiro Corinthians fica com o título campeão Atlético ficou em 2 lugar (p. 26, 31, 32)	CONF
28/12/1999	Jogada política com a eleição da presidência da câmara municipal (p. 35)	CONF
03/01/2000	Formação do conselho da igreja (p. 38)	CONF
04/01/2000	Dolar 1,84 Inflação de dezembro de 99 0,8% (p. 21)	CONF
26/02/2000	Ladrões de porcos na fazenda Novaera (p. 41)	CONF
23/03/2000	Salário mínimo aprovado passou de 136,00 para 151,00 aumento de 11,62% (p. 42)	CONF
30/03/2000	A farmácia abriu em Ponto Chique funcionando na loja de Zezé Costa	CONF
29/04/2000	Primeira reunião dos alcóolicos anônimos	CONF
22/08/2000	Reunião com Frei José e o prefeito Augustinho Ramos. Doou lote para o salão paroquial, prometeu pintar a igreja (p. 10)	CONF
23/09/2002	Convidando para comemoração do aniversário da cidade 28/09/2000, porém não está certo, a data de emancipação é 21/12/1995	CONF

MAPEAMENTO 2: NARRATIVAS BURITI

NARRATIVAS MULHERES BURITI

Vemelho: como são apresentadas/descritas

Legenda

Azul: diálogos de mulheres

Roxo: cotidiano, rural urbano

Verde: metáforas gente/natureza

	1 a 30			31 a 60								
	1 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60						
Dona Lalinha, Leandra, Mulher de Iô Irvino, cunhada de Glória, de Maria Behú	2	Dona Lalinha é uma linda mulher, tão moça, como é possível que o marido a tenha abandonado? Nela não se descobre tristeza, nem sombra de infelicidade. Parece uma noiva à espera do noivo. Vê-se, é pessoa fina, criada e nascida em cidade maior, imagem de princesa. Cidade: é para se fazerem princesas. Sua feição - os sapatinhos, o vestido, as mãos, as unhas esmaltadas de carmesim, o perfume, o penteado.	13	A Dona Lalinha, todos serviam e admiravam. - É uma dona bacharela de instruída! - disse nhô Gualberto Gaspar.	22	Flôr de jardim, flôr em vaso.	37	Ser uma estranha - isso era ser culpada.	41	"Lala, você casada e não-casada, assim, sente falta de homem? Me conta? É o mesmo que viver..."	51	E o Gual, taimado, lambório... os olhos dele baixavam em Glorinha, como para um esflôr.
		Se, em desprevenido, ela surgisse a pé, numa volta de estrada ou à borda de um mato, os capiaus que a avistassem faziam enorme espanto, se ajoelhavam, sem voz, porque ao milagre não se grita, diante.	14	Ela, essa, é fêmea de iô Liodoro	23 e 24	Minha sorte ainda não é má. Ainda não vivi... Eu sou e sempre fui uma mulher honesta...	37	temia pudesse da cidade se esquecer, de sua vida de antes, de tudo o que pensava fosse seu.	42	Lalinha, curioso como ela ali perdia todo o desejo da cidade, que se adia de repente quase desistida...	52	Descobria tantas coisas. Como se só agora estivesse chegando ao Buriti Bom: tão demorado tempo estivera vivendo ali, e não tinha sabido reparar na simples existência das pessoas.

	Evita conversar, está certo, na situação dela. Tem de ser mais honesta que todas. Todo o mundo tem de afirmar que ela é honesta, direta. Sempre uma mulher casada.									
3	Dona Lalinha, de se jurar, está aqui forçada, presa, nesta fazenda. Iô Liodoro sabe que Irvino não vai voltar nunca mais, mas ele guarda a nora em sujeição, para garantir, mesmo assim, a honra do filho? E Dona Lalinha não vai poder sair, jamais, até que envelheça, ou que o carcereiro um dia morra.		24	A separação arrumara bem o fim - como um fecho de negócios...- restituíram-lhe o nome de solteira. Filhos, felizmente, não tinham... Quite estava com todos eles, com aquela família roceira e longíqua.	Eu também igual a elas, não tenho mãe.	47	" Ele me espia com cobiça"... "ele precisa disso, de um pouco de beleza..."	53	Ferisse-a, batesse-lhe, gritasse infâmias acusações - mas violador, macho, brutesco. Como poderia chamar-lhe? "Prostituta?" E ela, desabrida - "Sim, sou uma sim!..."	
4	Dona Lalinha tem de conservar sua solidão, não pode receber o prazer de outro homem.			Com o ruje e o batom, e o rímel, o lápis - o risco que alongava os olhos- ah, no senhor sertão, sabiam que isso existisse? Sim, tinha de ser como numa mascarada.	Glória, meu-bem, vocês não sentem a vida envelhecer, se passar?	48	sorriu queria ser flôr, toda coqueteria sinuasse sua voz... ah, como queria ser um objeto dável... Ela era bela, criava um poder de prazer	54	Que ele visse e soubesse que ela era vã, e frívola e ventoinha, como as más mulheres, as que mais tentam... O Buriti Bom para ela, tivera fim.	
			25	Sentiu prazer em telefonar a amigas: "- Vou, com meu sogro, passar uns tempos na fazenda..." E, aqueles dias, moveu-se. Nem parecia a mulherzinha para e indisposta, que se considerava... Queria ser prestimosa e eficaz... Despreocupada embarcou, no trem-do-sertão... Surgia-lhe que o casarão sempre contara com sua vinda, fizesse imenso tempo que a aguardava...	38	... gostava de dizer-se que estava no Buriti Bom para uma ação de penitência... Donde lhe vinha o apego àli?	49	Obedecia-lhe - aquele homem corpulento, poderoso, - e penetrava àquela hora, em seu quarto-quase uma profanação!	56	E, agora, era capaz de não chorar por Behú - tanto a amava, tanto a compreendia, de repente. E aquilo, sem razão nenhuma nem causa, sim: - Morrer talvez seja voltar para a poesia.

					Assustava-a, qual se fosse uma velhice							
Maria da Glória, Glória, Glorinha, Filha de Iô Liodoro	2	Glorinha é loura - ou, alourada. Mais bonita do que ela, dificilmente alguma outra poderá ser. Bonita não dizendo bem: ela é bela, formosa. Quanto tudo nela respira saúde.... Glória: o olhar dado brilhante, sempre o sem-disfarce do sorriso como se abre, as descidas do rosto assinalado - uma onçazinha.	12	" nossas estrelas daqui tão nossas " Em tudo o que dizia, decerto em tudo quanto pensava, ela era rica... Temesse? Maria da Glória ainda não aprendeu a sabedoria de rezear, ela precisava de viver teimosamente.	22	É moça de muita saúde e bôas prendas domésticas, preceito virtuoso... Deriva de raça muito cristã	32	Aqui, a gente tem liberdade de usar o que quiser, é como na cidade. Mas, para ir à Vila, é um horror: falam de tudo, tudo reparam.	42	A Vila, para Glorinha, era uma das janelinhas do mundo.	51	, era uma menina, cheirava a menina.
		...ela ainda oferece sua natureza, tem a fraqueza da força. É pura, corada, sacudida.	15	o povo acha que ele não devia consentir em Maria da Glória com tanto arvoamento, gineteando sozinha pelos campos, e não se pejava de querer companhia de homem, para conversação... É pelos costumes		...ela era cadeiruda e seiuda, com olhos brilhantes e pele bôa e pernas grossas - como as mulheres do sertão tinham de ser... Tinha suor e cuspe, como a boca da gente se enche d'água e o corpo dele Miguel latejava; como as estrelas estando.	33	No Colégio, as freiras não queriam que entre nós, internas, as amigas formassem pares constantes... Nós, do sertão, gostávamos de andar juntas com as do Curvelo... As curvelanas, sabe, eram as mais unidas, e as mais bonitas- e as mais orgulhosas... Papai não dá liberdade a ninguém, nem tira...	44	no modo de querer acentuar inocência, às vezes se mostrando mais roceira e sertaneja do que fosse.		

3	<p>Glorinha é afirmativa. Mas uma moça, mesmo por assim ser, engana. Às vezes dizem coisas, por despenho, desenleadas - querendo ver o embaraço do homem, só por experimentar... Ela é franca demais, vive demais, abertamente; é uma mulher que deve desnortear, porque ainda não tem segredos... Mas ela é ainda sadia, simples, ainda nem pecou, não começou.</p>		27	<p>Ali, Maria da Glória encorajava Lalinha, que não temesse bois bravos</p>	35	<p>Maria da Glória perdoava tudo aos homens?</p>	<p>eu gostava de poder parecer nua, nua, para que todo mundo me espiasse... Mas ninguém pudesse ficar sabendo quem eu era... Eu punha máscara.</p>
10	<p>Maria da Glória era a bela, firme para governar um cavalo grande, montada à homem... Galopava por toda a parte, parecendo um rapaz. Alegria, era a dela. - "Sou roceira, sou sertaneja!"</p>	20	<p>Maria da Glória atravessava a campina. Do Brejão-Do-Umbigo, garças convocavam.</p>	<p>Lala... Você acha que é certo uma moça solteira, como eu, pensar em... assim: gostar dessas coisas? Sabe, eu sei que é pecado, eu sei. Mas você acha que é certo, de ser: que as outras moças são assim também?</p>	40	<p>Glorinha era lisa e jovem, uma sertaneja</p>	
				<p>Casamento não é sorte? Não penso nisso, não. Não me importo de ficar para tia... Prefiro morar sempre aqui, com Papai e Behú, gosto do Buriti Bom</p>		<p>Mas você não vê, meu bem, que está é namorando com todos? Que está sendo de todos, linda assim, sem ser, sem saber?</p>	

<p>Maria Behú, Irmã de Glorinha</p>	<p>2</p>	<p>Todo modo de Glorinha, o que move e dá, é desembaraçado. Ninguém diria que ela é irmã de Maria Behú. Destitosa, magra. Maria Behú, parecendo uma velha. Para ela, ter de viver com a cunhada e a irmã, na mesma casa, deve ser um martírio. Maria Behú reza, quase todo o tempo.</p>	<p>16 e 17</p> <p>Por que, o buriti-grande, o derribassem? Era o maior, perante tudo, um tanto fora da ordem da paisagem. Sua presença infundida na região uma sombra de soledade. Ia para o céu... Inventando um abismo. - Ele é que nem uma igreja... - Maria Behú disse. Maria Behú foi a primeira que Miguel conheceu... acolheu Miguel com agradada maneira, ativamente melancólica... Maria Behú murchara apenas antes de florir, não conseguira formar a beleza que lhe era destinada... Ela parecia uma prisioneira: que tivesse conseguido, do lado de fora, alguém que lhe desse uma atenção... A maneira de olhar, vez a vez, vigiando se as outras já voltavam... Maria Behú era uma criatura singela... Dizia da roça, da vida no sertão, que seria pura, imaginada simples e ditada de Deus, contra a vida da cidade.</p>		<p>34</p> <p>Quem vem dos Gerais, é alegria adiante, tristeza atrás..." Maria Behú estava citando um ditado de Vovó Maurícia... Maria Behú gostava de rezar e ser triste.</p>	<p>41</p> <p>"Ele respeita muito a Maria Behú..." - alguém dissera. Com efeito, era a Behú quem mais zelava por ele, dava-lhe severo e caridoso amparo.</p>	<p>55</p> <p>Maria Behú estava morta... e a morte a embelezara. Partira, na aurora... Mas a Maria Behú compreendia, mais que a todos. Behú: "Ela também dia a dia se afastava para longe de vocês, para muito longe..."... Como os buritis bulhavam com a brisa - baixinho, mil vezes. O buriti - o duro verde: uma forma. Mas Maria Behú entendia: "- O Buriti relembra é o Céu..."</p>
-------------------------------------	----------	---	---	--	---	---	--

		Ao contrário de Maria Behú - de perdida fisionomia . Maria Behú amarra esticados os cabelos, num coque, sem nenhuma graça , se desfaz.	19	Segundo nhô Gualberto Gaspar, Maria Behú devia de ter as tentações .				36	Não, o sertão dava medo ... Talvez toda quantidade de bondade do mundo não bastasse... E seria preciso se produzir mais bondade - como a de Maria Behú e Maria da Glória, que pareciam tanto estimar e proteger aquela gente pobre...	42	Depois, ela esteve doente... Grata todavia a tanto trato de carinhos - de Glorinha, Maria Behú, Tia Cló, de todos.	56	indo dar notícia a Vovó Maurícia, e entregar-lhe o bonito crucifixo de Maria Behú, que tinha relíquias, de roxas florinhas da Terra-Santa.
	5	Faltava uma dona; porque lô lodo, conquanto rijo fioso e em saúde como autoridade, descreia de se casar segunda vez. Aí, haviaas duas filhas moças, assim uma da outra diversas: como a noite e o sol, como o dia e a chuva. Nhô Gualberto Gaspar não gostava de Maria Behú... Destino desigual do de Maria Behú, essa nunca acharia quem a quisesse , nunca havia-de. Maria Behú, tisna, encorujada, com a felice de uma antiguidade .						Behú armava o grande presépio , no quarto-da-sala... Que ensinavam a beleza a confusos olhos.	44	adoecera, nas dôres de um reumatismo tão forte...			
	6	A ver, tirante e malvolência de Maria Behú, a pobrezinha desgraçada , em birra com seu mesmo aspecto. Ao leve quisesse criticar, achava também que aquele luxo constante de Dona Lalinha chamava a atenção demais, não assentava bem com o sertão do lugar, com o moderamento regrado, simplicidade nos usos .								45	Sua virtude não desalentava ninguém - compreendia-se que devesse mesmo rezar e isolar-se, como a tirolira desabrocha madrugada, tamanho de um bago de orvalho , como os anjos precisavam trazer-lhe o remédio. Tinha-se de aceitar, sonso verdezinho capim, medrando grau em grão , um diferente amor por Maria Behú, uma		

Dona-Dona, mulher de Nhô Gualberto Gaspar	8	,da cozinha e do terreiro, se ouvia sua voz, ralhando com os filhos da cozinheira. Eram voz e zanga que começavam com ímpeto maldoso, mas que terminavam quase suaves, numa prudência.	14	Sua mulher, Dona-Dona, fora bonita, para o seu escasso gosto. Agora, estava feiosa, sem os encantos do tempo. Anos antes, ela não deixava a Gulaberto nenhuma sensível tranquilidade. Ciúmes ele também curtira, mesmo sem nenhuma razão, pois Dona-Dona era séria baseada; mas ele não podia constituir que outro homem observasse a mocidade dela, que só ao marido competia... Gulaberto a vigiava, escondia-a em casa, gostaria que ela amojasse, senata, de muitos filhos, por se precaver, Agora, a bem, esta vida!							41	... A calada mulher de Nhô Gal, mais calada de feia, via-se que moça fora mulata e agora envelhecida tendendo a ser preta, como uma ave.	56	"Doi dias que a Dona-Dona adoeceu passando mal. É das ideias...
---	---	--	----	---	--	--	--	--	--	--	----	--	----	---

9	<p>Dona-Dona, quando aparecia, não escondia sua infelicidade. Ela mesma era roxa, escura, quase preta, dessa cor que semelha sujeira em pele. Com um desajeitado pano à cabeça, ocultava seus cabelos, encarapinhar-se. Desparelhava de ser mulher de nhô Gualberto - parecia uma criada... Não se sentava, parava no meio da sala, extravagantemente desatenta, mas sempre respondendo ou empatando a conversa, quando bem lhe avoava. Dona-Dona queria mostrar que não era uma criada.</p>					58	<p>Dona-Dona rompeu num grito mais ameaçante. - "Aiaia!" Agora ela chamava pela mãe, havia já uma idade falecida.</p>
	<p>Dona-Dona recebia visitas, de mulheres de campeiros ou de trabalhadores de enxada, ou de capiaus vizinhos mais longe...Dona-Dona se debruçava à janela... Queria bramar avisando o mundo todo de que ela era senhora de posses, casada com um fazendeiro, e que tinha, dela, dela, só, um cavalo, ótimo de silhão, que ela era senhora de emprestar, a quem bem lhe tentasse.</p>					59	<p>Dona-Dona tivera melhora.</p>

A cozinheira preta	8 e 9	A cozinheira preta tinha uma porção de filhos pequenos. Dona-Dona, xingava sempre, porém, logo em seguir, se dirigia à própria cozinheira, era em tom gracejo, denunciando e explicando as artes dos meninos, como se os elogiasse. A voz da cozinheira não se ouvia.																	
Dona Dioneia, mulher do inspetor			11	Em outros tempos, homem matava homem, por causa de mulher! Mas o mundo vai demudando... Iô Iodoro e a Dona Dioneia, mulher legal do Inspetor... Que todo mundo saiba: que ela anda vadiando com Iô Iodoro... (...) mulher de fina voz, e que fala sempre muito alto								45	Dona Dioneia e o Inspetor tinham-se ido dali, para a cidade. Não nenhum conflito ou desavença, apenas se estragara a mal a saúde de dona Dioneia						

Mãe de Miguel, Nhanina		17	"Lembra minha mãe..." - Miguel pensou... Minha mãe muitas vezes tomava esse modo de falar. Quem sabe quisesse mais do que sentia e podia, fugia do que tinha de ser. A dela - a gente, sem querer, pensava - era bondade, perfeita ou insistida fraqueza? Minha mãe era todo amor, mas ela recitava palavras ouvidas, precisava de imitar a outros, e quando praticava assim parecia estar traindo.					
Vovó Maurícia, mãe de Liodoro, avó de Maria da Glória e de Maria Behú			Vovó Maurícia é das Gerais	28	Lembrei de Vovó Maurícia, você sabe? Ela é quem diz: - A gente deve de ter muitos filhos... A gente se casa é para lua de mel e luas-de-méis!			
		18	, sendo Maurícia sua mãe, que no meio dos Gerais residia... E tinha o queixo forte e todos os dentes, e muito brancos-não do branco do polvilho ao sol, que só em boca de moça que às vezes se vê, mas o branco dos ovos de coruja, que é são como uma porcelana, e limpo calcareamente.		gosta de vinho... Ela conta coisas da mocidade , tão divertidas: reproduz em assovio as músicas das dansas antigas...		41	Mas esse rito final do fôgo sempre pertencia de direito à Vovó Maurícia... - "Minha mãe-que Deus lhe ponha mais saúde-... conforme que está la, nos nossos Gerais..." Assim a festa findara.

Tia Cló					26	Espécie de mordoma ou caseira, parenta afastada... Trabalhadeira em geral , como ela sem mais ninguém.	37	que se sentia feliz, só de ter podido um dia visitar o Santuário em Curvêlo , e de ser uma bôa doceira .	41	Quando vinha Tia Cló, com o bando de criadas e ajudadoras...	51	Tia Cló cantarolava um mote; que, nascida em terra outra, em alto dos morros, assim o fino da friagem alegrava-a.
					42	Com Tia Cló, ia-se ao cerrado, apanhar mangabas para doce.						
					46	Tia Cló repetia que o Buriti Bom era o melhor lugar no mundo						
Tia -vó Rosalina, prima e amiga de Vovó Maurícia					28	Ou então a prima dela, menos velhinha e mais bonita ainda... As duas tão amigas foram casadas com dois irmãos.						
Tia Béia, casa dela em que vovó Maurícia mora												
Dô-Nhâ, mulher amiga de Behú, Glória e Liodoro					28	Uma senhora, muito bôa, engraçada , você vai ver ela, ela vive da banda de lá do rio... Ela tem poderes... Ei, desmancha coisa-feita, desata contratos... Ela sabe manha e arte...	31	Eu havia de ter vergonha de ser mulher de quatro... Daí depois, uns tempos, eu já não era boba, pensava nessas providências da vida, e resolvi mandar - pois todos me obedeciam e me agradavam.				

								<p>29 aquela mulherota, de curta cara arredondada, com uma pinta de verruga pondo um buquê de pêlos... Ela séria, séria demais, de propósito; e como fungava... Fazia-se de louca sobre louca?</p> <p>ele há de vir, feito beija-flôr à flôr de ingá, como vagem seca de tambril viaja no vento</p> <p>Espera, isso é depois Dô-Nhâ. Senta aqui com a gente, conta as notícias do mato.</p>															
								<p>30 viveu vida estúrdia... Por muitos anos, nos Gerais, teve de ser mulher de quatro homens... Era do Cacoal... Mocinha nova, sem nem ter quinze anos, o pai e a mãe conversaram de repente que ela tinha de se casar... Donzelinha como era, não podia ter juízo.</p>															

						eu tinha opinião de amor... Mas fugi - em risos, em rezas, e em prantos... A gente não se presume... Vender couro de bichos, plantar mandioca, pescar peixe... Eu era muito menina, não podia ter juízo.						
As mulheres da cozinha							35	Aquelas mulheres da cozinha, para elas os ecos do mundo chegavam de muito distante, refratados... Dividiam bichos e entes - os que eram de Deus e os que não eram.	41	As mulheres-da-cozinha, que às mais tudo olhavam, a festa e a fogueira bendita, tudo prazia-as e tudo agradeciam, redondo meninamente.	56	, rezavam junto ao corpo.
									45	, que eram moças e velhas, risadinhas tossicavam e conversavam irmãs as novidades repassadas, como os acontecimentos da vida chegavam a elas já feito num livro de figuras... Elas eram muitas, sempre juntas, falavam juntas, as Mulheres da Cozinha.		

Os pobres do mato												36	<p>Em certos dias, surgia na varanda uma mansa gente - os pobres do mato. Eram umas velhas, tiritáveis, xales pretos tapando remendos e molambos, os rostos recruzando mil rugas; e as rugas eram fortes... Aqueles roupas, tinham sido fiadas e tecidas à mão, por suas mães ou mulheres, ou filhas.</p>							
Mãe de Norilúcio														42	mandara-lhes para o jardim duas mudas de plantas: de uma flôr do sertão.					
Mariazé, Maria-Dá-Quinal														43	<p>A mulher, ainda moça, com cara de assassina. Acocorara-se no chão, a um canto, desprezava o banco, seus pés as saias encobriam. Iô Ísio a trouxera, ela esteve lá um dia e uma noite, nem mais; viera para aquilo... é uma dos Tachos... A mulher com cara de assassina... Enrolava nos dedos as franjas do xale... Aquela voz seca, torrada... Era uma bruxa... Dela não se podia esquecer..., fora buscada... obediente às terríveis ordens da mulher de Angueretá, mal pareceria um homem.</p>					

Rapariga de Caá-Ao									45	, e junto uma rapariga do Caá-Ao , muito alta, muito magra, levando ervas de chás e feixe de ramos de se queimar para aliviar a respiração, e um balaio de laranjas doces.		
Dondoia									48	"- Apareceu grávida... " A mocinha desvirginada, deflorada... Que quem fizera mal à mocinha supunha-se certo o João Rapaz, filho do vaqueiro Estaciano. -"O rapaz se autorizou dela... " Abusara-a.		
irmã Anja									49	Recado para minha irmã Anja, na Lapa, vir, para rezar junto...		
Sinhanha Cilurina									49	Sinhanha Cilurina falou, tudo está regrado na História Sagrada		
Iaiá Vininha											52	, mãe de Glória, e Behú, de Ísio e Irvino... diziam que sempre a tratava bem, carinhoso, ela fora linda.

MAPEAMENTO BURITI PALAVRAS DESCONHECIDAS

agrimensor	8	aeiouava	19	agadanha	22	adjutorar	39	adejo	45	airosa	51
arrulho	7	anca	10	alquitão	23	corripe	32	deã	44	andrade	58
campônio	7	árdego	18	anhanio	21	enanelar-se	37	desencaiporar	49	desasia	58
farnel	1	crasso	12	arção	22	esparzidos	32	entrudo	44	estearina	52
luscufo	7	crisso	16	arreito	22	esquipático	40	estro	48	impagem	59

monjolo	2	deletreasse	14	avougo	22	insciência	34	fastio	49
nhambú	1	embira	10	boleia	23	jangla	32	garbo	41
piquete	4	espiririca	19	crasso	27	olor	39	labrigava	47
plastras	7	estrovenga	16	cuchusmo	22	pernóstico	39	ladino	47
regateirice	8	fanhol	12	exprobração	29	sazão	39	monjolo	46
regato	1	glosa	15	hirta	29	simil	38	nevalgias	45
sapopembas	8	machete	14	môrma	21	suasiva	33	ramerro	46
saracuras	1	mutamba	10			tunda	34	restilo	46
sipipilo	1	novilha	10			urutáu	37		
socó	1	ouriço	12			vezo	34		
sorna	6	rês	12						
tatala	7	retoleima	15						
		urú	12						
		vlim	16						